



**NOS CAMINHOS
DA ETERNIDADE**

**בנתיבות
הנוצח**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, reproduzida, ou traduzida para qualquer idioma, por meio de qualquer sistema, mecânico ou eletrônico, sem autorização expressa do autor.

Autor: Rabino Isaac Dichi
Redação, tradução
revisão e diagramação: Ivo e Geni Koschland e Saul Menaged
Capa: Márcia W. Kalmus
Impressão: Book RJ

בנתיבות הנצח

חלק א

על פרשיות השבוע והמועדים

Nos Caminhos da Eternidade I

Segunda edição, revisada

Uma abordagem sobre as parashiyot e comemorações judaicas. O enfoque sobre os princípios básicos do judaísmo, as virtudes do homem e as condutas que o ser humano deve seguir.

De autoria de

Isaac Dichi

Rabino da Congregação Mekor Haim

Editado pela Congregação Mekor Haim

Rua São Vicente de Paulo, 276

S. Paulo SP - Brasil

Fone: 3826-7699

Adar Bêt 5765

ÍNDICE

Introdução	13
Bereshit / בראשית	
Bereshit I / I בראשית	
Nossas Forças se Revigoram Por Meio da Torá e Suas Mitsvot	18
Bereshit II / II בראשית	
Tudo Consta na Torá	22
Noach / נח	
Descanso – Tranqüilidade e Serenidade	25
Lech Lechá / לך לך	
A Importância do Meio-Ambiente	28
Vayerá / וירא	
Berit Milá	32
Chayê Sará I / I חיי שרה	
Os Valores Espirituais São Eternos	36
Chayê Sará II / II חיי שרה	
Imparcialidade nas Decisões de Nossos Atos	39
Toledot / תולדות	
Torá – O Sustento da Alma	44
Vayetsê / ויצא	
A Importância de Ser Constante	48
Vayishlach / וישלח	
Os Bens Materiais Usados Para o Progresso Espiritual	53
Vayêshev / וישב	
Felicidade e Harmonia	56

Mikets / מקץ	
Não Guardar Mágoa e Ressentimento	61
Chanucá / חנוכה	
Quantidade Versus Qualidade	66
Vayigash / ויגש	
O Valor da Vida Espiritual	70
Vaychi / ויחי	
A Educação no Caminho da Torá em Todas as Circunstâncias e Partes do Mundo	73
Shemot / שמות	
Shemot / שמות	
Yir'at Shamáyim – O Temor a D'us	78
Vaerá / וארא	
Yir'at Shamáyim – O Temor a D'us	82
Bô / בא	
A Família e o Chinuch aos Olhos da Torá	85
Beshalach / בשלח	
Não se Expor a Testes	89
Yitrô I / יתרו I	
Não Se Confrontar Com o Próximo	93
Yitrô II / יתרו II	
Os Preparativos da Outorga da Torá.....	99
Mishpatim / משפטים	
Leis que Regem a Sociedade	103
Terumá / תרומה	
Como Contermos a Presença Divina em Nosso Meio	107
Tetsavê I / I תצוה	
Como Alcançar o Conhecimento da Torá	112

Tetsavê II / II תצוה	
A Sabedoria	115
Zachor / זכור	
O Motivo do Ataque	118
Purim / פורים	
O Perigo Físico em Decorrência da Decadência Espiritual	121
Ki Tissá I / I כי תשא	
Conseqüências de um Forte Choque Emocional	124
Ki Tissá II / II כי תשא	
O Porquê da Quebra das Luchot – as Tábuas da Lei	128
Vayakhel / ויקהל	
O Espaço, o Tempo e o Homem	130
Pecudê / פקודי	
Nossas Iniciativas Devem Estar Baseadas na Torá	134
Vayicrá / ויקרא	
Vayicrá / ויקרא	
Os Erros Não Devem Passar Desapercebidos	138
Tsav / צו	
O Agradecimento a D'us Mediante o Corban Todá e Bircat Hagomel	141
Pêssach I / I פסח	
Uma Visão Profunda do Má Nishtaná	144
Pêssach II / II פסח	
A Matsá Mais do que um Símbolo	148
Sefirat Haômer I / I ספירת העומר	
Ascensão Espiritual	151
Sefirat Haômer II / II ספירת העומר	
O Poder Não Está nas Mãos dos Homens	154

Shemini / שמיני	
O Silêncio	157
Tazria I / I תזריע	
Lashon Hará.....	159
Tazria II / II תזריע	
A Cegueira da Vaidade	163
Metsorá I / I מצורע	
Taharat Hamishpachá A Pureza do Lar	166
Metsorá II / II מצורע	
Shabat Hagadol	172
Acharê Mot / אחרי מות	
Para Manter Acesa Nossa Chama Espiritual	175
Kedoshim / קדושים	
Não Praticar Excessos	178
Emor / אמור	
Yerê Shamáyim em Potencial	182
Behar / בהר	
O Motivo do Cumprimento das Mitsvot.....	186
Bechucotay / בחקותי	
Fortalecer-se Constantemente	189
Bamidbar / במדבר	
Bamidbar / במדבר	
Não se Deixar Envolver Pelo Ambiente	194
Shavuot / שבועות	
Os Mandamentos da Torá	198
Meguilat Rut / מגלת רות	
A Autêntica Força de Vontade	203
Nassô / נשא	
Não Decair do Nível Alcançado	208

Behaalotechá / בהעלותך	
A Ansiedade Pelas Mitsvot e seu Cumprimento sem Alterações	211
Shelach Lechá / שלח לך	
Nem Sempre a Maioria Tem Razão	215
Côrach / קרח	
A Inveja – Uma Doença Espiritual	218
Chucat / חקת	
A Tarefa de Cada Um.....	222
Balac / בלק	
Zerizut – A Agilidade	225
Pinechás / פנחס	
Responsabilidade Coletiva	227
Matot–Mass’ê / מטות מסעי	
O Perigo da Inversão de Valores	230
Devarim / דברים	
Devarim / דברים	
A Repreensão Derruba Barreiras	234
Vaetchanan / ואתחנן	
As Três Orações Diárias	237
Êkev / עקב	
As Bênçãos Sobre os Alimentos	241
Reê / ראה	
A Sensibilidade do Coração – Cashrut	244
Shofetim / שופטים	
O Remédio Contra o Medo	248
Ki Tetsê / כי תצא	
Não Fazer Diferença entre as Mitsvot	252
Ki Tavô / כי תבא	
A Alegria no Enfoque da Torá	255

Nitsavim / נצבים	
A Teshuvá	258
Asseret Yemê Teshuvá / עשרת ימי תשובה	
Recuperar os Dias Perdidos	263
Vayêlech / יילך	
A Riqueza Espiritual	266
Haazínu / האזינו	
A Assimilação	270
Sucot I / I סכות	
A Sucá – Respiração de Fé e Confiança	275
Sucot II / II סכות	
As Quatro Espécies – Quatro Órgãos	279
Vezeit Haberachá / וזאת הברכה	
A Aceitação da Torá e a Sua Transmissão por Moshê	283

INTRODUÇÃO

“Hodu Lashem Ki tov Ki leolam Chasdô”.

Com o coração pleno de gratidão ao Todo-Poderoso, é com imensa alegria que apresentamos uma nova edição revisada, do livro há muito esgotado, *“Bintivot Hanêtsach”* – “Nos Caminhos da Eternidade”.

Esta obra apresenta ensaios sobre as *parashiot hashavua* (porções semanais) e sobre os *moadim* (festividades judaicas). Na medida do possível, procuramos tratar de assuntos fundamentais do judaísmo como o *Berit Milá* (em *Parashat Lech Lechá*), o *Shabat* (*Vayakhel*), o estudo da *Torá* (*Toledot*), a pureza do lar (*Metsorá*) e a alimentação *casher* (*Reê*). Também apresentamos aspectos relevantes das festividades judaicas, explicando conceitos básicos do judaísmo. Buscamos ainda mencionar as virtudes que a *Torá* solicita de nós, os atributos que nos são exigidos e a conduta correta que ela nos ensina (como em *Parashat Yitró*, *Shemini* e *Kedoshim*), bem como os vícios dos quais devemos nos afastar, como a inveja (em *Parashat Côrach*) e a maledicência – *lashon hará* – (*Tazria*).

Acrescentamos em primeira edição, um segundo livro: *“Bintivot Hachayim”* – “Nos Caminhos da Vida”. Esta obra

apresenta palestras e ensaios sobre conceitos e princípios básicos do judaísmo, as virtudes do ser humano e a conduta correta à qual ele deve aderir.

É nossa esperança que o público tenha satisfação com estas obras e que elas colaborem para o fortalecimento do judaísmo autêntico, cujo principal objetivo é o cumprimento das *mitsvot* da *Torá hakedoshá*.

Esta edição é em mérito da Congregação Mekor Haim, de seus diretores e do público admirável que a freqüenta.

O vínculo que existe entre um grupo de pessoas, tem seus alicerces nos conceitos mais profundos do judaísmo. O Rabi Chayim Zaisik *zt"l* em seu livro *Col Tsofaich*, sob o título de *Sod Hashorashim* (o segredo das raízes), analisa o motivo da imensa tristeza do profeta Shemuel ao saber que o Rei Shaul seria destituído de seu reinado pelo Criador. Shemuel estava tão triste, que o Todo-Poderoso perguntou-lhe: “Até quando se prolonga seu luto sobre Shaul?” Certamente havia laços profundos entre as raízes das almas dos dois.

O livro *Shêvet Mussar* (cap.2), menciona, que há indivíduos que se aproximam de um *talmid chacham* e procuram ouvir seus ensinamentos, porque suas almas têm a mesma raiz e eram vizinhas no *Olam Haneshamot* (o Mundo das Almas). Como consta no versículo “*Yesh ohev davec meach*”, às vezes dois amigos são mais intimamente ligados do que dois irmãos. A explicação para isso é que provavelmente as almas dos irmãos não estavam próximas no *Olam Haneshamot* e as dos amigos, sim.

Os liames que uniam Shemuel e Shaul eram de almas, porque elas eram vizinhas no *Olam Haneshamot*. Quando Shaul não teve êxito em sua missão como rei (falhou somente nessa incumbência, pois de uma forma geral, o Todo-Poderoso tinha-o em alta conta), Shemuel ficou triste, pois sentia-se como um sócio nesta missão. O Próprio Criador consola Shemuel de seu pesar, declarando que Shaul só não foi bem-sucedido como rei, porém como ser humano era perfeito. e por isso, os laços espirituais entre eles persistiam.

Da mesma forma, um grupo de indivíduos que vive na mesma comunidade, no mesmo ambiente, tem laços espirituais profundos entre si. Por isso, eles devem sentir-se sócios em seus ideais e em suas tarefas em comum. O insucesso de um deve ser considerado o fracasso de todos e o êxito de um, o sucesso dos demais.

Todos nós temos, portanto, uma nobre e sagrada missão, que é a de construir uma comunidade sólida, fundamentada nos alicerces mais profundos e autênticos do judaísmo. E cada indivíduo deve ser um parceiro ativo para que alcancemos juntos, as metas espirituais sublimes.

Nesse aspecto, nossa comunidade, graças ao Todo-Poderoso, desenvolve-se a cada dia que passa. O número de seus frequentadores é expressivo (*ken yirbu*) e tanto a sinagoga quanto as salas de aulas estão sempre repletas de jovens. Em todos os períodos, são ministrados *shiurim* pelos vários rabinos que integram o *Colel*. É com satisfação que observamos o judaísmo genuíno fortalecer-se cada dia no seio de nossa *kehilá*.

Que o Criador continue lançando aos borbotões saúde e fartura a todos. Que a porção de Seyatá Dishmayá (Ajuda dos Céus) seja conservada, para que possamos nos elevar espiritualmente e materialmente, com o único objetivo de servir ao Criador com devoção. E que se concretize sobre nós o versículo: “Veatem hadevekim Bashem Elokechem chayim kulechem hayom – Vocês que permanecerem unidos a D’us, seu Senhor, estão todos vivos hoje (Devarim 4:4)”.

Isaac Dichi
Rabino da Congregação Mekor Haim

בראשית

BERESHIT

BERESHIT I / I בְּרֵאשִׁית

NOSSAS FORÇAS SE REVIGORAM POR MEIO DA TORÁ E SUAS MITSVOT

Nossa sagrada *Torá* começa com a letra “*bêt*” (segunda letra do alfabeto hebraico, composto por 22 letras): “*Bereshit bará Elokim*”. No *Midrash Rabá* (cap.1 par. 14), nossos sábios indagam por que o mundo foi criado com a letra *bêt*. Trazem como resposta, que *bêt* também é o início da palavra *berachá*, bênção.

Ascensão e *berachá* são dois conceitos que caminham juntos. Quando o indivíduo tem sucesso – ascensão – costuma-se dizer que ele teve *berachá*. A *Torá* começa com a letra *bêt* para nos ensinar, que sua finalidade é auxiliar o homem para que ele tenha progresso em todos os campos, principalmente no espiritual.

Nossos sábios dizem que os *Talmidê Chachamim* não têm descanso neste mundo e nem no Mundo Vindouro, pois

está escrito: “*Yelechu mechayil el chayil*” (Tehilim 84:8) – Avancam de uma ascensão a outra – estão, portanto, ocupados o tempo todo em elevar-se.

Os grandes sábios da *Torá* são sempre denominados de *Talmidê Chachamim* (discípulos de sábios). Mesmo um sábio que estudou *Torá* durante todos os anos de sua vida e atingiu o apogeu dos conhecimentos, continua sendo chamado de *talmid* – discípulo, pois o verdadeiro sábio é aquele que durante toda sua vida se considera *talmid*. Porque somente assim continuará em sua escalada para a aquisição de mais conhecimentos e de mais valores.

Outra passagem do *Talmud* nos diz que quanto mais idosos, mais sabedoria os *Talmidê Chachamim* adquiriram. Isto, porque vivem sempre com o ímpeto de acrescentar mais sobre seu conhecimento e de aprimorar a cada dia seus valores eternos.

Sobre o versículo “*Ohev kêssef lô yisbá kêssef*” (Cohêlet 5:9) – Aquele que gosta de dinheiro não se satisfará com ele – nossos sábios dizem que o mesmo se dá com aquele que ama a *Torá*. Nunca ficará satisfeito com pouca *Torá*; sua tendência é sempre querer conhecê-la melhor. Isto porque o ser humano foi criado com uma natureza que anseia pela *Torá*. Seus valores espirituais e esta aspiração não têm limites. Quanto mais se aproximar dela, mais sua natureza exigirá dele um empenho maior.

Existe, porém, o perigo da inversão de valores, caso o indivíduo não se direcione de maneira apropriada. Em determinado momento, esta tendência espiritual poderá ser levada

ao âmbito material. Em vez de se satisfazer com os bens materiais e usá-los somente para aquilo que seu corpo pede e necessita, corre o risco de nunca ficar satisfeito com esses bens e sua ambição de conquista não ter limites. Disseram nossos sábios: “*Êzehu ashir? Hassamêach bechelcô*” – Quem é o verdadeiro rico? Aquele que se contenta com seu quinhão.

Nesta *parashá* ocorreu o primeiro pecado, quando o primeiro homem comeu do fruto denominado pela *Torá* de *peri Êts Hadáat* – o fruto da árvore do conhecimento (único fruto que o Todo-Poderoso proibiu Adam de comer). O livro *Bêth Halevi* nos diz que após este pecado, o *Yêtser Hará* (o mau instinto) passou a engrandecer tudo o que é material aos olhos do indivíduo, fazendo com que ele imagine ser extraordinário o proveito que terá disso. O indivíduo carrega esta ilusão consigo até o momento no qual poderá sentir de fato qual o real prazer que isto lhe proporcionará. Na totalidade dos casos, porém, há uma decepção, maior ou menor, pois no momento de saborear e sentir o verdadeiro prazer, a imaginação do indivíduo já está muito influenciada. Ele chegou a pensar que o proveito seria incalculável (como um microscópio que nos dá a impressão de estarmos frente a algo grande, quando na realidade é muito pequeno).

Esta ilusão provoca uma grande decepção no ser humano como diz o profeta “*Veyiafu nearim veyigá’u uvachurim cashol yicashêlu. Vecovê Hashem yachalifu choach...*” (Yeshayá 40:30-31) – Esforçar-se-ão e se cansarão e os jovens tropeçarão e os que têm fé em D’us terão suas forças

revigoradas. Este cansaço é proveniente da decepção, pois o indivíduo imaginava alcançar um determinado grau de prazer e seu retorno ficou muito aquém do esperado.

Isso, no entanto, não acontece no âmbito espiritual. O indivíduo sente, nesse caso, a verdadeira satisfação. Suas necessidades espirituais são preenchidas de maneira realista, incentivando-o, para que tenha as suas forças revigoradas ao enfrentar o dia-a-dia. Assim, todos os seus afazeres se elevam do material ao espiritual, pois suas atitudes estão envoltas de fé, de caridade e de respeito ao próximo. Todos seus atos são dirigidos pelas leis e ética da *Torá*, preservando, desta forma, sua integridade física e espiritual.

BERESHIT II / II בְּרֵאשִׁית

TUDO CONSTA NA TORÁ

No *Pirkê Avot* (cap. 5, mishná 22), nossos sábios disseram: “*Hafoch bah vehafoch bah, dechola vah*” – ou seja – todas as ciências encontram-se na *Torá*. É necessário apenas revirar bem suas folhas para encontrarmos o que desejamos.

A *Torá* (Escrita e Oral) trata de inúmeros assuntos. Os que se aprofundam no seu estudo sabem que, ao surgir algum problema, basta abri-la no lugar adequado para encontrar a resposta.

O Rabino Hilel Brisk *Shelita*, no prefácio de seu livro *Zichron Yehoshua*, comenta que muitos assuntos são tratados pela *Torá* apenas de passagem. Alguém que procura e não encontra logo uma resposta, pode dizer que este problema não é abordado pelos livros sagrados da *Torá* e pode querer dirigir-se a outras fontes. Porém, se pensarmos assim, estaremos nos enganando, pois se não encontramos o que buscávamos, certamente somos nós os culpados. Não estudamos o suficiente para dirimir as dúvidas que nos incomodam. Caso conhecesse-

mos bem as páginas da *Torá*, encontraríamos o desejado, uma vez que “*dechola vah*” – tudo está incluído nela.

Muitas vezes, ficamos abismados ao ver que a *Torá* trata de assuntos que, *a priori*, não teriam nenhuma ligação com a *Torá*. A seguir, trazemos um exemplo.

O *Midrash Yalcut Bereshit* relata que na época dos *Tanaim* (os sábios da *Mishná*), os cientistas de então fizeram uma pesquisa zoológica para saber qual o tempo de gestação da cobra. Depois de pesquisas prolongadas, que levaram alguns anos, chegaram à conclusão que este período é de sete anos.

Adriano, o imperador de Roma na época, era um grande apreciador de pesquisas desse gênero. Com grande satisfação os cientistas foram levar-lhe os resultados.

Raban Gamliel, um sábio talmudista, estava de passagem no palácio do imperador nesse mesmo dia em que os cientistas chegaram com a novidade. Logo, Adriano quis testar *Raban Gamliel*. O imperador questionou-o se ele conhecia o tempo de gestação da cobra, porém não obteve resposta. *Raban Gamliel* saiu do palácio triste e cabisbaixo.

Na saída, encontrou outro sábio talmudista chamado *Rabi Yehoshua ben Chananyá*. Ao perceber o abatimento de *Raban Gamliel*, *Rabi Yehoshua* lhe perguntou o motivo de sua tristeza. *Raban Gamliel* contou o ocorrido, *Rabi Yehoshua* pediu que fossem juntos falar com Adriano.

Chegando à presença do César, este perguntou a *Rabi Yehoshua* o mesmo que havia perguntado a *Raban Gamliel* – qual o período de gestação da cobra. Desta vez, porém, foi

surpreendido com a resposta: “Sete anos”.

O imperador perguntou a *Rabi Yehoshua* como ele conhecia a resposta, uma vez que ninguém fizera esta pesquisa anteriormente. *Rabi Yehoshua* explicou que quando a cobra incitou Chavá a comer o fruto do *Êts Hadáat* (a árvore de cujos frutos D’us proibiu Adam e Chavá comer), a cobra foi amaldiçoada com o seguintes dizeres (Bereshit 3:14): “Maldita és tu, mais que toda a *behemá* e mais que toda a *chayá*”. Sabemos que o tempo de gestação da *chayá* (como o gato) é de 52 dias e da *behemá* (como o burro) é de um ano; portanto, o tempo da gravidez da *behemá* é sete vezes maior do que a da *chayá* ($52 \times 7 = 364$).

Rabi Yehoshua explicou ao imperador, qual o motivo de a *Torá* ter citado naquele versículo os dois tipos de animais (*chayá* e *behemá*). Justamente para nos ensinar, que a maldição da cobra (seu tempo de gravidez) seria maior do que a da *behemá*, na mesma proporção que a da *behemá* é maior que a da *chayá*, ou seja, sete vezes. Portanto, seu período de gravidez deve ser sete vezes maior do que o do animal do campo – sete vezes um ano, ou seja, sete anos!

NOACH / נח

DESCANSO – TRANQUILIDADE E SERENIDADE

A *Parashat Bereshit* terminou com a seguinte frase: “*Venôach matsá chen beenê Hashem*” (Bereshit 6:8) – E Nôach encontrou graça aos olhos do Todo-Poderoso.

Nossos sábios nos dizem que são muitas as razões pelas quais Nôach encontrou graça aos olhos do Criador. O *Zôhar Hacadosh* diz que é porque Nôach era um homem *nôach* – sereno. Quem não gostaria de encontrar graça aos olhos do Todo-Poderoso? Com Nôach aprendemos que ele conseguiu por ser tranquilo, sereno.

Analisemos então o conceito de *menuchá* – descanso, tranquilidade, serenidade. No final da Criação a *Torá* nos relata: “*Vaychulu Hashamáyim vechaárets vechol tsevaam, vaychal Elokim bayom hashevií...*” (Bereshit 2:1-2) – Foram (assim) completados os Céus e a Terra e todos os seus exércitos (componentes). Com o sétimo dia D’us terminou... O Todo-

Poderoso conclui a Criação com o *Shabat*. O exegeta Rashi nos explica que D'us percebeu que faltava a *menuchá* (descanso), que veio com o *Shabat*.

Em princípio, poderíamos pensar, que o termo *menuchá* refere-se ao descanso físico, porém nossos sábios entendem que *menuchá* é o descanso espiritual – o *Shabat* é um descanso espiritual. Conforme consta no *Seforno* (comentarista clássico da *Torá*) em *Parashat Vaychi* (Bereshit 49:15), comentando sobre a bênção que Yaacov Avínu deu a seus filhos: na *berachá* que coube a Issachar consta “*Vayar menuchá ki tov*” – E viu que o descanso era bom. *Seforno* nos diz que esta frase se refere ao fato de que Issachar percebeu que por intermédio do conhecimento das *muscalot* (sabedoria) atinge-se o descanso, que é a tranqüilidade e serenidade. Por isso, a tribo de Issachar veio a assumir no futuro, o estudo da *Torá* integralmente, conforme consta: “*Vayet shichmô lisbol*” – Prontificou-se a assumir o jugo da *Torá*.

Como nossos sábios nos dizem que o estudo da *Torá* enfraquece o corpo, a *menuchá* que este estudo nos traz é o descanso espiritual. Por intermédio do conhecimento da *Torá*, a alma ganha seu alimento e fica preenchido o vazio interior, proporcionando-nos a tranqüilidade necessária para enfrentarmos os inúmeros compromissos materiais e espirituais da vida.

Nôach realmente necessitava de muita serenidade, pois a construção da arca levou 120 anos. Depois disso, houve toda a preocupação de abastecer a arca com provisões para uma estadia de doze meses dentro dela, a preocupação de selecionar os

animais a serem levados, e posteriormente, durante todo o período dentro da arca, o trabalho de, ele próprio, alimentá-los.

Todos esses fatores demonstram que o *Zôhar Hacadosh*, ao dizer que Nôach era um homem “*nôach*” (palavra que deriva de *menuchá*), não era porque ele fosse passivo ou descansasse muito fisicamente, porque trabalho não lhe faltava. O *Zôhar* o chamou assim pelo fato de Nôach possuir a serenidade e a tranqüilidade espirituais que todo indivíduo necessita em seu dia a dia.

Esta *menuchá* pode ser alcançada por intermédio do estudo da *Torá*, da prática das *mitsvot* e do *bitachon* (fé e segurança no Todo-Poderoso). Como diz o Rei David: “*Al mê menuchot yenahalêni... gam ki elech beguê tsalmávet lô irá rá ki atá imadi*” (Tehilim 23) – D’us me guia com tranqüilidade... e mesmo em momentos de perigo não temo o mal, pois o Todo-Poderoso me acompanha. A serenidade é, portanto, algo que pertence ao espírito, e quando lhe são supridas as necessidades, poderá transmitir ao indivíduo a tranqüilidade necessária.

*Baseado no livro Hamussar Vehadáat
de autoria do Rabino Avraham Yafan*

LECH LECHÁ / לך לך

A IMPORTÂNCIA DO MEIO-AMBIENTE

“*Vashem berach et Avraham bacol*” (Bereshit 24:1) – E D’us abençoou Avraham em tudo.

O *Midrash Rabá* (57:1) diz que esta bênção se refere ao fato de *Hashem* não ter voltado a testá-lo. Como se sabe, Avraham foi testado pelo Todo-Poderoso dez vezes e saiu-se bem em todos os testes que lhe foram impostos, principalmente no último, que foi levar seu filho Yitschac à *akedá*, depois de tantos anos de ansiedade por ter um filho.

É evidente, que se Avraham fosse testado novamente pelo Criador, iria sair-se da melhor forma, pois sua crença, fé e dedicação ao Todo-Poderoso não tinham limites ou barreiras.

Não obstante, vemos que pelo ponto de vista de nossos sábios, o fato de Avraham não ser novamente submetido à prova, foi considerado uma *berachá* – uma bênção.

Por outro lado, nesta *parashá* vemos que Lot, o sobrinho

e cunhado de Avraham, estava disposto a abandonar a companhia de Avraham e unir-se às pessoas de Sedom, as quais a *Torá* denomina de “*raim vechataim Lashem meod*” (Bereshit 13:13) – más e pecadoras a D’us em demasia.

Em que situação colocou-se Lot? A quem uniu-se e quais difíceis testes teve de enfrentar, a ponto de nossos sábios associarem a ele o seguinte versículo (Mishlê 13:20): “*Holech et chachamim yechcam veroê kessilim yeroa*” – Aquele que acompanha os sábios acrescenta sabedoria e aquele que lidera os tolos passa a fazer o mal com eles?

Enquanto Lot estava em companhia de Avraham, estava na situação de “*Holech et chachamim yechcam*” e no momento que dispensou esta companhia, passou de uma situação nobre e honrada para a situação vexatória e baixa de “*roê kessilim yerôa*”. Daqui inferimos, o quanto o meio-ambiente em que o indivíduo vive é importante, para que ele se mantenha em situação espiritual estável, com possibilidades de ascensão.

O simples fato de colocar-se em teste, já é considerado uma decadência, principalmente quando os motivos são materiais e os interesses, pessoais – que muitas vezes cegam o indivíduo. Ambições materiais levaram Lot a se separar de Avraham, pois percebeu que o Jordão era rico em água para poder abastecer seu rebanho.

Ao afastar-se dos sábios da *Torá*, a propensão do ser humano é afastar-se também do Criador e de seus mandamentos. Tende a conformar-se e a convencer-se de que sua situação espiritual não é tão ruim, porque as pessoas que o rodeiam são

piores do que ele. Porém se estivesse em um ambiente de *Torá*, em companhia de sábios e estudiosos, estaria sempre atento quanto a seu nível espiritual e a sua elevação, carregando consigo o título de “*Holech et chachamim yechcam*”.

Esta *parashá* comprova que ao afastar-se dos sábios da *Torá*, o indivíduo afasta-se também de D’us, conforme diz a *Torá*: “*Vayissá Lot mikedem*” (Bereshit 13:11). A explicação deste *passuc* – *Vayissá Lot Micadmonô shel olam* – e afastou-se Lot do Antecessor do Universo. Rashi explica, que Lot manifestou-se assim: “Não me interessa Avraham, nem o seu D’us!” Ou seja: Lot afastaria-se de Avraham, um grande sábio, e conseqüentemente afastaria-se também de D’us.

Mesmo que o indivíduo planeje separar-se de um ambiente sadio apenas por algum tempo, o simples fato de desligar-se deste meio já é considerado uma decadência. Isso deixa no indivíduo uma nódoa negativa cuja recuperação torna-se difícil.

Para demonstrar a importância do meio em que vivemos, nossos sábios trazem no *Pirkê Avot* um acontecimento que se passou com Rabi Yossef *ben* Kismá.

Certa vez, Rabi Yossef *ben* Kismá encontrou um indivíduo no caminho que o saudou, dizendo-lhe *shalom* e lhe perguntando de que lugar era ele. Rabi Yossef *ben* Kismá respondeu que vinha de uma grande cidade de sábios e escrivãos. Esse indivíduo, então, convidou-o para morar em sua cidade, oferecendo-lhe muitas riquezas. Rabi Yossef *ben* Kismá respondeu-lhe, que mesmo que lhe fossem dadas todas as riquezas do

mundo, somente moraria em lugares onde houvesse *Torá*, porque após o falecimento não são as pedras preciosas, o ouro e a prata que nos acompanham, mas somente a *Torá* e suas *mitsvot*.

*Baseado no livro Mishnat Rabi Aharon,
de autoria do Rabino Aharon Kotler zt"l*

VAYERÁ / וַיֵּרָא

BERIT MILÁ

“*Vayerá elav Hashem Beelonê Mamrê, vehu yoshev petach haôhel kechom hayom*” (Bereshit 18:1).

Esta *parashá* inicia contando, que o Eterno apareceu a Avraham quando ele estava sentado à entrada de sua tenda. Embora o sol estivesse a pino, Avraham estava a espera de hóspedes, uma vez que eram rotineiras as visitas à sua tenda.

O exegeta Rashi diz que este era o terceiro dia após o *Berit Milá* de Avraham e o Todo-Poderoso veio visitar o convalescente e perguntar sobre seu estado de saúde. Avraham cumprira a *mitsvá* de *Berit Milá* aos 99 anos e teve o mérito que o Criador viesse visitá-lo no terceiro dia, que é o mais doloroso, após a cirurgia. Vejamos então a importância desta *mitsvá*.

Embora Avraham *Avínu* contasse 99 anos de vida, quando o Todo-Poderoso lhe ordenou realizar a *mitsvá* de *Berit Milá*, ele a praticou sem vacilar, com muita satisfação. A partir de então, D’us ordenou que aos oito dias de vida se fizesse o *Berit Milá* em todo o recém-nascido. Um ano depois, Avraham

cumpriu este mandamento com seu filho Yitschac.

Quando o Criador ordenou essa *mitsvá* a Avraham Avínu, disse-lhe: “*Hithalech lefanay veheyê tamim, veetená beriti beni uvenêcha*” (Bereshit 17:1-2) – Siga os Meus caminhos e seja perfeito, e constituirei minha aliança entre Mim e você. O Rashi comenta: “Siga os Meus caminhos” por intermédio da *mitsvá* de *Berit Milá*, e “seja perfeito”, porque, todo o tempo em que esta *mitsvá* não tiver sido realizada, você estará sendo considerado imperfeito.

O *Sêfer Hachinuch* revela sobre esta *mitsvá*, que o Eterno queria que o próprio judeu se completasse; por isso não o criou circuncidado. Assim como o judeu deve completar-se fisicamente mediante o *Berit Milá*, tem a obrigação de preocupar-se em completar-se e aperfeiçoar-se espiritualmente durante toda a vida, por intermédio de atitudes fundamentadas em *Torá* e *mitsvot*.

No *Yad Hachazacá*, o Rambam, após descrever todas as regras do *Berit Milá*, ensina: “Vide quanto é rígida a *mitsvá* do *Berit Milá*. Moshê Rabênu quase perdeu sua vida por tardar a realização do *Berit Milá* em seu filho, ainda que o referido atraso foi em razão de força maior. Moshê estava a caminho do Egito, enviado pelo Criador para salvar os Filhos de Israel da escravidão, tirá-los do Egito e outorgar-lhes a *Torá*. O motivo da demora foi porque Moshê procurava uma hospedagem no caminho, para poder realizar o *Berit Milá* (vide Shemot 4:24-25)”.

É possível perceber a importância do *Berit Milá* também, porque sobre todas as *mitsvot* da *Torá* foram pactuadas três

alianças, enquanto sobre a *mitsvá* do *Berit Milá*, treze alianças.

Rabi Shim'on ben Gamliel disse (Shabat 130): Toda a *mitsvá* que o Povo de Israel recebeu com alegria, ainda é cumprida com alegria, conforme consta no *Tehilim* (119): “*Sas anochi al imratêcha kemotsê shalal rav*” – Vou de encontro à sua *mitsvá* como se tivesse encontrado um grande tesouro.

Em todas as gerações, o Povo de Israel cumpriu esta *mitsvá* com muita dedicação. Em muitas ocasiões, os pais até se expuseram a perigos iminentes para perpetuar a *mitsvá*. Ao longo da história de nosso povo, foram inúmeras as vezes que os outros povos fizeram de tudo para nos impedir de cumprir este mandamento. Nada, porém, foi capaz de superar o desejo em todas as gerações, para que esta *mitsvá* fosse cumprida.

De onde provém esta força sobrenatural que acompanha nosso povo há tantos anos? O *Talmud* diz que isso decorre do fato de nossos antepassados terem recebido este mandamento com satisfação. Assim, concederam força para as gerações futuras cumprirem esta *mitsvá* em qualquer circunstância, sem levar em consideração as conseqüências que isso poderia ocasionar.

Sobre o versículo “*Layhudim hayetá orá vessimchá vessasson vicar*” – Aos judeus houve luz, alegria, satisfação e glória – o *Talmud* (Meguilá 16) diz que, aqui, luz se refere ao estudo da *Torá*, alegria se refere aos *Shabatot* e *yamim tovim*, satisfação, ao *Berit Milá* e glória, às *Tefilin*. A *mitsvá* que foi realizada com satisfação, tem força de transmitir às futuras

gerações a coragem e o ímpeto de ser cumprida frente a qualquer situação.

Conforme consta nos versículos (Bereshit 17:10 e 11): “*Zot beriti asher tishmeru beni uvenechem unmaltem et bessar orlatchem vehayá leot berit beni uvenechem* – Esta é Minha aliança que guardareis entre Mim e vocês e farão vocês o *Berit Milá* e será o sinal de aliança entre mim e vós” – a *mitsvá* de *Berit Milá* é o sinal do vínculo que há entre o Povo de Israel e D’us. Por isso, nossos sábios, de modo tão rígido, disseram no *Pirkê Avot* (3:11) que aquele que não tiver feito *Berit Milá*, não terá quinhão no *Olam habá*.

De acordo com o *Talmud* (Kidushin 30), se os pais não fizerem *Berit Milá* em seu filho quando pequeno, o tribunal rabínico deve ocupar-se em fazê-lo. Se porventura isso também não ocorrer, cabe a ele mesmo providenciar sua própria circuncisão, quando se tornar maior de idade, a partir dos treze anos, conforme os conceitos da *Torá*.

Uma vez analisado o valor real da *mitsvá* do *Berit Milá* e seus vários aspectos espirituais, cabe a nós realizar esta *mitsvá* de forma apropriada. O *Berit Milá* deve ser realizado por um *mohel shomer Torá umitsvot* – que cumpre a *Torá* e suas *mitsvot* – profundo conhecedor do método utilizado dentro das tradições judaicas, desde o estabelecimento desta *mitsvá*. Este método consolidou-se dentro de nosso povo com o passar das gerações, tendo sua eficácia comprovada. Dessa forma, atrairemos bênçãos elevadas e infinitas sobre a criança.

CHAYÊ SARÁ I / חיי שרה I

OS VALORES ESPIRITUAIS SÃO ETERNOS

A *Torá* descreve a morte de Sará, esposa de Avraham em apenas dois versículos. O sepultamento, entretanto, está descrito em detalhes, desde o episódio da transação do terreno entre Avraham e *Benê Chet* (povo que vendeu o terreno da sepultura a Avraham), até o valor pago por Avraham a Efron.

O Rabino Yehudá Tsadca escreve em seu livro *Col Yehudá*, que a partir disso podemos concluir a importância que a *Torá* dá para o sepultamento. O mesmo ocorre adiante, quando Yaacov insiste com seu filho Yossef que o enterre junto a seu pai (Yitschac) e avô (Avraham).

Esta preocupação existe, para nos mostrar a importância da alma e sua eternidade, pois o principal em uma pessoa é o seu espírito.

Inferimos também a real importância da alma quando Avraham lamentou a morte de Sará e chorou por ela. Sobre isso a

Torá escreve: “*Vayavô Avraham lispod Lessará velivcotáh*” (Bereshit 23:2) – E veio Avraham para lamentar a morte de Sará e chorar por ela. Neste versículo, a letra *caf* da palavra *livcotá* está escrita na *Torá* com letra menor. O *Báal Haturim* nos diz que o motivo disso é para nos ensinar que o choro de Avraham não foi demasiado, pois Sará já estava com idade avançada.

Então qual a importância se Avraham chorou mais ou menos? Para ensinar que apenas ocorreu a morte do corpo, que é efêmero, mas não da alma – que é eterna. Caso Sará houvesse morrido jovem, talvez ainda não tivesse terminado sua missão aqui na Terra. Seria justificado, então, uma lamentação maior. Porém como Sará era uma mulher justa e teve vida longa, com certeza já tinha cumprido todos os deveres predeterminados para sua alma (que eram o motivo de ela ter sido enviada para este mundo) e não se justificava uma lamentação maior.

O mesmo aprendemos quando Rachel, a querida esposa de Yaacov, morreu e foi sepultada em *Bêt Lechem*, no caminho de Chevron. Yaacov não chorou por sua morte em si, mas por algo de maior importância. O verdadeiro motivo da tristeza de Yaacov foi por ela não ter sido enterrada junto a ele na *Mearat Hamachpelá*. Nesse lugar estavam sepultados Adam e Chavá, Avraham e Sará, Yitschac e Rivcá e seriam enterrados no futuro Yaacov e Leá.

Sará, no entanto, foi enterrada em *Mearat Hamachpelá*, um fato de grande valor espiritual. Apesar de Avraham ter chorado sua morte, havia elementos espirituais sublimes que o

faziam conter-se para não exceder seu choro. Avraham, em sua grande sabedoria, conhecia a hierarquia dos valores espirituais.

O ser humano é composto de corpo e alma. O corpo é efêmero, mas a alma é eterna, pois ela pertence aos mundos elevados. A alma é enviada para este mundo como auxílio ao corpo, para que este possa estudar a *Torá* e cumprir suas *mitsvot*. Quando o ser humano aprimora e desenvolve sua alma, está preparando-a para a eternidade.

Conforme consta no livro *Messilat Yesharim*, de autoria do Rabino Moshê Chayim Luzzato *zt"l*, cap. 1, a finalidade da criação do ser humano não é este mundo e sim o “*Olam Habá*” – o Mundo Vindouro. Nossa situação neste mundo é apenas um meio para a situação no mundo vindouro, como disseram nossos sábios no *Pirkê Avot*: “*Haolam hazê domê lifrozdor bifnê haolam habá*” – Este mundo é apenas um corredor perante o mundo vindouro. “*Hatken atsmechá bifrozdor kedê sheticanês litraklin*” – Prepara-te no corredor para adentrar no palácio.

CHAYÊ SARÁ II / II חיי שרה II

IMPARCIALIDADE NAS DECISÕES DE NOSSOS ATOS

Depois de descrever os acontecimentos relacionados com a morte de Sará, a *Torá* nos conta que Avraham pediu a seu servo de confiança, Eliêzer, que fosse buscar uma mulher da casa de sua família, para casar-se com seu filho Yitschac. Avraham achava que as mulheres locais (de *Kenáan*) não eram adequadas para Yitschac, seu filho, uma vez que a partir dele sairia sua descendência (Yaacov e seus filhos) que originaria o Povo de Israel.

Temos muito o que aprender desta narrativa, uma vez que muitas vezes a *Torá* destina apenas algumas palavras ao relatar certos acontecimentos e, neste caso, dedica um capítulo inteiro (Bereshit 24).

Trazemos aqui dois detalhes na descrição dos fatos, abordados no livro *Michtav Meelihyáhu*, de autoria do Rabino Eliyáhu Dessler *zt"l*, os quais merecem reflexão, pois

têm muito a nos ensinar.

Quando Avraham pede a Eliêzer que traga uma mulher para Yitschac, Eliêzer levanta o seguinte ponto: “*Ulay lô tovê haisha lalechet acharay el haárets hazot* (Bereshit 24:5) – Talvez não queira a mulher seguir-me para esta terra. Mais adiante, quando Eliêzer já havia encontrado a mulher com as características necessárias para ser a mulher de Yitschac (e indicada pelo próprio Criador), contou para a família dela o pedido de Avraham e também que ele havia levantado a questão “*ulay lô telech haishá acharay*” (24:39) – Talvez a mulher não queira me seguir. O fato curioso em tudo isto é que da primeira vez que Eliêzer falou “*ulay*”, a palavra está escrita com *vav* e da segunda vez a palavra vem escrita sem *vav* (com os três pontinhos abaixo do *álef* indicando o “u”).

Vejam os detalhes. No caminho de sua missão (trazer uma moça para Yitschac), Eliêzer ora para D’us para que tenha êxito e pede que o Todo-Poderoso lhe indique com um sinal (uma pista), a mulher certa para ele escolher. Este sinal era que ele pediria água de beber e se a moça desse para ele beber e também a seus camelos, esta era a mulher destinada a Yitschac. Logo que ele acabou de dizer estas palavras apareceu Rivcá, filha de Betuel, e aconteceu justamente como ele tinha falado anteriormente. Eliêzer então deu-lhe um aro e duas pulseiras de ouro como presente e depois perguntou quem era seu pai (24:22-23). Entretanto, quando conversava com seu pai Betuel e contava quem era e tudo o que lhe sucedeu durante esta missão, Eliêzer inverteu a ordem destes aconteci-

mentos: disse que perguntou quem era seu pai e depois que ela respondeu, deu-lhe os presentes (24:27).

Dizem nossos sábios que um dos conceitos da *yahadut* é que, da mesma forma que fisicamente existem pessoas que não enxergam além de uma certa distância (os míopes), assim também ocorre espiritualmente. Nós possuímos um “terceiro olho”, o olho do coração que é a sensibilidade espiritual, desenvolvimento do intelecto ativo em relação às coisas espirituais. Cada indivíduo está em um determinado nível espiritual e naquele momento não consegue “enxergar” além de seu limite espiritual.

Quando Eliêzer deu os valiosos presentes para Rivcá antes mesmo de saber a que família pertencia, ele agiu com *emuná* (fé), pois já estava convencido (por tudo o que tinha acontecido) de que esta era a mulher destinada para Yitschac. Entretanto, quando foi relatar o acontecido para os perversos Betuel e Lavan (o pai e o irmão de Rivcá) sabia que eles não conseguiriam enxergar além de seu baixo nível espiritual e não entenderiam como alguém pode dar presentes tão valiosos a um “desconhecido”. Por isso contou que primeiramente perguntou de quem ela era filha e depois deu-lhe os presentes.

Avraham confiava totalmente em seu ajudante Eliêzer, tanto que deixava com ele a chave de todos os seus pertences e confiou-lhe a importante tarefa de trazer para seu filho uma esposa.

Eliêzer tinha uma filha e quando Avraham pediu que ele fosse procurar uma esposa para Yitschac, Eliêzer achou que

esta poderia ser sua própria filha. Por isso, a palavra *ulay* escrita sem *vav*, demonstra que Eliêzer estava sendo parcial em sua conversa com Avraham, pois sem a letra *vav* esta palavra pode ser lida como “*elay*” – para mim (Rashi 24:39). Resta então perguntar, segundo esta explicação, por que então da primeira vez a palavra *ulay* está escrita com a letra *vav*, já que Eliêzer estava sendo parcial em suas palavras. Nossos sábios explicam que Eliêzer só percebeu que tinha sido parcial em sua conversa com Avraham, depois que viu quem era a mulher destinada a Yitschac e como o Todo-Poderoso tinha conduzido os acontecimentos de forma que ele chegasse à mulher escolhida. Portanto, quando Eliêzer contou para Betuel sobre a conversa que teve com Avraham, ele já havia percebido sua imparcialidade e a palavra *ulay* aparece então sem o *vav*.

Os ensinamentos, que aprendemos destes dois detalhes, são muito profundos e precisam nos acompanhar sempre. Devemos estar cientes de que não enxergamos além de nosso limite espiritual e que para ampliá-lo é necessário dedicação no estudo da *Torá*. Uma vez que há sábios da *Torá* com mais visão do que nós, devemos estar sempre dispostos a ouvi-los e confiar neles para a solução de nossas dúvidas.

Além disso, devemos saber que, quando agimos, precisamos ser imparciais para tomar a resolução correta. É certo que se todas as nossas atitudes fossem precedidas de uma análise racional e imparcial, sem levar em consideração os benefícios que teríamos, tomando determinada decisão, estas atitudes muitas

vezes seriam completamente diferentes e mais acertadas.

Como exemplo deste raciocínio, basta tomar o simples fato da leitura deste texto. Se você leitor, estiver fazendo agora apenas uma leitura como passatempo, poderá tirar algumas conclusões superficiais do que lhe expusemos; no entanto, se estiver realmente interessado em fazer uma análise racional e imparcial sobre estes conceitos, com certeza enxergará o proposto sob outro ângulo, o que poderá levá-lo a tomar resoluções importantes, que não adotaria de outra forma.

Quando deixamos nossos interesses pessoais de lado e assumimos decisões imparciais, visando unicamente seguir o melhor caminho, ampliamos nossos horizontes espirituais e ascendemos mais um degrau da escada que nos aproxima do Criador.

TOLEDOT / תולדות

TORÁ – O SUSTENTO DA ALMA

Nosso patriarca Yaacov é qualificado pela *Torá* como “*ish tam yoshev ohalim*” (Bereshit 25:27) – um homem íntegro (estudioso), freqüentador dos recintos onde se estuda *Torá*.

Antes de ir à casa de seu tio Lavan, estudou *Torá* por 14 anos na *Yeshivá* que havia sido instituída por dois importantes personagens daquela época: Shem (filho de Nôach) e Êver (bisneto de Nôach). A dedicação de Yaacov à *Torá* chegou até o ponto de, durante os 14 anos de estudos, Yaacov nem se deitar. O versículo “*Vayishcav bamacom hahu*” (Bereshit 28:11) – Deitou-se naquele lugar – Rashi explica, que se deitou apenas naquele lugar, conseqüentemente excluindo outros lugares. Isso nos ensina que deitou-se ali, porém durante os anos de estudo na *Yeshivá* de Shem e Êver, sequer chegou a deitar-se, tamanha sua dedicação aos estudos.

Vejam os então um pouco sobre o tema do estudo da *Torá* e sua importância no judaísmo, segundo o enfoque do livro *Shearim el Hayahadut*, de autoria do Rabino B. Efrati.

O ser humano é constituído de corpo e alma. Uma das necessidades básicas do corpo do ser humano é a alimentação, que constitui o seu sustento. O sintoma da fome é o alerta do corpo para esta necessidade primária. Há dois sintomas diferentes de fome na constituição do ser humano: uma aparente e outra oculta. A aparente é aquele sentido imediato da necessidade de alimentação, que se manifesta pela sensação de estômago vazio, fraqueza, tontura, etc. Estes sintomas de fome são eliminados ao se consumir uma determinada quantidade de alimentos.

O sintoma de fome oculta, por sua vez, só será sentido com o tempo; é a necessidade fisiológica de vitaminas, proteínas e sais minerais que se manifesta por alguma doença ou algum distúrbio físico que obriga o indivíduo a procurar um médico e submeter-se a uma série de exames. A partir de então, terá de alimentar-se preocupando-se com a qualidade dos alimentos consumidos.

A alimentação quantitativa tem como origem, a necessidade de sanar a fome aparente, não levando em consideração a qualidade do alimento ingerido.

A alma, da mesma forma que o corpo, necessita de “alimentação”. Há também dois sintomas desta fome espiritual: a fome espiritual aparente e a oculta.

A fome espiritual se manifesta por um vazio interior e deve ser sanada com a quantidade necessária de sustento espiritual. Entretanto há o perigo de preencher este vazio sem levar em consideração a qualidade do sustento espiritual. O indivíduo passa a preencher seu tempo de forma errada, com

“alimentos” que não o preenchem com as verdadeiras necessidades espirituais. Por exemplo, uma leitura inadequada ou outra atividade qualquer, que mate o tempo apenas quantitativamente e não qualitativamente.

A fome espiritual oculta passa a ter seus sintomas com o decorrer do tempo. Eles manifestam-se por deslizes no comportamento, angústia, depressão, e o desespero de não mais encontrar o sentido da vida. O sustento espiritual da fome oculta é condicionado a uma boa qualidade de “alimento” espiritual, que possa de fato preencher e nutrir a alma com conceitos e estudos de alto nível. Estes são os sustentos básicos para sua formação, “vitaminas” para sua subsistência e “calorias” para revigorar suas energias. O único “alimento” capaz de preencher os requisitos da alma para sua subsistência e seu desenvolvimento natural e sadio é o estudo da *Torá*, em todas as suas áreas: *Torá*, *Mishná*, *Talmud*, *Midrash* e *Mussar*.

Todas elas contêm o potencial para suprir as necessidades espirituais do indivíduo e por intermédio do estudo da *Torá* e seu aprofundamento, alcançamos para nossa alma o equivalente ao que alcançamos por intermédio da melhor alimentação para o nosso corpo.

No versículo: “*Hoy col tsamê lechu lamáyim! Vaasher en lo cássef lechu shivru veechôlu, ulchu shivru belo kêssef uvlo mechir yáyin vechalav!*” (Yesha’yáhu 55:1-2) – Ah! Todos vocês que têm sede, eis a água! Vocês que não têm dinheiro, venham, abasteçam-se e comam gratuitamente, sem retribuição. Venham, abasteçam-se de vinho e de leite! – o profeta

compara a *Torá* à água, ao vinho e ao leite.

O Radak, comentarista do *Nach* explica que da mesma forma que o mundo necessita de água, uma substância de primeira necessidade, a humanidade necessita de sabedoria. Assim como um indivíduo sedento necessita de água, a alma necessita do estudo e do cumprimento da *Torá*. Da mesma forma que o vinho alegra os corações (*yáyin yessamach levav enosh*), o estudo da *Torá* alegra os que a estudam (*pikudê Hashem yesharim messamechê lev*). Assim como o leite é o alimento básico do recém-nascido e da criança para seu bom desenvolvimento físico, assim também o estudo da *Torá* é básico e fundamental para o progresso e o bom desenvolvimento da alma.

Consta no profeta *Amôs* (8:11): “*Hinë yamim baim neum Hashem Elokim vehishlachti ráav baárets, lô ráav lalechem velo tsamá lamáyim ki im lishmoa et divré Hashem*” – Dias virão, diz D’us, quando enviarei a fome e a sede. Não será uma fome em busca do pão, nem sede pela água, mas sim, a necessidade de ouvir as palavras do Eterno.

VAYETSÊ / וַיֵּטְסֵךְ

A IMPORTÂNCIA DE SER CONSTANTE

Continuamente, dentro de cada ser humano, atuam duas energias opostas: o bem e o mal, a luz e a escuridão. Por mais estranho que possa parecer, estas forças podem agir ao mesmo tempo. Por isso, foram-nos dados poderes espirituais, a cada um de nós, para vencer o mal. Cabe a nós encontrarmos em cada situação a atitude correta, deixando que a luz ilumine nosso caminho na busca da *emet* (verdade).

Para isso, é indispensável a constância de nosso comportamento, não variando nossas atitudes dependendo do momento que estamos vivendo.

Exemplo fiel de constância, encontramos em nosso patriarca Yaacov. Embora tenha passado por tantas dificuldades, sempre manteve sua conduta correta. Seu próprio nome o identifica como uma pessoa *ikvi* (constante).

Yaacov passou por apuros com seu irmão Essav e posteri-

ormente com Elifaz, filho de Essav, que o perseguiu, por ordem de seu pai, para matá-lo. Só não o fez – conforme relato de nossos sábios – por ter crescido junto a Yitschac, tendo recebido uma formação que o impedia de tornar-se um assassino.

Yaacov também passou por situações críticas com Lavan – seu tio, irmão de sua mãe e seu sogro. Depois teve de enfrentar o anjo-ministro de Essav. Teve problemas também com sua filha Diná e quando lhe parecia ter chegado o momento de um pouco de tranqüilidade, ocorreu um conflito entre seus filhos, que provocou a venda de Yossef.

Contudo, em nenhum momento perdeu a paz de espírito, não mudou seu modo de agir e sua personalidade permaneceu incólume. Sua fidelidade à *Torá* e às *mitsvot* não sofreu nenhum abalo e soube superar todos os obstáculos que apareceram à sua frente.

Yossef, seu filho, seguiu esse mesmo comportamento. A *Torá* conta: “*Veyossef hayá Bemitsráyim*” (Shemot 1:5) – Yossef estava no Egito. Por acaso não sabemos que Yossef estava morando no Egito? A *Torá* quis nos dizer, que Yossef manteve-se constante. Que o mesmo Yossef que era pastor do rebanho de seu pai, estava na casa de Potifar e foi vice-rei do Egito. A conduta de Yossef foi sempre a mesma.

No livro de *Melachim I* (18:21), encontramos um trecho no qual o profeta Eliyáhu chama a atenção do Povo de Israel, dizendo-lhes: “*Ad matay atem possechim al shetê hasseifim*” – Até quando vocês ficarão indecisos, pulando de um lado para o outro. O profeta Eliyáhu conhecia o grande perigo que um

indivíduo passa, quando lhe falta constância; pois sua personalidade fica dividida.

É mais fácil para um idólatra convencer-se de que está no caminho errado e fazer *teshuvá* (arrepender-se de seus erros, voltando para o caminho da *Torá*), do que um não idólatra, que também comete erros. O idólatra poderá abrir seus olhos algum dia e arrepender-se de seus pecados, porque está consciente de que tudo o que fez foi contra os mandamentos de D’us.

Entretanto, aquele que está dividido – que tem em seu íntimo as duas forças atuando, às vezes cometendo transgressões graves e às vezes cumprindo alguns mandamentos – pode eventualmente confortar sua consciência, enganando-se, ao imaginar que as atitudes positivas estão dando cobertura a seus erros.

Por isso, o profeta Eliyáhu dirigiu-se ao povo dizendo-lhes (Melachim I 18:21): “*Im Hashem Haelokim, lechu acharav, veim habáal lechu acharav*” – Se D’us é o verdadeiro, sigam-No e se (o verdadeiro) é o ídolo, sigam-no. Que *Benê Yisrael* não se iludissem adorando ídolos por um lado e por outro, cumprindo alguns mandamentos da *Torá*.

Também há um trecho no *Pirkê Avot* que nos ensina, que não devemos achar que nossas boas ações encobrem nossos pecados. No Capítulo 4, *mishná* 21, está escrito: “*Velô micach shôchad*” – o Todo-Poderoso não aceita suborno. A explicação do comentarista *Rabênu Ovadyá Mibartenura* é que D’us não aceita as boas ações como desculpa pelas más, ou seja, recebemos recompensas pelas boas ações que fazemos, mas também

recebemos castigos pelas más (mesmo que sejam poucas).

Rivcá preocupava-se com a constância de seus futuros filhos. Nossos sábios contam que Rivcá, quando estava grávida, encontrava-se muito apreensiva. Quando passava por uma sinagoga o feto dava sinais de inquietude e o mesmo ocorria ao passar na frente de uma casa de idolatrias. Porém, no momento em que soube que esperava gêmeos, ela acalmou-se. O Rabino de Novardok nos explica, que durante todo o tempo em que ela pensava que teria apenas um filho e que este tinha reações tão paradoxais, Rivcá temia sobre seu caráter. Receava que seu filho seria uma pessoa dividida, inconstante no seu caminho. Isso a deixava aflita, porque alguém influenciado ao mesmo tempo pelo bem e pelo mal, sem saber diferenciar entre a luz e a escuridão, querendo freqüentar a sinagoga e outra vez lugares de idolatrias, era preferível que não viesse a nascer.

Porém, quando recorreu à *yeshivá* de Shem e Êver e lhe disseram que eram gêmeos e que, portanto, estas reações contraditórias não eram do mesmo bebê, acalmou-se. Conforme a *Torá* nos relata: “*Vayitrotsetsu habanim bekirbah vatômer im ken lama zê anôchi vatêlech lidrosh et Hashem. Vayômer Hashem lah shenê goyim bevitnech*” (Bereshit 25:22-23) – E lutaram os filhos no seu ventre e ela disse: Se é assim por que eu desejei isso? E foi consultar o Eterno. E disse-lhe o Eterno: Duas nações há no seu ventre.

O Povo de Israel é chamado assim, pelo fato de Yaacov ser chamado assim. Ele recebeu o nome de *Yisrael*, pelo anjo-

ministro de Essav. *Yisrael* vem da palavra *yashar* – as três primeiras letras de *Yisrael* – que significa correto e Yaacov significa constante. Isso nos encoraja para sermos sempre fiéis à nossa *Torá* e suas *mitsvot*, de forma séria, correta e constante.

VAYISHLACH / וישלח

OS BENS MATERIAIS USADOS PARA O PROGRESSO ESPIRITUAL

Nossos sábios dizem “*Adam nicar becossô bekissô uvcaassô*” – O homem se distingue por meio de seu copo, seu bolso e sua raiva. Portanto, podemos conhecer o caráter das pessoas mediante seu comportamento quando come, o modo como usa seu dinheiro e observando seu temperamento.

Examinaremos aqui o comportamento do indivíduo no uso de seu dinheiro.

Ao sair da casa de Lavan com sua família e dirigindo-se ao encontro de seu irmão Essav, Yaacov *Avínu*, num dado momento, ficou sozinho: “*Vayvater Yaacov levadô*” (Bereshit 32:25). Rashi explica, que Yaacov esqueceu pequenos objetos de seus pertences do outro lado do rio e voltou para buscá-los.

Nossos sábios nos dizem, que os *tsadikim* têm um apreço

maior para com seus pertences materiais do que para com o seu próprio corpo. Isso porque querem se auto-educar para nunca chegarem a ferir os bens materiais do próximo.

Sabemos que Yaacov saiu da casa de Lavan com uma grande riqueza. Mesmo assim, voltou para pegar pequenos objetos que pertenciam a ele.

De acordo com a *Torá*, o cerco (cuidados especiais) – para que o indivíduo não venha a transgredir suas leis – é de suma importância. Somente por intermédio dele é que ficamos protegidos de não cair em graves infrações.

Em outra ocasião, Yaacov colocou à disposição de Essav toda a sua fortuna, para que este lhe cedesse o lugar na *Mearat Hamachpelá*.

Em princípio, parece haver um comportamento contraditório. Quando se tratava de objetos pequenos, Yaacov voltou para buscá-los, mas quando se tratava do lugar da sepultura, sem hesitar um só momento, colocou à disposição de Essav todos os seus bens para sua aquisição.

Examinando superficialmente, pode parecer contraditório. Porém, com uma análise um pouco mais profunda, concluímos que deve haver uma grande diferença de comportamento para com nossos bens, quando se refere a coisas materiais ou a coisas espirituais.

Com relação a coisas materiais, Yaacov *Avínu* fez de tudo para poder ter seus objetos de volta, porque não há nenhum motivo para perdê-los. Mas quando se tratou do âmbito espiri-

tual, Yaacov dispôs de toda a sua fortuna, pois não há valor monetário que não seja dispensável para conquistar o espiritual.

*Baseado no Livro Mishnat Rabi Aharon
de autoria do Rabino Aharon Kotler zt”l*

VAYÊSHEV / וישב

FELICIDADE E HARMONIA

“*Ki ben zekunim hu lo*” (Bereshit 37:3) – Porque ele era filho da velhice. Rashi explica que, tudo o que Yaacov estudou com Shem e Êver, ensinou a seu filho Yossef.

Shem (o filho de Nôach) e Êver (bisneto de Shem) tinham um *bêt midrash* onde estudavam e transmitiam os ensinamentos da *Torá*. Nas leis de *Avodat Cochavim* (cap. 1 item 2) Rambam (*Rabi Moshê ben Maymon*) conta, que antes de Avraham *Avínu* começar a difundir as idéias do monoteísmo no mundo, eles eram os únicos a acreditar em D’us.

A conselho de Yitschac, Yaacov *Avínu* saiu da casa de seus pais para se casar com uma das filhas de Lavan (irmão de Rivcá). Antes de enfrentar esta nova etapa de sua vida, Yaacov julgou acertado passar quatorze anos na *Yeshivá* de Shem e Êver. Assim, munuiu-se de uma grande bagagem espiritual para poder enfrentar este novo convívio, distante da influência positiva e elevada de seus pais Yitschac e Rivcá.

O Rabino Yaacov Kaminetski *zt”l* em seu livro *Emet Le-*

yaacov diz, que Yaacov teve essa iniciativa, por entender que somente os ensinamentos dos patriarcas Avraham e Yitschac não bastariam, para que fosse bem-sucedido e conseguisse se manter em seus elevados níveis de espiritualidade.

Shem e Êver viveram em épocas negativas ao extremo, no que diz respeito à moralidade e à falta de fé no Criador – como o dilúvio e a Torre de Babel. Apesar disso, tiveram força suficiente para se elevar acima de todos esses males e enfrentar uma realidade diferente da criada por Avraham e Yitschac. Por isso, Yaacov achou conveniente aprender com esses dois mestres, que possuíam vasta experiência de vida e obtiveram resultados positivos espiritualmente, mesmo em situações adversas. Somente após quatorze anos de fortalecimento espiritual e depois de sentir-se imune para enfrentar qualquer situação, Yaacov se dirigiu finalmente à casa de Lavan. Esses ensinamentos foram a luz de seu caminho, durante toda a sua árdua permanência na casa de Lavan.

Pelo mesmo motivo que teve ao procurar os ensinamentos de Shem e Êver, Yaacov achou conveniente transmiti-los a Yossef. No futuro, Yossef ficaria afastado do convívio de seu pai e de um ambiente fundamentado na *Torá* e viveria em terra estranha. Estes ensinamentos proporcionariam a Yossef, longe de seu pai e irmãos, a força espiritual adequada para vencer todos os testes que a vida imoral do Egito lhe apresentaria.

Entretanto, seus irmãos, que não sabiam o motivo de tanta dedicação por parte de seu pai e de forma exclusiva a Yossef, invejavaram-no. Porém, após todos os acontecimentos, con-

cluíram que se não fosse por esses ensinamentos que Yaacov transmitiu a Yossef, pelo fato de Yossef ter ficado no Egito por muitos anos sozinho, ele não teria força suficiente para enfrentar um ambiente tão adverso àquele que estava acostumado, sem modificar seu comportamento correto.

Os outros irmãos não precisavam dos ensinamentos de Shem e Êver, que eram específicos para quem tivesse de enfrentar outros ambientes em uma sociedade corrompida. Embora eles também tenham ido para o Egito, foram em grupo, todos juntos. Antes de Yaacov mudar-se para o Egito com toda a família, enviou Yehudá na frente para que preparasse uma *Yeshivá*. A família de Yaacov, então, deslocou seu meio ambiente tal como ele era em *Êrets Kenaan* para *Êrets Gôshen*, no Egito.

Esse pensamento reforça a idéia, de que há uma diferença básica no modo de estudo. Ou seja, um método diferente é necessário para aqueles que precisam viver em ambientes divergentes daqueles que estavam acostumados.

A convivência dos judeus em seus países de origem, fechados em suas comunidades seguidoras do caminho da *Torá* e das *mitsvot*, pode ser comparado ao convívio dos patriarcas Avraham, Yitschac e Yaacov com seus filhos – onde os métodos tradicionais bastavam para dar o sustento espiritual necessário.

No século passado, ao serem obrigados a abandonar seus lugares de origem e irem para os países da América, onde o círculo fechado se abriu, os judeus viram um mundo novo e moderno. Os modos convencionais de transmissão da *Torá* não eram suficientes para dar equilíbrio e serenidade, para que

pudessem enfrentar o novo modo de vida voltado ao modernismo, à ganância e ao consumismo materialista extremo. Precisavam de um freio a este modo de vida, que causaria o abandono paulatino dos princípios básicos do judaísmo, como o *Shabat*, a *cashrut* e tantos outros.

Esse “novo estilo de vida” na realidade não é novo na história da humanidade. Aprendemos de Yaacov, que foi procurar ensinamentos que já haviam sido postos em prática por outros, com resultados positivos, frente aos “novos estilos de vida”. Para poder enfrentá-los, nós também temos de assimilar esta forma de pensar.

Temos de aplicar, na educação das novas gerações, estudo de *Torá* com bagagem suficiente, para que possam seguir o caminho da *Torá* em qualquer circunstância e lugar. Ensinaamentos que dêem ao jovem a visão autêntica das *mitsvot* e a crença total nos elementos eternos da *Torá*, que nos foi dada pelo Criador, cujos pensamentos são muito mais amplos e complexos do que os limitados horizontes do ser humano.

Isso para que os jovens compreendam, que a *Torá* e suas *mitsvot* são compatíveis com todas as gerações, até mesmo com o progresso da tecnologia e da ciência. A própria *Torá* alude a estas gerações, nas quais se previu o desenvolvimento. O *Zôhar Hacadosh* diz, que no sexto milênio (*êlef hashishi*) seriam abertas as fontes da sabedoria, porém não há nenhuma indicação de que nesta época haveria “*chas veshalom*” alguma mudança no modo de vida estipulado pela *Torá*. Modo esse que mantém vivo nosso povo desde seu nascimento até os dias

de hoje, enquanto outros tantos povos, culturas e civilizações que pareciam ser eternos, estão hoje enterrados, restando deles apenas alguns monumentos arqueológicos e alguns capítulos da História. O Povo de Israel, sua cultura e seus costumes, entretanto, estão presentes na vida das diversas comunidades, distribuídas nos quatro cantos do mundo.

A *Torá* e seus mandamentos provaram oferecer a felicidade e a harmonia de um modo ainda mais expressivo nos últimos anos. Dia a dia, nossas fileiras aumentam, com novos aderentes do caminho da *Torá* e de suas *mitsvot*. Voltam ao judaísmo por comprovarem o fracasso de uma vida de vazio espiritual, onde somente os prazeres materiais não bastam para trazer a felicidade e a harmonia aos lares. Dão-se conta do fracasso do ambiente exterior à *Torá*, onde o divórcio, a imoralidade, o uso e abuso de álcool e entorpecentes e outros males levaram muitas famílias ao desespero, à infelicidade e à desunião total.

Felizes aqueles que, ainda em tempo, perceberam a autenticidade da *Torá*. Felizes aqueles que concluíram, que mediante seus preceitos, pode-se atingir os mais altos níveis de felicidade, harmonia e união. Felizes aqueles que entenderam, que é possível a construção de uma família e ideais que servirão de exemplo para que outros os acompanhem para alcançar de fato uma forma de vida ideal – a baseada nos conceitos e mandamentos da *Torá*.

MIKETS / מִקֵּטִים

NÃO GUARDAR MÁGOA E RESSENTIMENTO

Yossef denominou seu filho primogênito de Menashê. A *Torá* nos diz por que lhe deu este nome: “*Ki nasháni Elokim et col amali veet col bêt avi*” (Bereshit 41:51) – Pois D’us fez-me esquecer todas as minhas penas e toda a casa de meu pai.

Cabe-nos perguntar o seguinte sobre esta passagem: Estaria correto Yossef dar nome a seu filho levando em consideração seu esquecimento da casa de seu pai e ainda agradecer ao Eterno por este fato?

Foi nessa casa que Yossef recebeu a preciosa educação do patriarca Yaacov, com o qual estudou partes das *mishnayot*, conforme a explicação da passagem: “*Ki ben zekunim hu lo*” – Yossef era filho da velhice de Yaacov. A palavra *zekunim* é formada pelas letras *záyin*, *cuf*, *nun*, *yod*, e *mem* que são as iniciais das palavras *Zeraim*, *Codashim*, *Nashim*, *Yeshuot* e *Moed*, nomes de cinco dos seis volumes das *mishnayot*.

Porém esta passagem, que relata o esquecimento de Yossef da casa de seu pai, tem outro sentido, conforme nos explica o rabino Bentsiyon Bruck *zt"l* em seu livro *Heg'uyonê Mussar*. A explicação é a seguinte:

É evidente que o sofrimento de Yossef por estar distante da casa de seu pai era incalculável. Seu pai lhe transmitiu todos os estudos que adquiriu no *bêt midrash* de Shem e Êver e amava Yossef imensamente. Além de estar longe da casa de seu pai, Yossef sofreu por ter sido vendido por três vezes e chegou até a ser preso sem justa causa.

Yossef poderia achar que seus irmãos fossem os culpados por todos os sofrimentos pelos quais passou. Ele poderia pensar que, estar distante de seu pai e do aconchego da família, a falta de estudo da *Torá* em companhia de Yaacov e sua prisão, fossem apenas conseqüências de seus irmãos terem-no vendido como escravo.

Entretanto, Yossef não guardou nenhum sinal de rancor e agradeceu ao Todo-Poderoso por ter-lhe dado a oportunidade de aperfeiçoar suas virtudes, não guardando mágoa dos irmãos e esquecendo completamente o que lhe fizeram. Por isso, chamou seu filho primogênito de Menashê, derivado da palavra *nasháni* – ressentimento.

Quando os irmãos de Yossef foram ao Egito e ele os reconheceu, consta na *Torá*: “*Vayizcor Yossef et hachalomot asher chalam*” (Bereshit 42:9) – E lembrou Yossef os sonhos que sonhou. O Gaon de Vilna *zt"l* diz que daqui inferimos Yossef não lembrou em nenhum instante o que lhe fizeram (que fora

jogado no poço e vendido). Ou seja; Yossef não guardou nenhum ressentimento de seus irmãos.

Este comportamento de Yossef nos ensina uma grande lição. Mesmo que as circunstâncias e os motivos sejam justos para que guardemos mágoa de outras pessoas, mesmo que nos pareça que alguém causou nosso sofrimento ou nosso fracasso profissional e mesmo que nossa natureza seja guardar rancor nestas situações, devemos controlar nossos corações, pois isto levaria ao ódio.

Yossef *Hatsadic* deve nos servir de exemplo. Embora tenha passado por muitos infortúnios, não guardou mágoa e ressentimento. Ele conseguiu purificar seu coração de todos estes males.

O *Talmud Guitin* 58 relata que Rabi Yehoshua *ben Chananyá* foi certa vez a Roma. Contaram-lhe que lá estava preso um menino de linda fisionomia, bonitos olhos e cabelos cacheados. Rabi Yehoshua foi até a prisão para vê-lo e perguntou-lhe: “*Mi natan limshissá Yaacov Veyisrael levozezim*” (Yesha’yáhu 42:24) – Quem expôs Yaacov e Yisrael ao insulto e ao desprezo? E o menino respondeu: “*Halô Hashem zu chatánu Lo*” – foi D’us, porque pecamos a Ele. Rabi Yehoshua declarou, então, ter certeza de que este jovem seria um líder espiritual no futuro, e recebeu sobre si a tarefa de não sair da cidade até resgatar o menino por qualquer valor que fosse exigido.

Muitos de nossos sábios perguntam, se somente porque tinha lindos olhos e boa aparência merecia ser resgatado da

prisão. Por outro lado, se ele merecia ser resgatado somente porque Rabi Yehoshua sentiu que seria um futuro líder espiritual, por que havia então a necessidade de o *Talmud* descrever seu aspecto físico?

O *Talmud* nos ensina algo muito profundo. Quando um indivíduo comum está passando por algum sofrimento e principalmente se ainda é uma criança, normalmente estaria magoado, com fisionomia abatida e espírito abalado, sem cuidar de seu aspecto físico. O sofrimento e a tristeza do indivíduo refletem em seu rosto.

Aquele menino entretanto, ao contrário do habitual, possuía controle total sobre si, e seu semblante apresentava-se tranqüilo e sereno. Ao comprovar isso, Rabi Yehoshua percebeu que estava perante alguém especial. Sendo assim, previu que a criança seria, no futuro, um grande personagem, como de fato aconteceu. Este jovem tornou-se o grande mestre Rabi Yishmael *ben* Elishá, um dos sábios que sofreram torturas e humilhações pelo Império Romano.

Nossos sábios nos ensinam no *Talmud San'hedrin* 85, que mesmo em momentos de perigo não devemos mudar de comportamento, mantendo-nos sempre em nosso nível. Sobre esta passagem, Rashi traz uma prova de que este é comportamento correto.

Quando Chananyá, Mishaél e Azaryá foram jogados no forno por Nevuchadnetsar, eles apresentaram-se com suas vestes nobres costumeiras.

Portanto, o indivíduo deve manter seu equilíbrio em todas

as situações, seguindo os exemplos de Yossef *Hatsadic* e de Rabi Yishmael *ben Elishá*, não guardando rancor e confiando com fé absoluta no Criador.

CHANUCÁ / חנוכה

QUANTIDADE VERSUS QUALIDADE

Em seu livro *Tif'êret Hayahadut*, o Rabino Binyamin Efrati nos diz que no mundo há duas espécies de valores: os valores quantitativos e os valores qualitativos. A relação entre a quantidade (sem levar em consideração o conteúdo) e a qualidade é a mesma que existe entre o natural e o sobrenatural.

Os valores quantitativos estão expressos no material, nos elementos que não possuem santidade (*divrê chol*) e nos povos do mundo, enquanto os valores qualitativos estão expressos no espiritual, nos elementos que possuem *kedushá* (santidade) e na *Torá* de Israel.

Durante o domínio greco-assírio que conspirou para impor restrições às práticas e aos valores do judaísmo, deflagrou-se uma rebelião dos judeus, liderada pelos *Chashmonaim* (Matityáhu *ben* Yochanan *Cohen Gadol* e seus filhos), que culminou com a reinauguração do Templo de Jerusalém, no ano

3595, e que hoje é comemorada por nós durante os oito dias da festa de *Chanucá*.

Nessa ocasião, houve um sério confronto entre estes dois valores. Os valores materiais tinham uma extrema importância na cultura grega. Esta tinha por objetivo o esquecimento dos valores qualitativos que são eternos e que estavam expressos no Povo de Israel, na sua *Torá* e no cumprimento das *mitsvot*.

A cultura grega atribuía qualidades divinas aos elementos e aos fenômenos naturais, amava o materialismo e sublimava a inteligência, esquecendo-se de que sem a força do Criador, o cérebro seria incapaz de funcionar. A cultura judaica confia na sabedoria que o Todo-Poderoso dá aos homens e por isso, na *Amidá*, após as três primeiras bênçãos, nós recitamos a seguinte *berachá*: “*Atá chonen leadam dáat*” – Tu (o Criador) dás ao homem sabedoria.

Pelo fato de a sabedoria judaica ser um confronto à cultura grega, queriam anular a cultura de Israel, a *Torá*, a *emuná* e a *kedushá*. Aqui está a diferença entre a época de *Purim* e a de *Chanucá*. Mesmo que o Povo de Israel cedesse em seu judaísmo, não seria suficiente para Haman, pois este queria aniquilar todo o povo. Os gregos, entretanto, aceitariam o Povo de Israel de bom grado, caso rejeitassem suas crenças. Portanto, os gregos declararam a guerra contra o espiritual para fazer o material prevalecer.

A vitória da minoria fraca de judeus sobre a maioria forte dos gregos está descrita no trecho de “*Al Hanissim*”, acrescentado na *Amidá* e no *Bircat Hamazon* em *Chanucá*. Duran-

te os oito dias proferimos: “*massarta guiborim beyad chalashim verabim beyad meatim*” – entregaste os fortes nas mãos de fracos e os numerosos nas mãos de poucos. Isto representa a vitória da qualidade sobre a quantidade.

Por que a minoria fraca venceu a maioria forte? Porque apesar de ser minoria, a qualidade tinha maior valor que a quantidade.

Este fato manifestou-se também no milagre da ânfora de azeite. São necessários oito dias para produzir azeite puro. Depois de vencida a rebelião, os judeus procuraram azeite puro – que estivesse dentro de um recipiente lacrado com o selo do *Cohen Gadol* – para reacender a *menorá* do *Bêth Hamicdash*. Entretanto, encontraram somente uma pequena ânfora; as demais haviam sido profanadas pelos gregos quando estes entraram no *Hechal* (reduto sagrado). A quantidade de azeite desta ânfora seria suficiente para acender a *menorá* por apenas um dia, porém aconteceu um milagre e a pequena quantidade foi suficiente para oito dias. Isto, porque esta pequena quantidade era de grande qualidade espiritual – possuía o lacre selado do *Cohen Gadol*. Este é o principal ponto do milagre de *Chanucá* – descoberta da força qualitativa sobrenatural.

Estes dois valores encontram-se em cada ser humano: a qualidade e a quantidade, o *côdesh* e o *chol*, a luz e a escuridão, o sobrenatural e o natural.

Os valores quantitativos, materiais, revelam-se através dos desejos constantes e das coisas superficiais e distantes da *kedushá*. Os valores qualitativos manifestam-se baseados em

um ponto central de *kedushá* e provêm de uma centelha de *emuná* (fé) herdada de nossos antepassados. Correto seria se as forças da qualidade (*hacôdesh vebaemuná*) prevalescessem e as outras forças servissem apenas como ferramentas para os elementos qualitativos.

Às vezes, porém, os vícios apagam a *kedushá* – o ímpeto e o desejo que cada pessoa tem para se aproximar da *Torá* e cumprir as *mitsvot*. Os “gregos” entram no “*Hechal*” do ser humano – sua alma – e impurificam todo o “azeite” – os pensamentos e os anseios corretos. Entretanto existirá sempre um pequeno recipiente oculto com o lacre da santidade. Aquele que se empenhar em sua busca, encontra-lo-á: “*Badecu velô matseú ela pach echad shel shêmen*” – revistaram e encontraram somente uma pequena ânfora de azeite.

Embora esta procura seja fraca a princípio e haja conteúdo suficiente para iluminar somente um dia, o milagre de *Chanucá* se repetirá e ela acenderá por oito dias.

Os dias de *Chanucá*, a cada ano, são propícios para encontrarmos o “azeite” em nossos corações e despertar a qualidade e a *kedushá* para que estas se estendam sobre todas as atitudes de nossa vida.

Durante todos os dias da festa, após o acendimento das chamas, temos uma excelente oportunidade para transmitir a nossos filhos a história e os conceitos de *Chanucá*. Com isso, estaremos acendendo também a chama do judaísmo.

VAYIGASH / וַיִּגַּשׁ

O VALOR DA VIDA ESPIRITUAL

Como vice-rei do Egito, Yossef comandou uma grande estocagem de alimentos durante os anos de fartura. Quando vieram os anos de fome, o Egito era o único país, que por ter economizado, possuía grande estoque de comida. Quando seus irmãos vieram ao Egito para comprar comida, Yossef revelou-se a eles como seu irmão. Pediu a eles que não ficassem magoados por terem-no vendido como escravo, pois tudo isso ocorreu por Providência Divina, para que pudesse sustentá-los durante os anos em que a humanidade sofreria a falta de víveres.

Yossef ficou 22 anos longe de seu pai Yaacov, sem que este tivesse notícia alguma de seu paradeiro. Ao voltarem do Egito, seus irmãos disseram a Yaacov que Yossef estava vivo e que governava o Egito. Porém Yaacov não acreditou. Conforme consta na *parashá*: “*Vayaguídu lo lemor: od Yossef chay vechi hu moshel bechol Êrets Mitsáyim. Vayafig libô ki lô heemin lahem*” – E anunciaram-lhe dizendo: Yossef ainda vive e ele é governador de toda a terra do Egito. E não importou a

seu coração, pois não acreditou neles” (Bereshit 45:26).

Nossos sábios perguntam por que os filhos de Yaacov não contaram primeiro sobre o estado de Yossef e sim que ele governava o Egito? Ora, o mais importante para um pai que fica tanto tempo sem ter notícias de seu filho, é saber como ele está e não o que ele é.

Respondendo a essa pergunta, o Ketav Sofer diz, em seu comentário sobre *Meguilat Ester* – em nome de seu pai, Chatam Sofer – que ao dizerem “*Vechi hu moshel bechol Êrets Mitsráyim*” – ele é governador de toda a terra do Egito – os filhos de Yaacov estavam se referindo ao seu estado espiritual. O Egito naquela época era o país em que a espiritualidade era secundária e o materialismo, o principal. Sabendo que para Yaacov, a maior preocupação em relação a seus filhos era saber seu grau de espiritualidade, seus filhos lhe disseram que Yossef é que governa sobre o Egito e não o Egito que governa sobre Yossef. Com isso deram a entender, que Yossef tinha controle absoluto sobre seu estado espiritual e não se deixava levar, em nenhum momento, pelos prazeres materiais e pelo modo de vida que o Egito apresentava. Mesmo distante do pai e do ambiente elevado dos irmãos, Yossef se manteve firme no seu alto nível espiritual.

O versículo seguinte (Bereshit 45:27) nos atesta, que Yossef não tinha caído espiritualmente. Quando viu as carroças (*agalot*) que Yossef lhe enviou, Yaacov acreditou definitivamente que Yossef continuava em seu status espiritual elevado. Yossef desta forma, enviou um sinal para Yaacov, indicando

que ele resistiu com êxito e conservou seu vínculo com assuntos que Yaacov considerava prioritários. Conforme Rashi explica: “Por intermédio das carroças, Yossef lembrou ao pai que o último assunto de *Torá* que estudaram juntos antes de se separarem, foi *Eglá Arufá* (Devarim 21).

Nesta mesma *parashá*, Yaacov e seus filhos vão ao Egito e Yaacov finalmente encontra-se face a face com Yossef. Sua reação chamou a atenção de nossos sábios, porque Yaacov disse a Yossef no momento do encontro: “*Amuta hapaam acharê reoti et panêcha ki odechá chay*” (Bereshit 46:30) – Já posso morrer agora, depois de ver teu rosto, pois ainda vives. O comentarista da *Torá*, Or Hachayim Hacadosh pergunta, o que Yaacov concluiu nesse momento que lhe era desconhecido? Ele responde que ainda restava a Yaacov uma dúvida, mas ao ver seu rosto certificou-se definitivamente que seu alto nível de espiritualidade foi resguardado. Os *tsadikim* (os justos) reconhecem o nível de seu semelhante, apenas olhando para seu rosto.

O Rei Shelomô diz em seu livro *Cohêlet* (8:1): “*Chochmat adam tair panav*” – A sabedoria do homem (o conhecimento da *Torá* que ele possui) ilumina seu semblante. O nível espiritual do indivíduo irradia luz para sua vida e para a vida daqueles que estão à sua volta.

VAYCHI / ויחי

A EDUCAÇÃO NO CAMINHO DA TORÁ EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS E PARTES DO MUNDO

Yossef levou seus dois filhos, Menashê e Efráyim, para visitar o avô Yaacov, que estava doente. Yaacov pediu que eles se aproximassem para que ele os abençoasse. Yossef então colocou seus filhos perante Yaacov da seguinte forma: Menashê (o primogênito) à direita de Yaacov e Efráyim (o caçula) à esquerda. Porém, quando os abençoou, Yaacov colocou sua mão direita sobre a cabeça de Efráyim (o caçula) e a esquerda sobre a cabeça de Menashê (o primogênito).

Sobre esta passagem, o *Rosh Yeshivá* de *Porat Yossef*, Rabino Yehudá Tsadca, em seu livro *Col Yehudá*, diz que nesse momento houve uma discussão filosófica entre Yaacov e Yossef. Yossef pensava que pelo fato de Menashê ser o primogêni-

to e também seu braço direito no governo do Egito, deveria ser abençoado primeiramente.

Yaacov, dentre nosso três patriarcas, destacou-se como “*ish tam yoshev ohalim*” (Bereshit 25:27) – freqüentador de lugares onde se estuda a *Torá* – pois passou catorze anos estudando *Torá* no *bêt hamidrash* de Shem e Êver e seus anos de vida foram dedicados a ensinar a *Torá* para seus filhos. Ele, por sua vez, entendia que Efráyim, o caçula, que era seu braço direito no estudo da *Torá* – seguidor expressivo deste seu caminho – é que deveria ter a preferência da *berachá*, embora Menashê também fosse seguidor da *Torá* e de seus caminhos, porém sua dedicação não era exclusiva à *Torá*, como era a vida de Efráyim.

Por esse mesmo enfoque, entendemos por que, ao terminar de abençoá-los, Yaacov disse “*Veyicarê bahem shemi veshem avotay Avraham Yitschac...*” (Bereshit 48:16) – Que eles conduzam meu nome juntamente com os nomes de meus pais Avraham e Yitschac... (literalmente seja chamado neles meu nome e o nome de meus pais). Em princípio, Yaacov devia lembrar em primeiro lugar o nome de Avraham e Yitschac e depois o seu. Mas como Yaacov se destacava como “*yoshev ohalim*” – e este é o símbolo que queria deixar para as próximas gerações – antecipou seu nome ao de seus antepassados.

Rashi explica o passuc “*bechá yevarech Yisrael...*” (Bereshit 48:20) como: Por ti, abençoará Yisrael. Significando que todos aqueles que abençoarem seus filhos, usarão a bênção que

foi dita a Efráyim e Menashê, dizendo-lhes: “*Yessimechá Elokim Keefráyim Vechimnashê*” – D’us te faça como Efráyim e como Menashê. Cabe aqui perguntar: por que Yaacov escolheu os dois filhos de Yossef (seus netos) como exemplo de bênção para todas as gerações?

Por ter permanecido distante de seu filho durante 22 anos, Yaacov preocupava-se com o estado espiritual de Yossef (vide *parashá* anterior). O Egito era o lugar de nível mais baixo e vulgar daquela época. Quando ficou comprovado que, apesar de morar no Egito – envolvido por idéias e conceitos completamente diferentes daqueles recebidos na casa do pai – distante dos demais irmãos e do meio ambiente de elevado nível espiritual que envolvia a família de Yaacov e pela influência positiva que este exercia sobre seus filhos, Yossef não apenas manteve seu nível espiritual, mas conseguiu educar seus dois filhos nos níveis mais eficientes e elevados do caminho da *Torá* e das *mitsvot*. Yossef não deixou nem um pouco a desejar da educação que Yaacov tinha dado a seus próprios filhos. Por isso, Yaacov teve uma surpresa muito agradável e quis ressaltar, para todas as futuras gerações, que mesmo em países como o Egito, há a possibilidade e a obrigação de educar os filhos no caminho da *Torá* e das *mitsvot*.

Deixando esta bênção como exemplo para as outras gerações, Yaacov quis que não ficasse a impressão de que somente seria possível educar corretamente e seguir os caminhos da *Torá* em ambiente favorável e em *Êrets Yisrael*, como foi a educação de seus filhos. O exemplo disso está em Yossef.

Apesar de ser o Vice-Rei do Egito, e apesar das inúmeras ocupações que tinha, em nenhum momento abandonou a tarefa sagrada e mais importante, que é a de transmitir a seus filhos e às gerações futuras, os nobres valores da *Torá* e a prática das *mitsvot*.

Assim sendo, todos os pais, em qualquer lugar e em quaisquer circunstâncias, ao abençoarem seus filhos usando a *berachá* que Yaacov deu a Efráyim e a Menashê, lembrarão de sua tarefa maior, que é a de educar seus filhos no caminho da *Torá*, mesmo que em situações aparentemente desfavoráveis.

שמות

SHEMOT

SHEMOT / שמות

YIR'AT SHAMÁYIM O TEMOR A D'US

Yossef e Yaacov trouxeram muitos benefícios para o Egito. Yossef previu sete anos de fartura, seguidos de sete anos de fome, e montou um esquema para abastecer o Egito nesses anos difíceis. Por mérito de Yaacov, os sete anos de fome foram reduzidos para dois, pois assim que ele chegou, o Nilo voltou a transbordar, pondo fim aos anos de seca.

Após a morte de Yossef e de todos seus irmãos, assume o reinado do Egito um novo faraó. Algumas opiniões dizem que era o mesmo de antes, porém não mais reconhecia os benefícios que Yossef trouxe.

Esse Faraó decidiu escravizar os Filhos de Israel. Quando seus astrólogos lhe disseram que estava para nascer um menino, que futuramente salvaria os Filhos de Israel, o Faraó decretou que todos os meninos, que nascessem a partir daquele dia, fossem jogados no rio Nilo.

Moshê, o menino tão temido pelo Faraó, nasceu e sua mãe escondeu-o dos egípcios por três meses. Não podendo mais escondê-lo, sua mãe pôs Moshê dentro de uma cesta bem protegida e colocou-a no rio. Quis a Providência Divina que a filha do Faraó, Bityá, encontrasse-o e criasse esse menino em sua própria casa. “*Rabot machashavot belev ish vaatsat Hashem hi tacum*” (Mishlê 19:21) – São muitos os pensamentos do ser humano, porém acaba prevalecendo a vontade Divina.

Um dos fatores primordiais para a continuidade do Povo de Israel foi, sem dúvida, a atitude tomada por Yocheved (a mãe de Moshê) e Miryam (a irmã de Moshê). Colocando em risco suas próprias vidas, Yocheved e Miryam, que eram as parteiras das mulheres de Israel, não acataram a ordem do Faraó de entregar os meninos que nascessem para serem jogados no rio, conforme a *Torá* nos diz: “*Vatirêna hamyaledot et Haelokim, velo assu caasher diber alehen mêlech Mitsráyim vatechayêna et hayladim*” (Shemot 1:17) – As parteiras temeram a D’us e não fizeram como lhes havia falado o rei do Egito, e deixaram os meninos viver.

A *Torá* nos relata que esta atitude de Yocheved e Miryam foi proveniente do temor a D’us, como consta no versículo: “*Vaychi ki yarêu hamyaledot et Haelokim...*” (Shemot 1:21) – E eis que as parteiras temeram o Todo-Poderoso.

Este temor que as parteiras tiveram do Todo-Poderoso (*Yir’at Shamáyim*), não acatando o que o Faraó ordenara, salvou o povo. Caso elas não tivessem tomado esta corajosa atitude, a continuidade do povo, o nascimento de Moshê, o rece-

bimento da *Torá* no Monte Sinai, a construção do *Mishcan* (Tabernáculo), etc., estariam comprometidos.

Um dos grandes pensadores da Filosofia Judaica de nossa época, o Rabino Shelomô Wolbe, nos diz em seu livro *Alê Shur* (vol. II pág. 341), que a *Yir'at Shamáyim* (temor a D'us) consolida a personalidade das pessoas, dando-lhes atributos para que possam superar os testes (*nissyonot*) e vencer os obstáculos que surgem em suas vidas.

Após o último dos dez testes pelos quais Avraham *Avínu* passou, a *Akedá* (para verificar se Avraham estava disposto a sacrificar seu próprio filho pela fé em D'us), o Todo-Poderoso lhe diz: “*Atá yadáti ki yerê Elokim áta*” (Bereshit 22:12) – Agora sei que temente a D'us és tu.

Por intermédio da superação dos obstáculos que aparecem à nossa frente, com a finalidade de tentar nos afastar do caminho espiritual correto, podemos concluir qual é nosso nível de *Yir'at Shamáyim*.

Outra passagem da *Torá* na qual podemos observar que a *Yir'at Shamáyim* é avaliada em momentos de *nissayon* (teste), é a que relata sobre as pragas enviadas aos egípcios.

Depois da praga de *barad* (granizo – a sétima praga), o Faraó diz a Moshê: “Destá vez pequei, D'us é justo e eu e meu povo somos os ímpios. Orem para D'us... e lhes darei licença para sair (Shemot 9:27-28). Embora Moshê lhe tenha dito que rezaria para que o granizo cessasse, fez-lhe a seguinte observação: “*Veatá vaavadêcha yadati ki terem tireun mipenê Hashem Elokim*” (Shemot 9:30) – Eu sei que você e seus servos

ainda não temem a D'us. Rashi explica que Moshê afirmou que o Faraó ainda não temia o Todo-Poderoso, porque sabia que depois que essa praga terminasse, esta aparente recuperação do Faraó seria colocada em teste e ele voltaria a ser o mesmo de antes. Moshê, portanto, avaliou o temor a D'us do Faraó, levando em consideração a situação de que estaria em teste.

Se vencermos os obstáculos e nos mantivermos no caminho da *Torá* e das *mitsvot*, nossa *Yir'at Shamáyim* estará solidificada e comprovada. Sobre isso, nossos sábios disseram: “*Hacol bidê Shamáyim chuts meyir'at Shamáyim*” – Tudo vem dos Céus, menos o temor a D'us.

VAERÁ / וָאֵרָא

YIR'AT SHAMÁYIM O TEMOR A D'US

Continuamos a tratar nesta *parashá* o tema tratado na *parashá* anterior: o temor ao Todo-Poderoso.

Nesta *parashá* (Shemot 9:18-19) antes de D'us enviar a praga de granizo aos egípcios, *Par'ô* foi advertido de que uma chuva de pedras muito forte, como nunca houve igual, iria ocorrer no Egito. Era prudente que se recolhesse para dentro de casa todo o gado e tudo o que havia no campo, porque todo o homem ou animal que estivesse no campo, seria atingido pela saraiva e morreria.

A *Torá* (Shemot 9:20-21) segue dizendo que “aquele que temeu a palavra do Eterno dentre os servos do Faraó, fez fugir a seus servos e a seu gado às casas e quem não pôs em seu coração à palavra do Eterno, deixou seus servos e seu gado no campo”. O surpreendente desta passagem é que, quando a *Torá* se referiu aos que recolheram seu gado, usou a linguagem

“*hayarê et devar Hashem*” – aquele que temeu a palavra do Eterno – e quando se referiu aos que não recolheram o gado, em vez de dizer “e os que não temeram a palavra do Eterno...”, a *Torá* escreveu “*Vaasher lô sam libô el devar Hashem*” – E aquele que não prestou atenção à palavra do Eterno.

O rabino Avraham Zalmans *zt”l* diz que com isso a *Torá* quer nos ensinar, que há uma condição básica e necessária para conseguirmos atingir o grau de temor ao Eterno: devemos ser atentos e ponderar os valores espirituais. Não houve quem tivesse prestado a devida atenção às coisas espirituais, que não tenha alcançado o temor ao Eterno.

Por isso, quando a *Torá* se refere àqueles que não recolheram o seu gado, ela enuncia: “Aqueles que não prestaram atenção à palavra do Eterno”. Se tivessem prestado atenção e levado em consideração o conselho dado, teriam atingido o grau de “*yerê Shamáyim*”.

Há dois níveis diferentes no conceito de *Yir’at Shamáyim*: o primeiro consiste daqueles que temem o Todo-Poderoso, por receio das conseqüências que ocorrerão à conta de ter transgredido Suas leis. Em princípio, este tipo de temor é fácil de ser alcançado, como explica o *Messilat Yesharim*, no capítulo 24. Todo o ser humano gosta de si mesmo e teme efeitos que possam prejudicá-lo. Este nível, entretanto, não é o grau satisfatório para os sábios e para os intelectuais.

O nível elevado de *Yir’at Shamáyim* é denominado por nossos sábios de “*Yir’at Haromemut*”. Ele é obtido pela conclusão a que o ser humano chega quando analisa a grandeza do

Eterno. Conseqüentemente, afasta-se dos pecados e esforça-se ao máximo para não transgredir as leis da *Torá*. Em respeito à grandeza do Criador, cumpre as *mitsvot* por ser a vontade Dele.

Após a compenetração necessária, o indivíduo – sabendo de suas limitações e da grandeza de D’us – não se vê em condições de fazer algo que seja contrário à vontade do Eterno. Esta conclusão só pode ser alcançada, depois de muita dedicação no estudo da *Torá*. Conforme diz o Rabino Shelomô Wolbe em seu livro *Alê Shur* vol. II., o estudo da *Torá* e o nível de *yir’á* caminham juntos e têm um pacto entre si.

O Rei Shelomô diz (Mishlê 1:7): “*Yir’at Hashem reshít dáat*” – O temor ao Eterno é o início de todo o conhecimento. O Rei David diz no *mizmor* 19 do *Tehilim*: “*Yir’at Hashem tehórá omedet laad*” – Quando o temor a D’us é puro, ele será permanente. Nesse mesmo capítulo, no versículo anterior, o rei David escreve: “*Pikudê Hashem yesharim, messamechê lev; mitsvat Hashem bará meirat enáyim*” – Os preceitos de D’us são corretos, contentam o coração e suas *mitsvot* são nítidas e iluminam os olhos.

Quando unimos a *yir’á* ao estudo e cumprimento da *Torá*, podemos estar convictos de que estamos no caminho correto, na realização de nossos deveres perante o Todo-Poderoso. Juntos, a *yir’a* e o estudo da *Torá* completam o ser humano e ajudam-no na trajetória para alcançar os valores e níveis espirituais, que almeja atingir durante os anos de sua vida.

BÔ / בּוֹ

A FAMÍLIA E O CHINUCH AOS OLHOS DA TORÁ

Logo no início desta *parashá*, após passadas sete das dez pragas com as quais o Todo-Poderoso castigou o Egito, há uma primordial diferença de idéias entre Moshê *Rabênu* e o Faraó, rei do Egito. Moshê e Aharon vieram até *Par'ô* e disseram-lhe, em nome do Todo-Poderoso, que desse a liberdade aos Filhos de Israel, para que pudessem servir a D'us (Shemot 10:3).

Em princípio e por insistência de seu povo, o Faraó pareceu consentir (Shemot 10:8). No entanto, perguntou: “*Mi vami haholechim*” – Quem são os que sairão do Egito? “*Vayômer Moshê bin'arênu uvizkenênu nelech bevanênu uvivnotênu...*” – E disse Moshê: Com nossos jovens e com nossos velhos, iremos; com nossos filhos e com nossas filhas... (Shemot 10:9).

Após a resposta de Moshê, *Par'ô* respondeu que somente os homens fossem servir a D'us (Shemot 10:11), não concor-

dando novamente com a saída dos Filhos de Israel do seu país.

Par'ô entendia, que para servir ao Todo-Poderoso seria suficiente apenas os homens, não sendo necessário incluir os jovens e os velhos, os filhos e as filhas.

Hoje em dia, muitas pessoas pensam como o rei do Egito. Excluem as crianças da educação religiosa, com o seguinte argumento: “Eles ainda são pequenos e não entendem, vamos esperar mais alguns anos”. Entretanto, esquecemo-nos de um fator primordial na educação. O que uma criança pode assimilar durante sua infância ser-lhe-á útil durante sua adolescência, quando então, não terá dificuldades para aceitar o comportamento adequado exigido pela *Torá*.

Rabênu Yoná Guironi, ao enfatizar a importância da educação religiosa das crianças, cita um versículo do *mizmor* 135 do *Tehilim*: “*Banênu kintilim megudalim bin'urehem*”. O rei David compara os filhos às plantas, dizendo que uma planta pode ser corrigida de qualquer irregularidade logo no seu início, antes que cresça. Depois que a árvore começa a se desenvolver, torna-se difícil e até mesmo muitas vezes inviável qualquer conserto.

Podemos dizer o mesmo com respeito à educação das crianças. É muito mais fácil e viável toda e qualquer aprendizagem quando a criança ainda é pequena, porque tudo o que lhe é ensinado é absorvido e com o tempo fará parte dela e acompanha-la-á durante todos os anos de sua vida.

Outro aspecto a ser analisado nesta discussão entre Mo-shê e o Faraó é com relação à posição que a mulher ocupa no

judaísmo. *Par'ô* alegou que era suficiente que somente os homens fossem servir ao Todo-Poderoso. Contudo, no judaísmo a mulher ocupa uma posição fundamental em muitas tarefas, como a educação dos filhos, a manutenção da *cashrut* e a preservação da pureza do lar. Moshê entendeu que não poderia de maneira alguma aceitar o critério que o Faraó lhe propunha.

Ao perceber que *Par'ô* insistia em seu ponto de vista, Moshê manteve-se irredutível; de forma alguma poderia excluir as crianças e as mulheres.

Esta filosofia que nos foi ensinada por Moshê, deve nos acompanhar sempre, em todas as gerações e em todos os lugares onde nosso povo estiver. A formação de um povo e seu desenvolvimento satisfatório só podem ocorrer, quando todo o povo estiver unido em uma única meta: servir ao Todo-Poderoso.

A respeito do *chinuch* (educação religiosa e geral), o Rabino Shelomô Wolbê nos diz (Alê Shur vol. I pág. 259) que a personalidade e o íntimo de um pai pode ser comprovado pelo *chinuch* de seus filhos. Todo o cumprimento das *mitsvot* e o estudo da *Torá* praticados pelo pai são considerados apenas um potencial até que eduque seus filhos. Ao verificar-se o resultado obtido no *chinuch* de seus filhos, este potencial terá se transformado em ação, pois este *chinuch* reflete o íntimo, a essência e a autenticidade do pai.

Este conceito também nos é transmitido por Rambam em *Hilchot Chaguigá* cap. 2 par. 3, quando diz que toda a criança (que já tem idade para andar com seu pai segurando sua mão e

puder subir a Jerusalém) deve ser levada por seu pai nos *Regalim* (*Pêssach*, *Shavuot* e *Sucot*) a Jerusalém e ele deve fazer-se ver na criança (“*leheraot bô*”) para educá-la no cumprimento das *mitsvot* (neste caso, a *mitsvá* de visitar o *Bêt Hamicdash*).

Pergunta-se qual o motivo de Rambam ter utilizado a linguagem “*leheraot bô*” (fazer-se ver nela) em vez da que seria correta: “*leheraot itô*” – fazer-se ver com ela. O Rabino Wolbê responde, que o Rambam quis nos transmitir a essência do *chinuch*: que o filho seja o espelho do pai, refletindo a boa essência, personalidade e virtudes do pai, para que o filho possa tornar-se exemplo e para que o pai possa orgulhar-se da educação que transmitiu.

BESHALACH / בשלח

NÃO SE EXPOR A TESTES

Antes de sair do Egito, os Filhos de Israel recolheram os utensílios de prata, de ouro e vestimentas que os egípcios haviam lhes dado “*Vayish’alu Mimitsráyim kelê chêssef uchlê zahav usmalot*” (Shemot 12:35) – conforme prometido pelo Todo-Poderoso a Avraham: “*Veacharê chen yetseu birchush gadol*” (Bereshit 15:14) – E depois disso sairão com muita riqueza.

Enquanto isso, Moshê estava preocupado com o caixão de Yossef, pois precisava levá-lo junto com eles quando saíssem do Egito. Por isso, os sábios dizem que o *passuc* em *Mishlê* (10:8): “*Chacham lev yicach mitsvot*” – O coração do sábio busca *mitsvot*, refere-se a Moshê. Por conseguinte, quando *Benê Yisrael* saíram do Egito levaram o corpo de Yossef com eles.

No *passuc* do *mizmor* 114 do *Tehilim*, consta sobre a abertura do Mar Vermelho: “*Hayam raá vayános*” – o mar viu e fugiu. Nossos sábios perguntam o que o mar viu e expli-

cam que viu o corpo de Yossef e por isso retraiu-se. Nesse momento, o Todo-Poderoso disse: “*Yanus mipenê haná sheneemar vayános vayetsê hachutsa, af hayam nas mipanav*” – Fugirá de quem fugiu, pois Yossef largou suas roupas nas mãos da esposa do Potifar (que queria seduzi-lo) e fugiu, e portanto o mar fugirá diante dele.

Por ter se resguardado e não ter pecado com a mulher de Potifar, Yossef foi recompensado de várias formas, conforme consta no *Midrash Rabá* (parashá 93): “*Piv shelô nashac baaverá*” – a boca que não teve contato com o pecado – “*Veal picha yishac col ami*”, foi recompensado que através de suas ordens guiou o povo do Egito. “*Gufô shelô nagá baaverá*” – o corpo que não teve contato com o pecado – “*vayalbesh otô bigdê shesh*” – foi vestido com roupas de seda. “*Tsavarô shelô hirkin baaverá*” – o pescoço que não se inclinou ao pecado – “*Vayássem revid hazahav al tsavarô* – foi colocado em seu peçoço a corrente de ouro. “*Yadav shelô mishmeshu baaverá*” – as mãos que não se envolveram com o pecado – “*Vayasser Par’ô et tabatô meal yadô vaytena al yad Yossef*” – o Faraó retirou o seu anel e colocou-o na mão de Yossef. “*Raglav shelô passou baaverá*” – os pés que não caminharam para o pecado – “*Vayircav otô bemirkêvet hamishnê asher lo*” – foi levado na carruagem do rei. “*Machashavá shelô chashvá baverá*” – o pensamento que não refletiu no pecado – “*Vayicreú otô Avrech, av bechochmá verach beshanim*” – foi chamado de *Avrech*, pai em sabedoria apesar de jovem em idade.

O rabino Chayim Shmulevits *zt"l*, em seu livro *Sichot Mussar*, faz a seguinte pergunta: já que Yossef foi recompensado de todas estas formas, por que ele mereceu mais esta recompensa de o mar se abrir, por seu mérito? E mais ainda; esta recompensa parece ser superior às citadas anteriormente, pois salvou o Povo de Israel dos egípcios.

A explicação que ele traz é que Yossef tinha força suficiente e poderia ter recuperado suas roupas das mãos da mulher de Potifar. Mas não o fez, dando assim a oportunidade para ela difamá-lo dizendo que ele queria seduzi-la à força. Isto lhe custou caro, pois ele foi enviado para a prisão.

Este procedimento de Yossef demonstra um fundamento muito importante na forma de servir o Criador. Nesses poucos minutos que entraria em discussão para reaver suas vestimentas, estaria se colocando em situação de *nissayon* (teste) e quem sabe acabaria cedendo às provocações da esposa de Potifar. Yossef, entretanto, não quis arriscar. Mesmo que isso lhe traria vários problemas, preferiu fugir dali e não se colocar em situação de risco.

Este mesmo conceito aparece nesta *parashá* que relata a saída do Egito. Havia dois caminhos pelos quais os Filhos de Israel poderiam fazer sua caminhada. O Todo-Poderoso ordenou que eles seguissem pelo caminho mais comprido, que era o do deserto, tornando-se necessário que D'us fizesse o milagre de cair o *man* diariamente (exceto no *Shabat*) para alimentá-los. Tudo isso somente para que eles não fossem pelo outro caminho e tivessem que passar pelos *Pelishtim*,

conforme o *passuc* (Shemot 13:17): “*Velô nacham Elokim derech erets Pelishtim ki carov hu*”. Os Filhos de Israel haviam sido libertados recentemente da influência do Egito e o Todo-Poderoso não quis colocá-los novamente em situação de perigo espiritual. Não quis colocá-los face a face com um povo que possuía frágeis conceitos espirituais, pois isso poderia influenciá-los negativamente.

Diariamente pedimos no *Birhot Hasháchar*: “*Al teviênu lidê nissayon*” – Que o Todo-Poderoso não nos coloque em situação de teste. O *Talmud Sanhedrin* 107 nos diz: “*Leolam al yavi adam atsmô lidê nissayon sheharê David Mêlech Yisrael hevi et atsmô lidê nissayon venichshal*” – Jamais devemos nos colocar em situação de teste, pois David colocou-se em prova e falhou.

Por tudo isso, concluímos que não devemos enfrentar o *Yêtser Hará* (o mau instinto) “frente a frente”. Muito pelo contrário; devemos fazer de tudo para não nos colocarmos em situação de teste, pois conforme o *Talmud Bavá Batrá*, mesmo que alguém tenha se saído bem ao colocar-se nesta situação, sua atitude não foi correta. Não devemos nos aproximar do mal, mesmo que tenhamos a certeza de poder triunfar (para maiores detalhes, vide *Talmud Bavá Batrá* 57b).

YITRÔ I / יִתְרוֹ א

NÃO SE CONFRONTAR COM O PRÓXIMO

Yitrô – o sogro de Moshê Rabênu – teve o mérito de ter uma *parashá* da *Torá* com seu nome, pelo conselho que deu a Moshê. Ao conviver no meio do Povo de Israel, Yitrô percebeu que Moshê passava o dia todo resolvendo os problemas e esclarecendo as dúvidas do povo. Disse, que com o passar do tempo, esta conduta seria desgastante, tanto para ele quanto para o povo. Recomendou a Moshê que escolhesse pessoas capazes, com discernimento e conhecimentos adequados para repartir com ele essa tarefa (Shemot 18:21-22). Moshê passaria então a atender os casos mais difíceis, enquanto os nomeados tratariam dos problemas mais simples.

Moshê logo acatou este conselho. Sabendo da dificuldade que o povo teria em aceitar os novos designados, instituiu também policiais, denominados pela *Torá* de “*shoterim*”. Estes dariam a custódia necessária aos novos juízes, uma vez que

seria difícil que o povo aceitasse novas pessoas, estando acostumados até então com Moshê. O povo teria esta dificuldade, por considerar os novos juízes sem categoria para esse tipo de atividade, ou por pretender ter contato direto e permanente com Moshê.

O interessante de tudo isso é que, quando a *Torá* conta (Shemot 18:24) que Moshê aderiu à idéia de Yitrô, não menciona as medidas complementares que Moshê tomou, para que esta idéia pudesse ser implementada com êxito. Qual o motivo de a *Torá* não querer citar estas medidas complementares? Encontramos a resposta no livro *Col Tsofáyich* do Rabino Chayim Zaizik *zt"l*: caso a *Torá* citasse as medidas complementares de Moshê, tiraria o brilho e o valor da idéia de Yitrô, embora, sem estas medidas, a idéia não teria êxito.

Algo semelhante, encontramos no seguinte trecho do *Talmud*: “Quando ouvimos uma bênção sendo pronunciada por alguém, não devemos responder *amen* em volume mais alto do que (a bênção proferida por) este pronunciante”. Hameiri, um de nossos sábios, que viveu há 800 anos, nos explicou a razão disso: muitas vezes, quem responde *amen* está mais atento e mais concentrado, do que aquele que recitou a *berachá*. Ao elevar sua voz estaria realçando sua atenção em relação à do próximo. Hameiri conclui: muitas vezes isso poderia acontecer entre um discípulo e seu mestre e evidentemente que isso seria condenável. A partir desse exemplo, nossos sábios nos advertem, que nunca devemos colocar nossas virtudes em confronto com as dos nossos semelhantes, para não rebaixarmos

o próximo e para não nos engrandecermos.

Na *haftará* desta *parashá*, há uma passagem do profeta Yesha'yáhu que pronunciamos diariamente, por três vezes, na oração de *Shachrit*: “*Vecará zê el zê veamar: Cadosh, Cadosh, Cadosh, Hashem Tsevacot*” (Yesha'yáhu 6:3). Ao proporem louvar o Criador, os anjos pedem licença uns aos outros, para depois louvarem juntos o Todo-Poderoso com a frase “*Cadosh Cadosh Cadosh*”. Rashi, o *mefarsh* (comentarista) da *Torá* e dos Profetas por excelência, diz que se, eventualmente, um anjo antecipa-se ao outro, ele é imediatamente consumido pelo fogo Celestial, por não ter aguardado seu semelhante e assim todos juntos louvarem o Todo-Poderoso. É isso que consta de nossa *tefilá* de *Shachrit*: “*kedushá culam keechad onim beemá veomerim beyir'á*” – todos em unísono proclamam a *Kedushá*, com reverência, dizendo com temor. Ao recitarem o louvor ao Criador, fazem-no todos ao mesmo tempo, simultaneamente, em unísono.

Para os anjos, esse comportamento é mais fácil, porque eles não têm vontade própria, Seu objetivo único é servir o Todo-Poderoso. Contudo, é exigido também de nós, seres humanos, um comportamento similar ao dos anjos; de não realçar nossas qualidades e virtudes em detrimento de nossos semelhantes.

Sem dúvida, nós não chegamos a isso sem esforço e trabalho espiritual. A aplicação e a dedicação espirituais são denominados pelos nossos sábios de “*Avodat Hashem*” – Serviço a D'us. Da mesma forma que sem empenho e sem trabalho não

se chega a nenhuma aquisição material, assim também, e mais ainda, sem dedicação e esforço, não conseguiremos atingir as aquisições espirituais. Estas são o alimento da alma e necessárias à nossa formação moral e espiritual e a de nossa família. Sem as aquisições espirituais, nossa escala de valores seria somente material. Temos a obrigação de ensinar nossos filhos, que há valores infinitamente mais elevados que os materiais e que o indivíduo é avaliado justamente por seus valores espirituais e morais.

O Criador deu ao ser humano a possibilidade de elevar-se espiritualmente, até mais do que os próprios anjos, conforme consta em *Zecharyá* (3:7): “...*Venatati lechá mahlechim ben haomedim haele*” – E te darei livre acesso entre os que estão aqui.

Os anjos estão sempre em uma situação estática; eles não têm como ascender, mas o ser humano está em constante progresso ou retrocesso. Não há uma posição inalterável para os seres humanos. Se nós não estamos progredindo espiritualmente é sinal de que estamos decaindo. Se não acelerarmos uma carro numa subida, ele automaticamente retrocederá. Assim é o ser humano. Não há a possibilidade de parar na subida espiritual; ou segue-se subindo ou a decadência é inevitável.

Foi isso que o Todo-Poderoso quis dizer com “darei-lhe a possibilidade de ultrapassar os anjos”, porque eles estão sempre na mesma posição. Encontramos alusão a essa idéia, num trecho que menciona Moshê, no final de sua vida: “*Vayêlech Moshê*” – Moshê seguiu. Seguiu subindo espiritualmente, mes-

mo nos últimos dias de sua vida.

Para concluirmos este pensamento, traremos um episódio ocorrido com duas grandes autoridades rabínicas. Entre 5523 e 5600 (1762-1839), viveu na Hungria uma personalidade de renome, conhecido como Chatam Sofer *zt"l*. Quando sua filha estava em idade de se casar, ele começou a procurar um jovem rabino, que tivesse vasto conhecimento de *Torá* para que fosse seu genro. Certo dia, comunicaram ao Chatam Sofer, que numa cidade vizinha, havia um jovem rabino com ampla erudição de *Torá*, chamado Rabino Akiva Eiger. Rabi Akiva Eiger foi, então, convidado a vir até a cidade de Budapeste, para apresentar-se ao seu futuro sogro. Quando chegou à casa do Chatam Sofer, deparou-se com uma reunião amigável, entre muitos rabinos, que trocavam entre si idéias sobre vários assuntos do Talmud. *Rabi Akiva Eiger* permaneceu em silêncio e não se manifestou sequer uma única vez.

Depois desse encontro, o anfitrião pediu que dissessem ao *Rabi Akiva Eiger*, que estava dispensado e que poderia voltar para sua cidade. O Chatam Sofer ficara com a impressão, de que *Rabi Akiva Eiger* não possuía erudição e conseqüentemente não era indicado para ser seu genro.

Rabi Akiva Eiger pediu para ficar mais alguns dias na cidade, para que pudesse se encontrar novamente com aquele que talvez seria seu futuro sogro. Nesse novo encontro, teve a oportunidade de apagar a má impressão que deixara no primeiro encontro.

Interrogado do motivo da sua não participação na discus-

são talmúdica, quando estavam ali reunidas várias autoridades religiosas, *Rabi Akiva Eiger* respondeu, que como entre os participantes da reunião havia um outro candidato a genro, caso ele se manifestasse, teria colocado em confronto seus conhecimentos com os do outro candidato. Isso seria reprovável. Por esse motivo, *Rabi Akiva Eiger* preferiu permanecer em silêncio para não rebaixar o próximo, embora soubesse que, com isso, deixaria a impressão que de fato deixou.

Ele também correu o risco de não vir a ser o genro de uma das maiores autoridades da época. *Rabi Akiva Eiger* sujeitou-se a isso porque nada justificaria colocar em paralelo seus conhecimentos e virtudes em detrimento de seu semelhante. Como é conhecido, *Rabi Akiva Eiger* tornou-se o genro do Chatam Sofer, e no mundo judaico este fato é sempre lembrado com louvor.

YITRÔ II / יתרו II

OS PREPARATIVOS DA OUTORGA DA TORÁ

Esta *parashá* também narra a Outorga da *Torá* e os devidos preparativos para recebê-la. Três dias antes, Moshê avisou ao povo que no terceiro dia, o Todo-Poderoso desceria ao Monte Sinai. “*Vehayu nechonim layom hashelishi ki bayom hashelishi yered Hashem leenê col haam al har Sinay (Shemot 19:11)*”. Preveniu a todos que se purificassem neste período de três dias, para então receber a *Torá* com santidade, pureza e preparação espiritual adequada.

No terceiro dia, então, como um comunicado ao povo sobre a Presença Divina, manifestaram-se trovões e relâmpagos. Uma nuvem cobria o Monte Sinai e o som do *shofar* se intensificava cada vez mais ao ponto de fazer o povo estremecer. O Monte Sinai estava coberto pelas nuvens, porque sobre ele estava o Eterno em fogo. Entre outro fatos milagrosos, o povo viu a montanha estremecer, como consta no mizmor 114 do *Tehi-*

lim: “*Heharim rakedu cheelim, guevaot kivnê tson*” – As montanhas saltaram como carneiros, os montes, como jovens cordeiros.

O Ramban (*Rabi Moshê ben Nachman*), em seu comentário sobre a *Torá*, diz que o estremecimento da montanha não é apenas um exemplo; é um acontecimento igual ao de *Keriat Yam Suf* – a Abertura do Mar Vermelho – para a passagem dos Filhos de Israel quando saíram do Egito. Ele acrescenta que esse estremecimento foi igual um terremoto.

O *Talmud* (Macot 11) nos conta que quando o Rei David fazia as escavações para construir os alicerces do *Bêt Hamicdash* de Jerusalém, foi surpreendido pelas águas, que começaram a subir e causar inundações. Comentando esse acontecimento, Rashi menciona um trecho do *Talmud Yerushalmi*: “Quando David escavava o local, encontrou um pedaço de cerâmica. Este lhe disse para não tirá-lo dali, porque estava lá desde o dia da Outorga da *Torá*, quando a terra estremeceu. Mas David não lhe deu ouvidos e retirou-o de lá. Isso motivou que as águas subissem e causassem uma inundação”.

Na Outorga da *Torá*, o Monte Sinai era como um *Bêt Hamicdash* provisório para a concentração da Presença Divina. Ao redor da montanha havia escuridão, nuvens e neblina, como se fossem as paredes do *Bêt Hamicdash* provisório. O pico da montanha, coberto pelo fogo, representava o *Codesh Hacodashim*, o lugar mais sagrado do Templo de Jerusalém.

É oportuna uma explicação do motivo, pelo qual o Criador

aparece, justamente, por meio do fogo. Quando apareceu a Moshê, pela primeira vez, também foi mediante uma coluna de fogo, conforme a *Torá* nos conta em *Parashat Shemot*: “*Vayerá malach Hashem elav belabat esh mitoch Hassenê*” (Shemot 3:2).

O fogo é a criação mais temida pelo homem e daquilo que ele mais se afasta. Qual a melhor maneira de transmitir a santidade do Todo-Poderoso, senão aproveitando o nosso receio natural do fogo? Qual a melhor forma de deixar claro, que nós não temos condições de nos aproximarmos fisicamente Dele, senão por intermédio do fogo, do qual nos afastamos naturalmente? Nossos sentidos físicos não têm condições de compreender mais do que isso.

Não obstante, Moshê penetrou os limites do fogo no pico do Monte Sinai. Como consta em *Parashat Shofetim* (Shemot 24:12): “*Vayômer Hashem el Moshê: alê Elay hahára*” – *Hashem* disse a Moshê: Vem a Mim, à montanha. Depois que foi chamado, consta na *Torá* (Shemot 24:18): “*Vayavô Moshê betoch heanan, vayáal el hahar*” – Moshê entrou no meio da nuvem e subiu à montanha. Rashi diz que essa nuvem era como uma coluna de fogo e o Todo-Poderoso pavimentou, para Moshê, um caminho pelo qual pudesse penetrar.

Moshê, por sua grandeza, teve a missão de ser o intermediário entre os Céus e a Terra, e de trazer consigo esta dádiva Divina ao Povo Escolhido.

Refletindo sobre o relato dramático dos momentos vivi-

dos durante a Outorga da *Torá*, nos dá força e ânimo para a prática das *mitsvot*. Mais ainda sabendo que nossas almas estavam presentes lá nesse grandioso dia.

*Baseado no livro Chayê Haolam
de autoria do Rabino Yaacov Kanievsky zt"l*

MISHPATIM / מִשְׁפָּטִים

LEIS QUE REGEM A SOCIEDADE

Entre os *mefarshim* (comentaristas) da *parashá*, encontramos duas explicações do porquê da *Parashat Mishpatim* vir logo após a de *Yitrô*. Começemos com a explicação do mais popular exegeta da *Torá*, o Rashi.

A *parashá* começa com as palavras “*Veêle hamishpatim*”. Rashi explica que a letra “*vav*” de “*Veêle*”, que significa “e também”, vem ligar a *Parashat Mishpatim* à de *Yitrô*, que a antecede, para ensinar-nos que da mesma forma que as leis ditadas pela *Torá* na *Parashat Mishpatim* foram dadas a *Moshê Rabênu* pelo Todo-Poderoso no Monte Sinai, assim também o foram as leis que estão na *Parashat Mishpatim*.

Cabe aqui questionar, então, por que justamente nesta *parashá* faz-se necessário ressaltar, que as leis foram dadas no Monte Sinai, uma vez que sabemos que toda a *Torá* foi dada pelo Todo-Poderoso a *Moshê* no Monte Sinai.

Encontramos a resposta a esta pergunta no livro *Col Yehudá*, de autoria do Rabi Yehudá Tsadca, *Rosh Yeshivá* de Porat Yossef. Ele diz que as leis que foram prescritas na *Parashat Mishpatim* referem-se à sociedade, às pessoas e aos seus semelhantes. Por exemplo:

Qual a lei no caso em que alguém emprestou um objeto a um amigo, ou que pediu para seu amigo guardar-lhe e este objeto é quebrado ou roubado?

Qual a lei no caso de um indivíduo que estava fazendo uma fogueira em seu campo e por acaso o fogo se alastrou até o campo de seu vizinho?

Assim, de maneira contínua, há muitos outros exemplos de leis que se referem à sociedade.

Poderíamos pensar então, que nestes casos seria a própria sociedade que ditaria suas leis. Para negar isso, a *Torá*, logo após a *parashá* que aborda a Outorga no Monte Sinai, declara “*Veêle Hamishpatim*”. Ensina-nos, dessa forma, que mesmo estas leis, que regem a sociedade, foram pronunciadas por D’us no Monte Sinai e que cabe à *Torá* esta função, para que as leis sejam justas e aceitas pelas partes interessadas, bem como por toda a sociedade.

Exemplo semelhante a este pensamento encontramos no início do *Pirkê Avot*: “*Moshê kibel Torá Missinay*” – Moshê recebeu a *Torá* no Sinai. O *mefaresh* Rabi Ovadyá Mibartenura questiona, por que o *Pirkê Avot* inicia com esta introdução e explica que toda esta *massechet* (tratado) aborda questões do comportamento moral e ético. Logo, poderíamos pensar que

do mesmo modo, que os outros povos adotaram leis referentes ao comportamento moral e ético ditadas pelos seus sábios, assim também o Povo de Israel adotou certos comportamentos ditados pelos *chachamim*. No entanto, a *Mishná* nos ensina, com essa pequena introdução, que estes ensinamentos não foram ditados pelos *chachamim*, mas sim por D’us, Todo-Poderoso, a Moshê no Monte Sinai.

A segunda explicação do porquê da *Parashat Mishpatim* vir logo após a *Parashat Yitrô*, encontramos no *Ramban* e no *Seforno*. Já que o último mandamento citado na *Parashat Yitrô* é o de não cobiçar a casa do próximo, a mulher do próximo e tudo o que se refere ao próximo, foi necessário que a *Torá*, logo em seguida a este décimo mandamento, nos esclarecesse quais são os pertences do próximo. Portanto, esta *parashá*, que é dedicada às leis da sociedade, vem logo em seguida ao décimo mandamento. Assim, aprendemos a respeitar o mandamento de “não cobiçarás”.

O Meiri faz um interessante comentário a respeito do décimo mandamento. Ele explica que os Dez Mandamentos não estão todos juntos em uma única tábua, mas sim divididos em duas, porque há uma ligação direta entre os mandamentos da primeira tábua e os da segunda: O primeiro com o sexto, o segundo com o sétimo e assim sucessivamente.

Sobre a ligação entre o quinto (honrarás teu pai e tua mãe) e o décimo (não cobiçarás), o Meiri diz que da mesma forma que não há a menor possibilidade que alguém deseje que seus pais sejam outros – mesmo que esteja descontente com os

seus – por ser um fato imutável, devemos nos convencer, do mesmo modo, que os pertences do próximo a ele pertencem e não devemos cobiçá-los.

Outro importante comentário a este respeito é o de Ibn Ezra, que pergunta: Como pode ser possível que alguém não cobice algo que é bonito e agradável aos seus olhos?

Ibn Ezra responde, que da mesma forma que um camponês sabe que não adianta cobiçar a filha do rei, por mais bonita que ela seja, pois o rei não lhe dará a permissão para casar-se com ela, do mesmo modo não temos permissão de cobiçar os bens alheios. Devemos nos conscientizar, de que os bens de um indivíduo são uma dádiva Divina e de que possuí-los não depende de nós.

Assim, se nos persuadirmos de que a esposa e os bens do próximo nos foram proibidos pelo Todo-Poderoso, passaremos a ser mais nobres aos olhos de D'us do que a filha do rei aos olhos do camponês.

Conscientizando-nos de que não é nossa inteligência ou capacidade que nos fará alcançar algo que não seja da vontade do Todo-Poderoso, seremos felizes e estaremos conformados com o que temos.

Assim sendo passaremos a ter uma fé mais forte em nosso Criador, Que nos verá com bons olhos e nos dará aquilo que nos for necessário.

TERUMÁ / תְּרוּמָה

COMO CONTERMOS A PRESENÇA DIVINA EM NOSSO MEIO

Esta *parashá* trata unicamente da construção do *Mishcan* (Tabernáculo). No *Midrash Tanchumá* consta, que a ordem do Todo-Poderoso para a construção do *Mishcan* foi dada em pleno Yom Kipur e a finalidade da construção era perdoar o povo pelo *Chet Haêguel* (o pecado do bezerro de ouro). Embora o *Chet Haêguel* esteja mencionado na *Torá* apenas em *Parashat Ki Tissá* (duas *parashiyot* adiante), sabemos que a *Torá* não obedece nenhuma ordem cronológica (*en mucdam um'uchar Batorá*), conforme o versículo (Mishlê 5:6): “*Naú magueloteha lô tedá*”. O *Midrash Tanchumá*, em *Parashat Pekudê*, menciona que a construção do *Mishcan* está em pé de igualdade com a Criação do Mundo.

O *Mishcan* serviu posteriormente para a construção dos dois *Batê Micdash*. O primeiro construído pelo Rei Shelomô

e o segundo por Ezrá *Hassofer*. Sua construção, como também sua própria santidade e a de seus utensílios, cada um com sua respectiva finalidade – como a *Menorá* (candelabro), o *Mizbêach* (altar) e o *Aron* (onde eram guardadas as Tábuas da Lei) – tinham a finalidade de concentrar a *Shechiná* (Presença Divina).

Encontramos no livro sagrado *Nêfesh Hachayim* de autoria do Rabino Chayim de Wolodjin *zt"l* – o mais destacado *talmid* do Gaon de Vilna *zt"l* – que a finalidade de toda esta santidade era a de elevar espiritualmente o ser humano. Cumprindo todas as *mitsvot* ordenadas por D'us por intermédio da *Torá*, o indivíduo passa a ser como o *Micdash* – contendo em seu interior a *Shechiná*.

Quanta força há no íntimo do ser humano, proporcionando-lhe a possibilidade de atingir os níveis mais elevados de *kedushá* (santidade). Por que, então, é tão difícil alcançarmos estes níveis? Como é possível que o homem pense, que toda a finalidade de sua existência seja a materialidade e empregue todas suas energias para atingir seus objetivos materiais, esquecendo-se das coisas espirituais e mais elevadas?

O mundo é constituído de coisas concretas e abstratas. O ser humano tem mais facilidade para sentir o concreto, pois ele é palpável. Assim, o ser humano passou a considerar cada vez mais as coisas materiais e concretas; relegando a segundo plano, as coisas espirituais. É por isso que tem tanta dificuldade em escalar os diversos graus de espiritualidade, uma vez que é algo abstrato, como são todos os temas filosóficos.

O mundo material é um mundo imaginário. Todos os prazeres materiais são imaginados pelas pessoas, antes mesmo de usufruir deles. Imaginam estes prazeres de tal forma, que eles parecem ser muito mais atrativos e recompensadores do que realmente o são. Somente depois de sentir tais prazeres materiais é que nos damos conta, de que não era bem aquilo que imaginávamos, chegando às vezes até a ficarmos frustrados.

A partir do momento em que o ser humano deixa-se engolir pelos atrativos do *Olam Hazê* (este mundo) e de tudo o que o cerca, em função de somente fazer aquisições materiais, passa, então, a ter dificuldades em alcançar os abstratos graus espirituais. Para que o próprio indivíduo possa conseguir se tornar o *Micdash*, como diz o *Nêfesh Hachayim*, basta que aos poucos se desligue das coisas materiais e conscientize-se, de que são apenas um meio de sobrevivência necessário, para que ele possa alcançar conquistas espirituais.

Da mesma forma que existe em nós um desejo íntimo de aquisições materiais, devemos despertar em nosso âmago o desejo de conquistas espirituais. Somente elas é que podem desenvolver nossa *neshamá* (alma), pois são seu verdadeiro alimento.

Muitos acreditaram, que o ser humano pode se dedicar ao espiritual e por intermédio dele atingir os níveis mais altos, a ponto de ser o *Micdash* e possuir dentro de si a *Shechiná*. Estes deixaram obras para a eternidade. O Rei David escreveu o *Tehilim* (Os Salmos). Quantas lágrimas foram derramadas em suas páginas! Quantos pedidos dos tipos mais variados fo-

ram atendidos pelo Todo-Poderoso durante muitas gerações que, por intermédio da recitação do *Tehilim*, chegaram até o Criador! Quem o escreveu foi um homem que acreditava nas aquisições espirituais.

Trazemos outro exemplo, dentre tantos que poderíamos enumerar. Alguém que acreditava nas forças espirituais extraordinárias que o Todo-Poderoso infunde no interior de cada ser humano, e que por sua incontestável dedicação à *Torá* e suas *mitsvot*, deixou uma obra eterna. Talvez nem ele mesmo soubesse da importância que sua obra teria. Todas as noites de *Shabat*, em sinagogas do mundo inteiro, canta-se o cântico *Lechá Dodi Licrat Calá*, que expressa a acolhida do *Shabat* pelo Povo de Israel. O autor dele foi *Rabi Shelomô Halevi Elcabás* e seu cântico tem por acróstico as letras iniciais de seu nome. Viveu há mais de 450 anos na cidade de Tsefat em Israel, contemporâneo de *Rabi Yossef Caro*, autor do *Shulchan Aruch*, o livro guia do Povo de Israel.

É essencial que o ser humano se conscientize do motivo de sua vinda a este mundo. Deve tornar-se ciente de que veio justamente para alcançar as aquisições espirituais. São estas aquisições que o levarão ao *Olam Habá* (Mundo Vindouro). O *Rambam*, em suas leis sobre *teshuvá* (arrependimento) cap. 8 par. 2, expressa-se da seguinte forma: no *Olam Habá* não há comida nem bebida, mas os *tsadikim* (justos) estão sentados com suas coroas em suas respectivas cabeças, desfrutando do esplendor da *Shechiná* (Divindade). Ele explica que, as coroas que os *tsadikim* portam em suas cabeças, significam o conhe-

cimento que alcançaram em vida; é a escala de valores espirituais que adquiriram por intermédio da dedicação ao estudo da *Torá* e do cumprimento de suas *mitsvot*.

TETSAVÊ I / I תצוה I

COMO ALCANÇAR O CONHECIMENTO DA TORÁ

No início desta *parashá*, a *Torá* nos ensina como deveria ser o azeite com o qual se acendia a *Menorá* (Candelabro) no *Mishcan* (Tabernáculo) e posteriormente no *Bêt Hamicdash* (Templo Sagrado).

Rashi explica que “*catit lamaor*” é somente a primeira gota extraída das azeitonas. Ela era usada para acender a *Menorá* e o resto do azeite era usado para *Menachot*, uma espécie de oferenda feita com farinha e azeite.

A *Menorá* representa a luz da *Torá*, conforme mencionado: “*Ki ner mitsvá Veturá or*” (Mishlê 6:23). A *Torá* foi comparada à luz da vela, enquanto o estudo da *Torá* foi comparado à luz do dia.

O Rei Shelomô escreveu em seu livro *Cohêlet* (8:1): “*Chochmat adam tair panav*” – A sabedoria do ser humano ilumina sua face. Ou seja, quando alguém entende uma passa-

gem talmúdica ou qualquer parte da *Torá*, seu semblante se ilumina. No *Tehilim* (19) consta: “*Mitsvat Hashem bará meirat enáyim*” – As *mitsvot* Divinas são nítidas e iluminam os olhos.

De todas as passagens mencionadas, aprendemos que há uma ligação direta entre a *Menorá*, que representa a luz, e o estudo da *Torá* e de suas *mitsvot*. Por sua vez, *Menachot* representa o sustento do ser humano, pois o *Corban Menachot* era feito de farinha e azeite.

Tanto o conhecimento da *Torá* quanto o sustento do ser humano exigem empenho para serem alcançados. Sobre o estudo da *Torá* está escrito no *Talmud Meguilá* 6b: “Se alguém lhe disser: Não me empenhei e alcancei o estudo da *Torá*, não acredite; e se lhe disser: empenhei-me e não alcancei o estudo da *Torá*, também não acredite”. Sem o devido empenho e dedicação não existe possibilidade de sucesso no estudo da *Torá*. Por outro lado, caso tivesse se empenhado como deveria, sem dúvidas, obteria sucesso.

O *Pirkê Avot* diz: “Prepare-se para estudar a *Torá*, pois ela não lhe virá como se fosse uma herança”. Objetos materiais podem ser transmitidos por herança, mas o conhecimento da *Torá*, não. Se a pessoa não se dedicar devidamente, não importando se seus antepassados foram grandes sábios da *Torá*, não herdará esse conhecimento. Porém, dedicando-se com empenho de forma devida, alcançará, sem dúvidas, esse conhecimento.

No que diz respeito ao sustento do ser humano, a *Torá* diz: “*Bezeat apêcha tochal láchem*” (Bereshit 3:19) – Com o suor do teu rosto comerás o sustento. Em outro versículo, no

Tehilim (128:2), encontramos: “*yeguia capêcha ki tochel ashrêcha vetov lach*” – Quando tu comes o trabalho de tuas mãos, tu és louvável e tudo está bem contigo. Em todas essas passagens notamos, que há algo em comum entre o conhecimento da *Torá* e o sustento: o empenho para consegui-los.

Porém, são duas formas diferentes de empenho:

– No estudo da *Torá*, a dedicação do ser humano deve ser “*Bechol levavechá uvchol nafshechá*” – De coração e alma, colocando especialmente todo o seu potencial de inteligência para poder atingir este grande objetivo.

– No empenho para conseguir o sustento não devemos nos envolver totalmente, nem envolver todo o nosso potencial de inteligência, mas somente o esforço físico necessário para alcançar o sustento. O versículo da *Torá* citado acima – “*Bezeat apêcha*” – foi uma maldição do Todo-Poderoso a Adam *Harishon* (Adão) depois de ter transgredido a ordem Divina. O empenho, portanto, que devemos ter para conseguir o sustento, não é uma bênção para que nos dediquemos a ele por inteiro. No outro versículo citado – “*yeguia capêcha*” – o empenho deve ser das mãos e não da inteligência (da parte intelectual) do indivíduo.

A diferença primordial entre o empenho no trabalho e o empenho no estudo da *Torá* é que o sustento é apenas um meio para a sobrevivência do ser humano, enquanto o estudo da *Torá* é uma finalidade.

*Baseado no livro Latorá Velamoadim
do Rabino Shelomô Yossef Zevin zt”l*

TETSAVÊ II / II תצוה

A SABEDORIA

Encontramos na *parashat Tetsavê*, que ao ordenar a Mo-shê que orientasse os sábios, para a confecção das roupas dos *cohanim*, o Todo-Poderoso disse: “E falarás a todos os sábios de coração (talentosos naturalmente), aos que enchi de espírito de sabedoria...” (Shemot 28:3).

O *Targum Unkelus* e o Rambam explicam “aos que enchi de espírito de sabedoria” como “aos que completei com sabedoria”, ou seja, já tinham sabedoria, porém o Todo-Poderoso acrescentou um complemento.

Para entendermos melhor esta expressão (“aos que completei com sabedoria”), trazemos a passagem do *Talmud* (Sucá 46): “Aprendemos a diferença entre o sistema do Todo-Poderoso e o sistema do ser humano. No sistema do ser humano, um utensílio vazio pode ser enchido, porém um utensílio cheio não comporta mais nada. No sistema do Todo-Poderoso, entretanto, o utensílio cheio é o que é capaz de conter mais, enquanto o utensílio vazio não”. Este comentário refere-se à

explicação da frase “*Vehayá im shamôa, tishmá*” – Se ouvires a voz do Eterno, Teu D’us para guardar e cumprir (Devarim 28:1): Se alguém está acostumado a estudar a *Torá*, poderá acrescentar aos seus conhecimentos algo mais, porém quem não a estuda não terá como aumentá-los.

A sabedoria só pode se concretizar e se complementar quando é alimentada constantemente.

O Rabino Moshê Chayim Luzzato ז”ל, em seu livro *Dêrech Êts Hachayim*, segundo e terceiro parágrafos diz: A sabedoria foi depositada pelo Todo-Poderoso nos corações dos seres humanos. Para que ela possa prevalecer e conservar-se, porém, é necessário que esse mesmo ser humano recarregue-a continuamente. Assim, será ressaltada e não permanecerá embutida nos corações, sem se manifestar para o proveito de todos. Cabe ao ser humano, portanto, compenetrar-se, pois se ele não buscá-la, ela não será alcançada e passará os anos de sua vida sem saber o comportamento adequado que a *Torá* determina. Futuramente, deverá prestar contas perante o Todo-Poderoso, por não ter estimulado e usado seu potencial de sabedoria injetado por D’us.

O Ramchal segue dizendo, que o conhecimento da *Torá* (denominada de *Torat Emet*, porque nos mostra o verdadeiro caminho e o comportamento adequado) fortalece o espírito do ser humano e afasta dele o *yêtser hará* (o mau instinto). Ou seja, quanto mais o indivíduo estuda a *Torá*, mais se aperfeiçoa em relação a essa sabedoria. Assim sendo, o mau instinto não prevalece e não o prejudica – da mesma forma que o mau

instinto não se aproxima dos *mal'achim* (anjos). Entretanto, se o indivíduo não estudar a *Torá*, essa mesma sabedoria não será desenvolvida. Conseqüentemente, seu coração estará vazio e o *Yêtsér Hará* prevalecerá, fazendo com que peque.

Estas palavras do Rabi Moshê Chayim Luzzato *zt"l* coincidem com as do Rambam (final de *Hilchot Issurê Biyá*): A melhor forma do indivíduo se resguardar do pecado é estudando a *Torá*, pois os pensamentos sobre pecados se encontram em corações vazios de *Torá* e sabedoria.

ZACHOR / זכור

O MOTIVO DO ATAQUE

Todas as leituras da *Torá* que são feitas às segundas, quintas e *shabatot* de manhã e à tarde e ocasiões especiais são uma prescrição de nossos sábios. Um fato exclusivo ocorre nesta *parashá*: a leitura da *parashat Zachor* é uma prescrição da *Torá* e por isso há a obrigação de ouvir sua leitura no *Sêfer Torá* com a presença de um *minyan*.

Sem dúvida, deve haver um motivo especial para isso. Até mesmo trechos muito especiais da *Torá*, como os Dez Mandamentos ou a Saída do Povo de Israel do Egito não possuem este rigor, de terem de ser ouvidos como uma prescrição da *Torá*.

Esta *parashá* da *Torá* conta, que depois da saída de *Benê Yisrael* do Egito, eles foram atacados por um povo maldoso chamado Amalec. Sabendo o motivo que levou Amalec a guerrear com os Filhos de Israel, entenderemos a razão da obrigatoriedade de ouvir essa leitura uma vez por ano.

Amalec atacou o Povo de Israel num lugar chamado

Refidim (Shemot 17:8). Ao analisarem os motivos desta guerra, nossos sábios dizem que se deveu ao enfraquecimento do povo em *Torá*. O inimigo não atacou, porque viu que Israel não tinha um exército à altura, ou porque não possuía uma estratégia de guerra, mas sim, porque o povo enfraqueceu-se de sua crença na *Torá*.

Prova disso é que Moshê escolheu Yehoshua para guerrear com Amalec. Os amalecitas não conheciam Yehoshua. Pensaram que foi o escolhido para enfrentá-los por ser um estrategista de destaque dentro do povo; porém Moshê tinha outra visão da situação.

Moshê analisou o motivo que levou o inimigo a abrir guerra contra Israel e ao perceber que foi o enfraquecimento do povo em *Torá*, decidiu que era necessário combatê-los com alguém que não tivesse caído neste erro e que tivesse permanecido nos mais altos graus da escala de valores da *Torá*. O escolhido foi Yehoshua, porque sobre ele diz a *Torá* (Shemot 33:11): “*Náar lô yamish mitoch haôhel*” – um jovem que não se afastava das tendas onde se estudava *Torá*. Somente uma pessoa desse nível poderia enfrentar esta situação, porque o enfraquecimento espiritual deve ser combatido com uma elevação espiritual.

Consta em Devarim (25:18) que os atingidos por Amalec foram os “*necheshalim acharêcha*” – os enfraquecidos que ficaram atrás de ti.

Quem eram esses “*necheshalim*”? Rashi nos diz que eram os indivíduos frágeis pelas transgressões que carregavam, por-

que o pecado enfraquece mais do que qualquer outra coisa.

Agora entendemos o motivo da obrigatoriedade bíblica de escutar essa *parashá*. Para que o povo não venha a se esquecer dos motivos que levaram a essa guerra e para que não venhamos a sucumbir novamente e enfraquecer no estudo da *Torá* e no cumprimento de suas *mitsvot*.

PURIM / פורים

O PERIGO FÍSICO EM DECORRÊNCIA DA DECADÊNCIA ESPIRITUAL

O *Talmud* nos ensina que, de todas as profecias e acontecimentos com nossos antepassados, somente foram registrados no *Tanach* os eventos úteis às gerações futuras e que têm algo a nos ensinar.

A *Meguilat Ester* faz parte do *Tanach* e, portanto, contém ensinamentos para todas as gerações.

A *Guemará* (Meguilá 12) pergunta: Qual foi o motivo do decreto de extermínio do Povo de Israel naquela geração? E responde, que os *yehudim* desfrutaram do banquete oferecido pelo rei Achashverosh (Artaxerxes).

A *Guemará* pergunta então por que o castigo não veio somente sobre os judeus de Shushan (Susa, a capital do Império Persa, onde havia sido oferecido o banquete) poupando os do resto do mundo? E responde que o castigo veio sobre to-

dos, porque se prostraram ao ídolo da Babilônia na época de Nevuchadnetsar (Nabucodonossor). O *Midrash Rabá*, justificando este castigo, cita apenas o primeiro motivo (terem aproveitado do banquete).

O comentarista do *Midrash*, *Êts Yossef*, explica que as duas causas se uniram. O aproveitamento do banquete fez despertar a acusação antiga de terem se prostrado ao ídolo na época de Nevucahdnetsar.

Consta no *Midrash Rabá Ester* (parashá 7), que Haman disse ao Rei Achashverosh, que o D'us desse povo odeia a prostituição. Haman aconselhou a Achashverosh para, durante o banquete, fazer com que os judeus presentes pecassem neste sentido.

Quando Mordechay tomou conhecimento dos planos de Haman e Achashverosh, advertiu aos *yehudim* para que não participassem do banquete preparado, porém não lhe deram ouvidos e foram. Consta no *Targum* sobre a *Meguilá* (cap. 1 vers. 5), que Mordechay e os que o cercavam não participaram da festa.

Sobre o versículo “*Umordechay yadá et col asher naassá*” – E Mordechay soube de tudo o que se passou – nossos sábios explicam, que Mordechay sabia o motivo (os dois pecados citados anteriormente) pelo qual D'us estava mandando esta desgraça ao povo.

Mordechay, então, fortaleceu-se e incumbiu-se de responsabilidade, como Moshê em sua geração. Despertou os *yehudim* para a *teshuvá* sobre o pecado que haviam cometido,

a fim de merecerem a misericórdia do Criador.

Também Ester pediu que se instituísse três dias de jejum como dias de *teshuvá* em recuperação da participação do povo no banquete infeliz. Além disso, pelo mérito de agrupar centenas de crianças do povo para estudar com eles a *Torá* e orar, Mordechay conseguiu despertar a misericórdia do Todo-Poderoso e a anulação do mau decreto.

Por intermédio desta *teshuvá*, o povo elevou-se espiritualmente ao ponto de “*Kiyemu vekibelu hayehudim*” – os *yehudim* cumpriram e receberam, ou seja, retificaram o recebimento da *Torá*, e desta vez em um nível superior, pois fizeram-no de forma espontânea, sem imposições, por amor ao Todo-Poderoso. Por este motivo, *Purim* foi fixado como um dia festivo.

Aprendemos como conclusão de tudo isso, que o maior perigo físico vem em decorrência do pecado (falha espiritual). Nem Haman nem outras pessoas são os causadores de eventuais desgraças. A maior proteção contra o perigo é a *teshuvá* e o ensino da *Torá* às crianças do Povo de Israel.

*Baseado no livro Hamussar Vehadáat
de autoria do Rabino Avraham Yafan*

KI TISSÁ I / כִּי תִשָּׂא אֵל /

CONSEQÜÊNCIAS DE UM FORTE CHOQUE EMOCIONAL

Sem dúvida o *Chet Haêguel* (o pecado do bezerro de ouro) é uma das passagens históricas do Povo Judeu mais comentadas e talvez também a mais lamentada. Ela ocorreu logo após o Êxodo do Egito – quando o povo pôde ver a “Mão” milagrosa do Todo-Poderoso – como também logo em seguida à Outorga da *Torá* (*Maamad Har Sinay*). O povo estava à espera de Moshê que voltava do Monte Sinai, “dos Céus” com as Tábuas da Lei.

Não obstante as várias explicações que nos foram dadas pelos nossos sábios, este fato está enquadrado entre os pecados mais graves da *Torá* – a *Avodá Zará* (idolatria).

O Rabino Chayim Shmulevits *zt”l*, em seu livro *Sichot Mussar*, traz a seguinte passagem do *Talmud* (Shabat 105b): A maneira do *Yêtser Hará* (o mau instinto) estimular o indivíduo ao pecado é o de fazê-lo cometer pequenas infrações e aos

poucos ir convencendo-o a cometer infrações cada vez mais sérias, fazendo com que chegue mesmo a um dos pecados mais graves, que é o da *avodá zará*, a idolatria. Como nos ensina a própria linguagem do *Talmud*: “*Hayom omer lo assê cach, ad sheomer lo lech avod avodá zará*” – hoje lhe diz, faça desse modo, até que lhe dirá, vá servir a deuses estranhos.

A pergunta do Rabino Chayim Shmulevits *zt”l*, depois desta introdução é: Consta na *Torá* o seguinte versículo: “*Sáru maher min haderech asher tsivitim assu lachem êguel massechá*” (Shemot 32:8) – Desviaram-se rapidamente do caminho que lhes ordenei, fizeram para si um bezerro fundido. Uma vez que um dos mais graves pecados que o *yêtsér hará* estimula é o da idolatria, como podemos explicar que o Povo de Israel chegou a fazer *avodá zará* sem que outras infrações menos graves a antecedessem?

O Rabino Shmulevits *zt”l* explica: Já que o Satan apresentou-se ao Povo de Israel como se Moshê tivesse morrido, o povo sofreu um grande impacto emocional e conseqüentemente entrou em desespero. Com a ausência de seu líder não sabiam quem os guiaria daquele momento em diante e como deviam se comportar (pois cada líder possui idéias diferentes de como agir).

Esta situação era, portanto, muito propícia ao *yêtsér hará*, uma vez que seus poderes, nesses momentos em especial, são ilimitados, porque o indivíduo não possui o equilíbrio necessário, para fazer frente e se opor à influência do *yetser hará* nessas horas de desespero.

O retrocesso em situações semelhantes é acelerado, sem que o indivíduo passe pelas fases intermediárias dos pecados menos graves até os mais graves. O ser humano pode passar diretamente para a *avodá zará*.

Para ilustrar esta idéia, o Rabino Chayim Shmulevits *zt"l* lembra o episódio ocorrido entre os dois primeiros irmãos – Cáyin e Hêvel. Cáyin, conforme consta na *Torá*, foi o primeiro ser humano a pensar em apresentar uma oferenda ao Todo-Poderoso como forma de servi-Lo. Isto significa que a fé de Cáyin era sólida e íntegra e até mesmo responsável pelo incentivo a seu irmão Hêvel para que fizesse o mesmo.

Ao perceber, porém, que sua oferenda fora rejeitada, enquanto a do seu irmão Hêvel fora aceita, Cáyin não soube manter o equilíbrio e a serenidade necessária. Conforme nos relata o comentarista Yonatan *ben* Uziel, entrou em discussão com seu irmão, colocando em dúvida até mesmo a fé e a existência do Mundo Vindouro, a recompensa dos justos e o castigo aos pecadores, que são questões de extrema importância para a consolidação da fé no Todo-Poderoso.

No decorrer dessa discussão, Cáyin levantou-se e matou seu irmão Hêvel. Tudo isto em conseqüência do estado de espírito em que se encontrava, após ter visto que sua oferenda fora rejeitada.

Este e outros exemplos, que encontramos na *Torá*, nos mostram o quão importante é saber vencer certos estados emocionais. Assim, essas emoções não deixarão o indivíduo entre-

gue nas mãos do *Yêtsér Hará*, para que este não tenha o caminho livre para influenciá-lo e fazê-lo cometer os mais graves erros.

KI TISSÁ II / כִּי תִשָּׂא II

O PORQUÊ DA QUEBRA DAS LUCHOT – AS TÁBUAS DA LEI

Quando Moshê desceu do Monte Sinai e viu o povo alegre em volta do bezerro de ouro, deixou que as Tábuas da Lei caíssem de suas mãos e elas se quebraram. Conforme nos diz o *Talmud*, D’us julgou a conduta de Moshê acertada.

Para entendermos o que levou Moshê a tomar esta atitude, vejamos a explicação do livro *Mêshech Chochmá*.

A *Torá*, a fé que temos nela e no Todo-Poderoso são os alicerces do judaísmo. Todas as outras coisas sagradas (a Terra de Israel, Jerusalém, o Templo, etc.) são apenas uma consequência da santidade da *Torá* e não possuem uma santidade por si. Os detalhes da *Torá* são iguais para todos os judeus e em todos os lugares – exceto as *mitsvot* que devem ser cumpridas exclusivamente em *Êrets* Israel, como a de deixar a terra descansar no ano de *shemitá*, por exemplo. Precisamos entender também, que o Todo-Poderoso, a *Torá* e o Povo de

Israel são inseparáveis, “*Kudshá Berich Hu Veoraytá Veyisrael chad hu*”.

Quando Moshê aproximou-se do acampamento e viu o bezerro de ouro, entendeu quão grave era o erro que os Filhos de Israel estavam cometendo. Isso, porque tinham feito algo que consideravam sagrado, algo que pensavam possuir uma santidade própria. Eles nem ao menos pensaram, que poderiam estar enganados em sua contagem do tempo, sobre quando Moshê deveria voltar e que talvez ele chegasse em breve.

Sabendo que não existe nada sagrado que não seja consequência da Santidade do Todo-Poderoso, Moshê percebeu que, naquela situação em que estavam, mesmo que aceitassem as Tábuas da Lei, poderiam continuar em seu erro, trocando o bezerro pelas tábuas, ou seja, considerando as Tábuas da Lei como algo sagrado por si, esquecendo a Santidade Divina. A intensa reação de Moshê, porém, fê-los parar para analisar a situação e perceber seu grave erro. Concluíram, que ainda não tinham atingido a verdadeira essência e a finalidade autêntica da fé no Todo-Poderoso e em sua sagrada *Torá*, e que não há nada sagrado, que não seja consequência da *Torá* Divina.

VAYAKHEL / ויקהל

O ESPAÇO, O TEMPO E O HOMEM

Nesta *parashá*, encontramos uma alusão a estes três importantes fatores: o espaço, o tempo e o homem.

O espaço é representado pelo *Mishcan*. Conforme diz o *Talmud*, a finalidade do *Mishcan* era concentrar a Divindade. No dia da conclusão do *Mishcan*, a alegria do Todo-Poderoso era tanta quanto a do dia da Criação do mundo.

Os vários pormenores do mundo trabalham em extraordinária harmonia, denominada pela maioria das pessoas de “segredo da natureza”. Nos conceitos da *Torá*, porém, é a própria inspiração Divina. Sem ela, não haveria esta admirável harmonia.

Confirmando este pensamento, nossos sábios dizem que o valor numérico das palavras *hatêva* (a natureza): $hê=5 + tet=9 + bêt=2 + áyin=70$ e *Elokim* (nome de D’us): $álef=1 + lámed=30 + hê=5 + yud=10 + mem=40$ é o mesmo (86),

significando que a natureza não existiria não fosse a inspiração Divina.

O tempo é representado pelo *Shabat*. Todos os dias da semana estão vinculados ao *Shabat*. Domingo, segunda e terça-feiras ao *Shabat* anterior e quarta, quinta e sexta-feiras ao *Shabat* posterior. A importância do *Shabat* é tão grande, que o Todo-Poderoso advertiu a Moshê que não construísse o *Mishcan* no *Shabat*. Justamente nesta ordem de D'us que aprendemos os 39 trabalhos proibidos no *Shabat* e seus derivados (os trabalhos que eram necessários para a conservação do *Mishcan*).

Ao cumprir o *Shabat* conforme as regras que a *Torá* prescreve, o Povo Judeu testemunha que o Todo-Poderoso criou o mundo em seis dias e no sétimo se absteve de criar.

Nossos sábios determinaram, que o final da semana, do mês e do ano devem ser períodos dedicados a um balanço espiritual.

Quando *Rosh Hashaná* se aproxima, o indivíduo começa a meditar sobre suas atitudes, tentando eliminar seus maus hábitos, para se aproximar mais e mais da *Torá* e de suas *mitsvot* na prática. A véspera de *Rosh Chôdesh* é denominada de *Yom Kipur Catan* (*Kipur* pequeno), porque é dedicada ao balanço espiritual e a uma auto-avaliação de nossos atos. Assim é também no *êrev Shabat*. Da mesma forma que o indivíduo se prepara para o *Shabat*, banhando-se e trocando suas vestimentas do dia-a-dia, assim também deve se expurgar das más atitudes que eventualmente tenha feito durante a semana. Deve ves-

tir-se espiritualmente de maneira adequada, libertando-se das manchas do pecado, da mesma forma que fez com as roupas diárias.

O livro “*Divrê Shemuel*” traz um exemplo expressivo para transmitir o sentido do início (entrada) do *Shabat*: Um indivíduo estava em uma estrada em um dia de muita chuva, com frio, molhado, com fome, sede e sem saber o que fazer. De repente surge em seu caminho uma hospedaria, onde, para sua alegria completa, encontra tudo o que precisa – uma lareira para se esquentar, água quente para se banhar, a possibilidade de trocar suas roupas molhadas e uma alimentação adequada. Assim é o *Shabat* para nós. Depois de uma semana de trabalho intenso e cansativo, chega o *Shabat* para nos reanimar e para nos revigorar, para podermos prosseguir o nosso caminho.

Exemplo semelhante encontramos no *midrash*. Um homem estava se afogando em alto-mar e de repente percebeu a aproximação de uma embarcação. De dentro lhe jogam uma corda, dizendo para segurar firme. Disseram também que durante todo o tempo em que a estiver segurando, não se afogará. Assim é o *Shabat*; os dias da semana são semelhantes a um oceano, com altas ondas e no *Shabat* o Todo-Poderoso nos estende uma corda. Ao nos ligarmos a esta corda, temos condições de sobreviver.

A alusão ao homem está na frase: “*Veshachanti betocham*” (Shemot 25:8) – E estarei presente neles. Aparentemente esta expressão deveria estar no singular (*veshachanti betochô*), pois é uma referência ao *Mishcan* (e só havia um

Mishcan). Nossos sábios disseram, porém, que *Hashem* falou no plural para nos ensinar, que cada um de nós deve constituir-se num *Mishcan*, para permitir a presença Divina. Conforme o livro *Nêfesh Hachayim (Sháar Álef)*, o principal lugar da Presença Divina é o homem, pois se ele se santifica de forma adequada, mediante o cumprimento das *mitsvot*, então ele próprio será um *mishcan* e dentro de si pairará a Presença Divina.

PECUDÊ / פְּקוּדֵי

NOSSAS INICIATIVAS DEVEM ESTAR BASEADAS NA TORÁ

Inúmeras vezes a frase: “*Vayaassu caasher tsivá Hashem et Moshê*” – e fizeram como ordenou o Todo-Poderoso a Moshê, é repetida nesta *parashá*. Vejamos por que esta insistência.

Sabemos que a construção do *Mishcan* veio perdoar o Povo de Israel do *Chet Haêguel* (pecado do bezerro de ouro), conforme consta no *Midrash*: “Com o ouro pecaram e com o ouro serão perdoados”, uma vez que o bezerro foi feito de ouro e a construção do *Mishcan* também exigiu grande quantidade de ouro.

Conforme a explicação do livro *Bêt Halevi*, o motivo que levou *Benê Yisrael* a fazer o bezerro foi que eles calcularam mal o momento que Moshê deveria voltar e pensaram que ele não mais regressaria. Na realidade, durante todo esse tempo, Moshê estava sendo o intermediário entre o Povo de Israel e o

Todo-Poderoso. Temerosos de que acabariam por ficar sem esta importante intermediação, precipitaram-se, achando que talvez pudessem fazer um lugar especial, que tivesse o poder de fazer a *Shechiná* (a Presença Divina) pousar. Isso de fato ocorreu mais tarde, com a construção do *Mishcan*.

Benê Yisrael achavam também que, por intermédio do conhecimento das coisas ocultas, teriam esta força. Por isso não queriam fazer o bezerro por sua própria conta, mas sim, com o apoio e orientação de Aharon, que possuía conhecimentos superiores aos de todo o Povo de Israel.

Como a *Torá* salienta, o povo disse a Aharon: “*Cum assê lánu elohim asher yelechu lefanênu ki ze haish Moshê lô yadánu me haya lô* (Shemot 32:1)” – Levanta-te, faze-nos deuses que andem diante de nós, porque a este Moisés – o homem que nos fez subir da terra do Egito – não sabemos o que lhe aconteceu. Ou seja, talvez a intenção fosse das melhores: um local onde a *Shechiná* pudesse estar concentrada.

No entanto, foi cometido um erro essencial com este pensamento. Para que os atos dos seres humanos sejam coroados de êxito, a ponto de a *Shechiná* estar presente, é necessário que se siga uma determinação da *Torá*. Assim foi com o *Mishcan*. Sua construção foi prescrita pelo Todo-Poderoso em seus mínimos detalhes. Betsalel e Aholiav, sob a orientação de Moshê, foram os arquitetos do *Mishcan*.

Contudo, se as ações dos seres humanos partirem de suas próprias idéias, sem que estejam prescritas na *Torá*, elas não terão êxito e não alcançarão o objetivo da Presença Divina. E

mais ainda; todo o esforço despendido é considerado um grave pecado, como o foi o *Chet Haêguel*.

Podemos responder agora mais objetivamente, à pergunta de por que a insistência em dizer “E fizeram como ordenou o Todo-Poderoso a Moshê”. Na construção do *Mishcan*, após a conclusão de cada objeto, consta na *Torá* esta frase, para ressaltar que, por intermédio da construção do *Mishcan*, *Benê Yisrael* recuperaram-se do *Chet Haêguel*, que foi uma iniciativa pessoal do povo e não estava fundamentada nas idéias da *Torá*. Porém, ao construir o *Mishcan*, *Benê Yisrael* fizeram exatamente conforme ordenado por D’us, e por isso, esta iniciativa foi coroada de pleno êxito e atingiu o apogeu espiritual, que é o mérito da Presença da *Shechiná*.

Concluimos o quanto é importante sermos cuidadosos em nossos atos, não tomando iniciativas que não estejam baseadas na *Torá*. Mesmo que nossas intenções sejam boas e que nossas atitudes nos pareçam de caráter espiritual, se não tiverem respaldo nas orientações da *Torá*, não apenas deixarão de atingir seus objetivos, como também, terão um efeito totalmente negativo.

ויקרא

VAYICRÁ

VAYICRÁ / ויקרא

OS ERROS NÃO DEVEM PASSAR DESAPERCEBIDOS

Nesta *parashá* encontramos, entre outros, o relato sobre o *corban* (oferenda) chamado de *Asham Taluy*. Este *corban* era trazido, quando alguém está em dúvida se cometeu ou não algum pecado, que tenha, como conseqüência, o castigo de *Caret*.

Caret é a morte espiritual, relacionada com a alma. Os exemplos mais comuns da aplicação deste castigo são os de quem come *chamets* em *Pêssach*, quem não jejua em *Yom Kipur* e quem mantém relações conjugais com sua esposa antes de ela purificar-se nas águas do *micvê*.

Enquanto o indivíduo não tiver certeza de que cometeu este tipo de pecado, o *Corban Asham Taluy* irá protegê-lo. Porém, uma vez que se certifique da transgressão, deverá trazer a oferenda referente a quem pecou sem intenção – o *Corban Chatat*.

Sobre o *Corban Asham Taluy*, o Rashi traz o exemplo de

alguém que tinha perante si o *shuman* (gordura) e o *chêlev* (sebo).

O primeiro é permitido pela *Torá* e o segundo, não. Quem comesse *chêlev* seria castigado com *caret*. Caso o indivíduo estivesse em dúvida se comeu o *shuman* ou o *chêlev*, pois são muito parecidos, deveria trazer o *Corban Asham Taluy*.

Ramban nos chama a atenção para o fato de que o valor despendido para o *Corban Asham Taluy* – oferecido no caso de dúvida de pecado – era maior do que o do *Corban Chatat* – trazido quando havia certeza do pecado. O Ramban explica, que uma vez que o indivíduo não tenha a certeza de ter pecado, poderia ficar com a impressão de não ter cometido nenhuma infração. No entanto, a *Torá* não admite este pensamento, obrigando-o a trazer um *corban* de valor ainda maior que o *Chatat*, para que percebesse seu erro.

Para entendermos melhor este ponto de vista, basta nos lembrarmos de um trecho do livro “*Chovot Halevavot*” no *Shaar Hateshuvá*, do Rabino Bachyê, onde constam algumas condições necessárias para se atingir a *teshuvá* (o arrependimento com retorno às origens). Entre estas condições está a de reconhecer o erro cometido e o quanto é reprovável. Vemos, portanto, a importância do reconhecimento do pecado. Sem admitirmos que pecamos, não há a possibilidade de que o processo da *teshuvá* tenha início. Enquanto o pecado passar despercebido, nós não sentiremos necessidade de nos redimir.

Este é o motivo por que a *Torá* foi mais rígida no *Corban Asham Taluy*; para não presumirmos que não pecamos, o que

dificultaria o processo de *teshuvá*.

Como é possível que nossos erros sejam apagados por meio da *teshuvá*?

Nos livros do Maharal de Praga, encontramos a resposta a esta pergunta. Ele diz que da mesma forma que o ser humano não é absoluto, assim também não o são seus atos. Já que o ser humano é constituído de um corpo físico que sofre oscilações, seus atos não são absolutos e podem ser apagados mediante a *teshuvá*.

Conforme nos esclarece o Rambam (Maimônides) em *Hilchot Teshuvá*, são três os itens básicos para que a *teshuvá* seja aceita pelo Todo-Poderoso:

a) Abandonar o pecado na prática e não mais pensar sobre ele.

b) Arreponder-se por ter cometido o pecado.

c) Desculpar-se perante o Todo-Poderoso por intermédio da recitação do *Viduy*.

A *teshuvá* deve, portanto, ser completa, firme e constante para que nossos pecados sejam apagados.

Baseado no livro Alê Shur vol. I

TSAV / 18

O AGRADECIMENTO A D'US MEDIANTE O CORBAN TODÁ E BIRCAT HAGOMEL

As primeiras *parashiyot* do livro *Vayicrá* tratam exclusivamente dos *corbanot* (oferendas) feitos no *Mishcan* e posteriormente no primeiro e no segundo *Bêt Hamicdash*.

Nesta *parashá* a *Torá* menciona o *Corban Todá*, que não era trazido para perdoar alguém. Era ofertado em agradecimento ao Todo-Poderoso por ter-lhe feito um bem em quatro situações diferentes. Conforme nos diz o *Talmud*: “*Arbaá tserichin lehodot*” – Quatro são os que precisam agradecer:

a) Quem esteve navegando em alto-mar – “*Yoredê hayam baoniyot*”.

b) Quem esteve no deserto – “*Taú bamidbar bishimon darech*”.

c) Quem esteve doente e restabeleceu-se “*Yishlach devarô vayirpaem*”.

d) Quem esteve preso e foi libertado – “*Assirê oni uvarzel*”.

“*Yodu Lashem chasdô venifleotav livnê adam*” – Agradecem ao Eterno pela Sua bondade e por Suas maravilhas para com os seres humanos.

Além de oferecerem o *Corban Todá*, devem recitar o *Bircat Hagomel*, que é uma bênção especial para estas situações. Esta *berachá* é dita na presença de um *minyán* na sinagoga, normalmente nos dias em que há leitura da *Torá*; ou seja, nas segundas, quintas e sábados de manhã ou à tarde.

Em nossos dias, nos quais estamos privados de nosso *Bêth Hamicdash*, resta-nos, nessas quatro situações, apenas recitar essa *berachá*, uma vez que, enquanto o Templo não for reconstruído, é-nos proibido fazer oferendas.

Na época do *Bêth Hamicdash*, a carne deste *corban* só podia ser consumida no dia em que ele foi feito até o meio da noite. Por isso, o indivíduo que fez o *corban* precisava convidar parentes e amigos para participarem com ele de sua alegria, pela bondade que o Todo-Poderoso lhe concedeu. Dessa forma, narrava os momentos difíceis pelos quais passou e fazia refletir em seus convidados a felicidade deste momento.

Isso é necessário, porque normalmente, com o passar do tempo, tendemos a esquecer as benfeitorias e os milagres que D’us nos fez. Acabamos encontrando motivos e explicações naturais de como saímos do apuro que nos encontrávamos. A *Torá*, entretanto, quer nos educar, para que isso não venha a acontecer e que a memória das bondades que o Criador nos faz

fique firme em nossas mentes.

No momento em que oferecia o *corban*, o indivíduo, que o trazia como agradecimento, recitava um capítulo do *Tehilim*, que atualmente costumamos recitar todos os dias após o *Baruch Sheamar* – o *Mizmor Letodá*. Neste capítulo consta a frase: “*Ivdu et Hashem bessimchá*” – Sirvam ao Todo-Poderoso com alegria – e encontramos nele o motivo pelo qual se justifica servi-Lo com alegria.

Da mesma forma que uma criança está sempre sorridente, assim também nós, adultos devemos servir ao Todo-Poderoso naturalmente com satisfação e alegria. Do mesmo modo que uma criança sabe que deve recorrer a seus pais para ser prontamente atendida, “*anachnu amô vetson mar’itô*” – nós somos o Povo escolhido de D’us e o rebanho do qual Ele é o Pastor. Portanto, fatalmente Ele haverá de prover nossas necessidades.

Não temos motivos, portanto, para nos preocuparmos. Se vivermos continuamente com o pensamento de que somos Seus filhos, será um júbilo para nós e isso será suficiente para servirmos a Ele com satisfação e alegria.

Baseado no livro Min Habeer

PÊSSACH I / I חספ

UMA VISÃO PROFUNDA DO MÁ NISHTANÁ

Na noite do *Sêder* de *Pêssach*, as crianças recitam um trecho da *Hagadá* muito conhecido por nós, contendo quatro perguntas – o *Má Nishtaná*. Aparentemente este trecho é muito simples e não traz maiores dificuldades para ser explicado.

Porém se nos aprofundarmos, perceberemos que ele contém os fundamentos por meio dos quais o Povo de Israel adquiriu e continua adquirindo sua liberdade. Referimo-nos aqui não somente à liberdade física (não somos mais escravos do Faraó), mas também à liberdade espiritual, conforme disseram nossos sábios: “*En lechá ben chorin ele mi sheossec Batorá*” – O verdadeiro homem livre é aquele que se dedica ao estudo da *Torá*. O estudo da *Torá* é o remédio para nos libertarmos do *Yêtsér Hará* (mau instinto), pois todo o tempo em que o *Yêtsér Hará* nos domina, somos escravos de coisas materiais, que nos impedem de uma aproximação maior com o

Todo-Poderoso, Sua *Torá* e Suas *mitsvot*.

Na primeira pergunta (conforme os *sefaradim*) do *Má Nishtaná* – todas as noites não mergulhamos sequer uma vez e nesta noite mergulhamos duas vezes (o *Carpás* na água com sal e o *Maror* no *Charosset*) – o termo utilizado pela *Hagadá* para “mergulhamos” é “*metabelin*”, que vem da palavra “*tevilá*” – imersão no *micvê*. Um indivíduo que estiver em estado de impureza, somente se purifica, após fazer *tevilá* no *micvê*. Para alcançar a liberdade, são necessárias duas imersões: a primeira, para libertar-se da impureza e a segunda, para atingir a pureza. Sabemos que a necessidade de purificar-se recai sobre todos nós, conforme disse o Rei Shelomô: “*En tsadic baárets asher yaassê hatov velô yechetá*” (Cohêlet 7:20) – Não há um indivíduo justo na Terra que só faça o bem e não cometa pecado. Mesmo as pessoas mais justas, acabam cometendo alguma irregularidade e necessitam purificar-se. Quanto mais nós – pessoas comuns – que estão sempre em atraso no que diz respeito às obrigações espirituais.

Na segunda pergunta (conforme os *sefaradim*) do *Má Nishtaná*, mencionamos que todas as noites comemos *chamets* ou *matsá* e nesta noite somente *matsá*.

O *chamets*, por ser uma comida fermentada e inflada, simboliza o orgulho, e a *matsá*, por não ter tido a possibilidade de crescer, simboliza a humildade. Uma das qualidades mais louvadas e enaltecidas pelos nossos sábios é a humildade. Moshê *Rabênu*, o profeta dos profetas foi louvado pelo Todo-Poderoso como o homem mais humilde da face da Terra. A humil-

dade é também uma das condições fundamentais para a nossa liberdade em seu sentido mais amplo, porque, na maioria das vezes, o orgulho se origina em algum complexo que carregamos. Para nos libertarmos dele, é necessário “*culô matsá*” – somente humildade.

Na terceira pergunta do *Má Nishtaná* mencionamos, que todas as noites comemos todos os tipos de verduras e nesta noite, comemos *maror*.

Os outros tipos de verduras simbolizam os desejos materiais – que são uma barreira perante os elementos espirituais – e conseqüentemente, nos impedem da prática das *mitsvot*. O *maror* simboliza algo amargo, porque as aquisições espirituais exigem empenho. Muitas vezes travamos uma árdua batalha com o *yêtsér hará* para alcançar êxito em nossa conduta espiritual, como “*Torá veêrets Yisrael nikhim beissurim*” – A *Torá* e a Terra de Israel são adquiridas com dificuldades.

Na noite do *Sêder*, somos mais receptivos ao empenho e ao esforço para atingir uma elevação espiritual.

Na quarta pergunta, mencionamos que todas as noites comemos sentados ou reclinados e nesta noite somente reclinados – os quatro *cazáyit* de *matsá* e os quatro copos de vinho devem ser consumidos reclinados para a esquerda.

Alguém que está sentado reclinado, necessita de um apoio para não cair. Enquanto alguém que está sentado normalmente, não necessita de nenhum apoio. Durante todo o ano nos apoiamos em nós mesmos, em nossa autoconfiança, e muitas vezes acreditamos que todos os bens materiais que adquirimos foi

graças ao nosso esforço pessoal – “*Cochi veôtsem yadi assá li et hachayil hazê*” (Devarim 8:17).

Na noite do *Sêder*, reconhecemos que nosso apoio, todo o nosso sustento e tudo o que possuímos é uma dádiva Divina. Depositamos toda a nossa confiança no Todo-Poderoso – “*Culánu messubin*” – todos reclinados, demonstrando que nosso apoio é o Criador, da mesma forma que nossos antepassados se apoiaram no Eterno no Êxodo do Egito. Conforme disse o profeta em nome de D’us: “*Lechtech acharay bamidbar beêrets lô zeruá*” (Yirmeyáhu 2:2) – Foste (Congregação de Israel) atrás de Mim no deserto em terra não semeada – o povo de Israel foi para o deserto sem questionar o que comeria e o que beberia. D’us guardou esta lembrança positiva da confiança que o povo depositou Nele e o alimentou com o *man* durante os quarenta anos que ficou no deserto, além de dar um poço que o abastecia com água (este poço existiu pelo mérito de Miryam).

Nessa noite reconhecemos “*Sheên lánu lehishaên ela al Avínu Shebashamáyim*” – que nosso único apoio é o Todo-Poderoso.

Baseado no relato do Rabino Eliêzer ben David Shelita

PÊSSACH II / II פסח

A MATSÁ MAIS DO QUE UM SÍMBOLO

Conforme a explicação do Rabino Aharon Levin, as leis ligadas ao preparo da *matsá* simbolizam a essência do ser judeu no seu todo, e nos ensina como deve ser nosso comportamento em nossa vida particular e em nossa vida pública.

Uma das leis curiosas na elaboração da *matsá* é que a água usada para preparar a massa deve pernoitar, e somente no amanhecer do dia seguinte pode ser usada na massa (Talmud Pesachim 42). Da mesma forma, o judeu é orientado a não tomar atitudes, sem que estas tenham passado antes por uma análise fria e sensata. Em muitas situações, poderíamos ter evitado um fracasso, caso tivéssemos tido um pouco mais de tranqüilidade e tivéssemos adiado a decisão por algum tempo (até o amanhecer).

Por outro lado, nem sempre adiar o problema ou tratá-lo com tranqüilidade demasiada é a solução, pois isso poderia

acarretar um relaxamento. Por isso, após tomada uma decisão, já antecedida pela devida cautela, não mais se justifica o adiamento de sua execução e deverá ser levada a cabo imediatamente para que alcance êxito.

Esta particularidade também nos é ensinada pelas leis da *matsá*. Só fazemos a massa com a água que pernoitou, porém a partir do momento que iniciamos a preparação da massa, não podemos em nenhum momento parar sua elaboração até que esteja terminada (saia do forno), para que não venha a fermentar.

Nossos sábios aprenderam, que da mesma forma que deve haver um cuidado especial para que a *matsá* não fermente e se torne *chamets* – “*en machmitsim et hamatsá*”, assim também “*en machmitsim et hamitsvá*”. As *mitsvot*, de uma forma geral, não deverão sofrer atraso em sua execução, pois o atraso pode causar o adiamento indeterminado da *mitsvá* ao ponto de não mais ser realizada.

Para que o indivíduo tenha tranqüilidade e segurança com relação à decisão tomada, deverá refletir uma segunda vez sobre o assunto e concluir que nenhum envolvimento pessoal ou fator emocional tenha influenciado esta tomada de posição. Este detalhe também aprendemos da elaboração da *matsá*: “A massa da *matsá* não pode ser feita com água quente” (Talmud Pessachim 42). Da mesma forma, o indivíduo não deve e não pode ser impulsivo, porque dessa maneira suas atitudes não teriam passado pela análise fria necessária para o sucesso em todos os campos.

Outra particularidade importante, que aprendemos da elaboração da *matsá*, é que ela não deve ser feita ao sol. Assim também, o ser humano não deve se expor, mas procurar o recato, o pudor e a discrição ao máximo, como consta no profeta (Michá 6:8): “Ele te declarou o que é correto e o que o Todo-Poderoso pede de ti: Fazer a justiça, ser caridoso e andar humildemente (discreamente) com teu D’us.”

Outra característica da *matsá* é que ela não deve ser feita com formas diferentes. Aprendemos, assim, que cada um de nós deve se comportar com simplicidade e naturalidade, sem nenhuma outra forma que não condiga com nossa pessoa.

Portanto, a *matsá*, que é uma das 248 *mitsvot assê* (ativa) da *Torá*, ensina muitas idéias profundas relacionadas com o ser humano em si, com sua formação e com seu modo de vida, visando o seu sucesso e seu desenvolvimento no âmbito material, espiritual, familiar e perante a sociedade.

SEFIRAT HAÔMER I / ספירת העומר I

ASCENSÃO ESPIRITUAL

Os quarenta e nove dias da contagem do *ômer* são dias preparatórios para *Shavuot*, que é o dia no qual recebemos a *Torá*.

Na *Torá* consta: “*Usfartem lachem... sheva shabatot temimot tihyena... Ad mimachorat hashabat hasheviit tisperu chamishim yom...*” (Vayicrá 23:15-16) – Contareis para vós... sete semanas completas serão...até o dia seguinte da sétima semana contareis cinqüenta dias... Primeiramente a *Torá* nos ordena contar sete semanas, e depois, contar cinqüenta dias. Devemos então contar sete semanas (quarenta e nove dias) ou cinqüenta dias? Nossos sábios nos dizem, que devemos contar até o 50º dia, mas não inclusive este.

O motivo desta conduta é que o número sete representa conceitos da natureza, porque o mundo foi criado em seis dias e no sétimo D’us se absteve de criar. Quis Sua sabedoria e Sua Vontade que o mundo se conduzisse dentro das normas da natureza estabelecidas e conduzidas por Ele (“*Hamechadesh*

bechol yom tamid maassê vereshit” – Que renova a Criação todos os dias, continuamente).

A *Torá*, então, nos ordena contar cinquenta dias. Contamos sete semanas, que representam a ordem natural, a natureza, porém, podemos alcançar algo que transcende os limites do natural. Ou seja, no que se refere a elementos espirituais, dependendo de nossos esforços e de nossa dedicação, podemos aspirar uma ascensão acima de nossas limitações naturais.

A contagem dos dias do *ômer* é feita na seqüência ascendente, ou seja, de um a quarenta e nove. Uma vez que esta contagem simboliza a ansiedade que temos em atingir o 50º dia (no qual comemoramos o recebimento da *Torá*), a contagem deveria ser feita na seqüência contrária, descendente. No primeiro dia deveríamos dizer “faltam quarenta e nove dias”; no segundo, “faltam quarenta e oito” e assim por diante, demonstrando nossa ansiedade pela chegada do 50º dia.

Entretanto, como todo o objetivo da contagem do *ômer* é atingir o 50º dia, isso só é possível se contarmos de um a quarenta e nove.

Cada um dos quarenta e nove dias é único para os preparativos espirituais necessários para receber a *Torá*. Conforme nos diz o *Rav Aharon Kotler zt”l* em seu livro *Mishnat Rabi Aharon* vol. III, os quarenta e oito dias da *sefirá* são diretamente proporcionais aos quarenta e oito níveis citados no *Pirkê Avot* (cap. VI, *mishná* 6), necessários para a integração do homem à *Torá* (humildade, alegria, pureza).

Cada um dos quarenta e oito dias deve ser dedicado a um dos quarenta e oito níveis e o 49º dia é dedicado à santidade, com os preparativos finais para *Cabalat Hatorá* (o recebimento da *Torá*).

SEFIRAT HAÔMER II / II ספירת העומר II

O PODER NÃO ESTÁ NAS MÃOS DOS HOMENS

Por ordem do rei Achashverosh, Haman tinha que buscar Mordechay, vesti-lo com roupas imperiais e conduzi-lo pela cidade no cavalo do rei.

Conforme o *Midrash Rabá* (Meguilat Ester 10:4), Mordechay estava estudando *Torá* com as crianças, quando Haman chegou. Preocupado com as crianças, Mordechay pediu a elas que fugissem para não serem alvo das maldades de Haman, porque naquele momento, Mordechay não conhecia as intenções de Haman. As crianças lhe responderam que, caso Haman quisesse matá-lo, elas morreriam junto. Mordechay pediu então que elas comessem a rezar.

Quando Haman se aproximou, perguntou a Mordechay o que estava estudando com as crianças de Israel. Ele respondeu que estavam estudando sobre a oferenda do *ômer* que era trazida no tempo do *Bêt Hamicdash*, porque era dia 16 de *Nissan*.

Haman indagou se esta oferenda era de ouro ou prata. Mordechay respondeu que não era nem de ouro, nem de prata, nem mesmo de trigo, mas sim de cevada. Haman perguntou então qual era seu valor e Mordechay respondeu que era *assirit haefá* (um décimo de *efá*), que equivale a aproximadamente um quilograma e setecentos gramas de cevada.

Haman retrucou que o décimo de *efá* venceu os *asseret alafim kicar kêssef* (dez mil talentos de prata) que Haman havia oferecido aos tesouros do rei Achashverosh, quando exterminassem (*hayô lô yihyê* – que nunca aconteça) o Povo Judeu.

Nossos sábios disseram “*Al tehi mitsvat haômer cala beenêcha*” (Midrash Rabá Vayicrá 28:6) – Que não pareça a *mitsvá* do *ômer* pequena perante teus olhos. Embora a quantidade dessa oferenda seja tão pouca, não devemos menosprezá-la. Ela nos ensina que o ser humano está impossibilitado de dar algo ao Todo-Poderoso – pequeno é o homem e pequena é sua oferenda.

O *Rav* Moshê Schwab *zt”l* diz em seu livro, *Maarchê Lev*, que o vínculo entre o milagre de *Purim* e a oferenda do *ômer* é que ambos aparentam ser algo da natureza. Ambos demonstram também, que o verdadeiro Condutor do Universo é o Todo-Poderoso e que o homem não tem poder algum nas mãos para mudar alguma situação. A Vontade do Todo-Poderoso, após a Criação, foi que o mundo seguisse de modo natural.

Prova de que a natureza, tudo e todos são conduzidos por

Ele, é que o valor numérico da palavra *Hateva* – a natureza (*hê* [5] + *têt* [9] + *bêt* [2] + *áyin* [70] = 86) e da palavra *Elokim* (*álef* [1] + *lámed* [30] + *hê* [5] + *yud* [10] + *mem* [40] = 86), é o mesmo.

SHEMINI / שמיני

O SILÊNCIO

Nem sempre conquistamos nossos anseios por intermédio do ato de falar. O silêncio às vezes é muito mais representativo e pode nos fazer alcançar nossos objetivos de um modo mais adequado. O silêncio pode expressar mais do que muitas palavras e não significa falta de capacidade.

Uma das virtudes dos descendentes de Binyamin (filho caçula de Yaacov), era saber ficar em silêncio nos momentos certos. Não que não soubessem falar bem; muito pelo contrário! Tanto é que a pedra que representava esta tribo nos *Urim Vetumim* era chamada *Yashepê*, que significa “tem boca” (*yesh pê*).

O Rei Shaul, primeiro rei do Povo de Israel, era descendente de Binyamin. Ele fez bom uso do silêncio, conforme consta no *Tanach*. Quando o Profeta Shemuel comunicou-lhe que seria rei, Shaul não mudou seu comportamento e continuou sendo a mesma pessoa, o mesmo homem humilde de sempre. O fato de ser futuro rei não lhe subiu à cabeça, tanto

que nem contou a seus familiares que estava destinado a ser rei.

Em Purim, o Povo de Israel também foi salvo por conta do silêncio da Rainha Ester, que obedecendo à ordem de Mordechay, não contou ao rei sua origem. Tanto Mordechay quanto Ester eram descendentes de Binyamin.

Nesta *parashá*, após a tragédia que acarretou a morte de dois de seus filhos, Aharon silenciou. A *Torá* nos diz: “*Vayomer Moshê el Aharon hu asher diber Hashem lemor bicrovay ecadesh veal penê chol haám ecaved vaydom Aharon* (Vayicrá 10:3) – “E disse Moshê a Aharon: Isso é o que falou o Eterno dizendo: Por meus escolhidos me santificarei e perante todo o povo Eu serei glorificado. E calou-se Aharon.”

Nossos sábios nos contam que o difícil silêncio de Aharon, nesse momento de dor, demonstrando conformação e confiança na justiça Divina, trouxe-lhe mais tarde, uma recompensa. O Próprio Todo-Poderoso veio falar com Aharon, diretamente, sem necessidade da intermediação de seu irmão Moshê.

O Maharal de Praga *zt”l*, em seu livro *Dêrech Hachayim*, escreve que o poder da fala é um poder físico (do corpo) e o raciocínio é um poder espiritual. Estes dois fatores antagônicos não podem trabalhar simultaneamente no indivíduo.

O silêncio, portanto, é importante para evitar erros, uma vez que quando usamos a fala estamos, de certa forma, anulando o raciocínio.

TAZRIA I / תזריע I

LASHON HARÁ

Grande parte desta *parashá* trata dos cuidados a serem tomados caso ocorra *Tsaráat* – uma doença de origem espiritual.

Conforme o *Rabênu Bachyê zt”l*, esse fenômeno era sobrenatural, milagroso. Não era somente uma doença de pele, mas também aparecia nas paredes das casas e nas roupas das pessoas. Ela só ocorria em *Êrets Yisrael* e tinha como finalidade advertir a quem pecou, que fizesse *teshuvá* (retornasse ao Criador com arrependimento).

O principal pecado originador da *Tsaraat* era o *lashon hará* (maledicência). Em *Parashat Behaalotechá* (Bamidbar 12:1-2), a *Torá* narra: “E falaram Miryam e Aharon de Moshê... e disseram: Porventura somente com Moshê falou o Eterno? Certamente também conosco falou! E ouviu o Eterno.” Mais adiante (Bamidbar 12:10) encontramos: “...e eis que Miryam estava com *tsaráat*”.

Miryam era a irmã mais velha de Moshê, salvou sua vida

quando ainda era um bebê. Miryam era também uma profetisa e quando conversava com seu outro irmão Aharon, tomou a liberdade de fazer um comentário sobre Moshê. Esse comentário nem chegou a ofendê-lo, porque a *Torá* escreve logo em seguida: “*Vehaish Moshê anav micol haadam asher al penê haadamá*” (Bamidbar 12:3) – Moshê era muito humilde, mais do que todos os homens da face da Terra, ou seja, a observação de Miryam nem chegou a atingi-lo. Apesar de tudo isso, Miryam foi castigada com *Tsaráat*.

Em *Parashat Ki Tetsê* (Devarim 24:8-9) consta a seguinte passagem: “Guarda-te da *Tsaráat* e observa bem... Recordate o que fez o Eterno teu D’us a Miryam no caminho, quando saíste do Egito”. Esta *mitsvá* – de recordar o que o Todo-Poderoso fez a Miryam – é uma *mitsvá* contínua (para ser lembrada constantemente). Sempre que estivermos conversando com alguém e tivermos a possibilidade de falar a respeito de outra pessoa, temos que ter em mente, que até mesmo Miryam – que era profetisa e líder de todas as mulheres judias de sua época – não foi poupada do castigo, por ter falado de Moshê. Não compete a nós, fazer uso de nossa língua para criticar ou fazer comentários sobre as pessoas, mesmo que tenham fundamento.

O *Midrash Rabá* (Vayicrá 33:1) nos relata um fato sobre *lashon hará* que merece atenção: Rabi Shim’on *ben Gamliel* tinha um escravo chamado Tavi, que é citado algumas vezes pelo *Talmud* e denominado de “*Êved Casher*”, um homem justo e correto. Certa ocasião, Rabi Shim’on pediu-lhe que

fosse comprar a melhor parte da carne do animal e ele lhe trouxe uma língua. Num outro dia, Rabi Shim'on lhe pediu que trouxesse a pior parte da carne do animal e para sua surpresa, Tavi lhe trouxe novamente uma língua. Quando interrogado por seu patrão sobre o sentido desta atitude aparentemente contraditória, ele explicou: “Dela (da língua) vem o bem e o mal. Quando ela é positiva, não há nada melhor, porém quando é negativa, não há nada pior.

Na realidade, o *lashon hará* é proveniente da falta de autocontrole do indivíduo sobre sua língua.

Em seu livro *Dêrech Hachayim*, Rabi Moshê Chayim Luzzato zt”l (também autor do famoso livro *Messilat Yesharim*) explica que o poder da fala é uma força física e não espiritual: “*Nêfesh hamedaberet, coach gufani veeno sichli legamre*”.

É importante, pois, que o indivíduo tenha cuidado com o falar sem pensar – com o tagarelar. Muitas vezes devemos ficar em silêncio, para que não corramos o risco de errar e para que esta força física (a fala) não venha a anular o *sêchel* (entendimento, raciocínio). Por ser esta uma força espiritual, não é possível que dois fatores contraditórios ajam conjuntamente.

No final do primeiro capítulo do *Pirkê Avot* está escrito: “*Shim'on benô omer – col yamay gadalti ben chachamim velô matsati laguf tov mishticá*” – Shim'on ben Gamliel diz: Todos os dias de minha vida fui criado entre sábios e não encontrei algo melhor ao corpo do que o silêncio.

O silêncio é uma virtude que foi, muitas vezes, usada por personagens notáveis do nosso *Tanach*. Conforme mencionado em *Shemuel I* (10:16): “*Veet devar hameluchá lô higid lo asher amar Shemuel*” – Shaul não revelou que fora nomeado rei de Israel. Shaul *Hamêlech*, ao ser comunicado pelo profeta Shemuel que o Todo-Poderoso o escolheria como o rei do Povo de Israel, não divulgou a notícia. Conforme Rashi e Radak, o motivo dessa atitude era a discrição e a simplicidade de Shaul.

Por ordem de Mordechay, também a rainha Ester soube calar-se. Não relatou ao rei Achashverosh que era de descendência judaica, até que chegasse o momento certo: “*En Ester maguêdet moladtáh veet amáh*” (Meguilat Ester 2:20) – Não disse Ester a que nação e a que povo pertencia.

Havia doze pedras no *Choshen* (vestimenta do *cohen gadol*), cada uma simbolizando uma tribo do povo de Israel. A pedra que simbolizava a tribo de Binyamin era denominada *Yashepê*, que pode ser interpretada como duas palavras: *yesh pê*, cujo significado é: existe boca (há o que ser dito). Todavia, não necessariamente, Binyamin fazia uso dela. Mesmo não tendo participado da venda de Yossef e mesmo sabendo do ocorrido, Binyamin não contou para Yaacov. Mordechay e Ester pertenciam à tribo de Binyamin.

Nem sempre quem silencia não tem o que dizer. Muitas vezes, o silêncio é mais expresivo do que muitas palavras.

TAZRIA II / תזריע II

A CEGUEIRA DA VAIDADE

Nossos sábios escreveram no *Pirkê Avot* que a inveja, as ambições e a perseguição à honra, ao respeito e à admiração, afastam o indivíduo do mundo, ou seja, da realidade da vida.

A *haftará* desta semana conta, que Naaman, comandante-em-chefe do exército de Aram, muito respeitado e bem-conceituado, ficou com *Tsaráat*. Ele soube que em Israel havia um profeta que poderia curá-lo e pediu ao rei de Aram que intercesse em seu favor, junto ao rei de Israel. O rei de Aram concordou e escreveu uma carta ao rei de Israel, para que este fizesse o necessário para curar seu comandante.

Quando Naaman entregou a carta ao rei de Israel, este ficou desesperado, pois pensou que era algum tipo de armadilha de Aram, para entrar em guerra contra Israel. Sabendo da impossibilidade de curar Naaman, rasgou suas vestes

Quando o profeta Elishá, discípulo de Eliyáhu *Hanavi*, tomou conhecimento disso, mandou dizer ao rei de Israel: “Por que rasgaste tuas vestes? Que ele (Naaman) venha até

mim e saberá que há um profeta em Israel.”

Naaman e sua comitiva apresentaram-se à porta do profeta Elishá. O profeta enviou, então, um mensageiro, que por ordem de Elishá disse a Naaman que mergulhasse (fazer *tevilá*) sete vezes nas águas do rio Jordão e assim estaria imediatamente curado. Naaman teve uma reação por demais estranha; indignou-se e decidiu que voltaria a sua terra: “Eu pensei que o profeta viria a meu encontro; no entanto, ele me enviou um mensageiro?!”

Naaman sentiu-se ofendido, porque em sua opinião o profeta não lhe concedeu as devidas honras que imaginava merecer. Por conta disso, perderia uma oportunidade única de curar-se. É bem provável, que antes de ir ao Profeta Elishá, Naaman tivesse buscado outras formas de cura. Sem dúvida, como pessoa de muitos recursos que era, não deve ter medido esforços para se curar, entretanto, sem sucesso.

Contudo, sua vaidade faria com que perdesse essa chance, não fosse a insistência de seus servos – que o acompanharam à casa do profeta – dizendo que seria um absurdo o comandante perder esta chance. Disseram-lhe, que se o profeta tivesse pedido algo difícil a Naaman, ele o faria. Por que, então, não seguir uma instrução tão fácil como essa?

Finalmente, Naaman mergulhou sete vezes no Jordão, conforme o Profeta Elishá ordenou e assim ficou curado.

Aprendemos disso tudo que, muitas vezes, o orgulho e a vaidade privam o ser humano de visão clara da situação. Então, ele passa a analisar os fatos sob a pressão de seus interesses

mesquinhos, em detrimento dos interesses que estão muito acima da vaidade, a ponto de colocar em plano inferior sua própria integridade física.

Concluimos, deste caso ocorrido com Naaman, ser muito importante que o indivíduo atente e pondere os conselhos que lhe são dados. Sobre isso, o rei Shelomô escreve em seu livro *Mishlê*: “*Derech evil yashar beenav veshomêa leetsá cham*” (Mishlê 12:15) – O tolo sempre se considera com a razão, porém aquele que ouve os conselhos é sábio.

Baseado no livro Or Yahel

METSORÁ I / מצורע I

TAHARAT HAMISHPACHÁ A PUREZA DO LAR

A pureza do lar é um assunto de grande importância no judaísmo, estando no mesmo nível de jejuar em *Yom Kipur* ou não comer *chamets* em *Pêssach*.

Em geral, o povo judeu cumpre as *mitsvot* da *Torá* sem saber o motivo, cumprindo-as somente porque foram ordenadas por D'us. Ele, sendo nosso Pai, nunca nos recomendaria algo que não fosse adequado. Porém, isso não significa que não devamos estudar e procurar os verdadeiros motivos das *mitsvot*, para que nos convençamos de uma forma ainda mais séria da grandeza destas leis.

Quando recebemos a *Torá* no Monte Sinai, declaramos “*Naassê Venishmá*” (Shemot 24:7) – Cumpriremos e ouviremos. O procedimento correto é primeiro cumprir os mandamentos, para depois ouvir seus motivos e explicações. Por exemplo, se todos os jovens, antes do *bar-mitsvá*, quisessem

adiá-lo e apenas começar a colocar as *tefilin* depois de entenderem o motivo pelo qual devem ser colocadas, a maioria dos homens abandonaria este mundo sem nunca ter colocado as *tefilin*.

O cumprimento das *mitsvot* não depende da compreensão de seus motivos. Primeiro, porque somos limitados e não podemos compreender tudo e segundo, porque talvez estejamos cientificamente atrasados para entendermos alguns destes conceitos.

Em princípio, precisamos esclarecer que *tum'á* (impureza) não significa algo sujo ou não higiênico. O *Cohen Gadol* (sumo-sacerdote), para purificar-se durante o dia de *Yom Kipur*, fazia cinco imersões no *micvê*. Caso quisesse se limpar, seria um exagero banhar-se cinco vezes no mesmo dia.

Tum'á é um conceito totalmente espiritual, que está longe do alcance do entendimento do ser humano. Porém é um conceito da *Torá*, conforme explica o Rambam, na última passagem de *Hilchot Micvaot* em seu livro *Yad Hachazacá*.

Em nosso mundo materialista, estamos acostumados apenas ao concreto e queremos tocar e sentir todas as coisas. Por outro lado, as coisas espirituais, que são abstratas, ficam praticamente fora de nosso alcance. Por isso, devemos ficar atentos, para não perder a consciência de nossas obrigações espirituais.

Nos tempos modernos, podemos focalizar os conceitos da pureza do lar sob três aspectos primordiais. No que diz respeito à integridade física da mulher na época de sua mens-

truação e no que diz respeito à integridade física do homem, pelo perigo que ambos correm em manter uma relação íntima nos dias proibidos pela *Torá*. Finalmente, o fato de a *Torá* ordenar para um casal permanecer separado ao menos durante doze dias de cada mês. Seria isso um benefício? De que maneira, se o casal deseja justamente o contrário – uma intimidade sem períodos de interrupções.

Sabemos, que durante o ciclo menstrual, a mulher passa por transformações em seus órgãos genitais, para prepará-los para o desempenho da função reprodutora (fecundação do óvulo) e propiciar meios de defesa destes órgãos.

O endométrio (membrana mucosa que reveste internamente o útero), desprende-se em grande parte por ocasião da menstruação, deixando o local ferido entre cinco e sete dias, sendo que nos sete dias posteriores, o endométrio se refaz.

A medicina começou a descobrir todos estes conceitos há aproximadamente 120 anos, quando se atribuiu a Ritchman e Adler as primeiras descrições do ciclo endometrial. A *Torá*, porém, desde o momento em que nos foi dada já falou sobre isso.

Hoje vemos que os conceitos descobertos pela ciência moderna estão totalmente de acordo com a nossa sagrada *Torá*. Ela nos recomenda, que zelemos por nossas esposas durante este período e mais o tempo necessário para recuperação do endométrio, uma vez que ele está ferido. Neste época, uma relação íntima seria prejudicial a ela.

Aproveitamos aqui para descrever alguns dos cuidados que

devem ser tomados em relação à pureza do lar. Somente observar estes doze dias não é suficiente. É necessário que após este período, a mulher faça uma imersão no *micvê* para purificar-se, pois um banho ou uma ducha não conseguem remover a *tum'á*, que é um conceito espiritual.

Os cuidados a serem observados antes de ir ao *micvê* são:

1. Esperar no mínimo 5 dias a partir do início da menstruação e só dar início à contagem dos sete dias posteriores ao comprovar que o fluxo de sangue terminou.

2. No dia que o fluxo cessar (após os cinco dias), antes do pôr-do-sol, deve-se fazer um exame interno, *hefsec tahará*, para confirmar que o fluxo de sangue realmente terminou.

3. Iniciar a contagem dos sete dias denominados de *shiv'á nekiim*, após ter feito o *hefsec tahará*, fazendo dois exames internos diários, a partir do primeiro destes dias, um após o amanhecer e outro antes do pôr-do-sol.

4. Fazer a *tevilá* uma semana após o *hefsêc tahará*, depois do nascer das estrelas (se o *hefsec tahará* foi na segunda-feira antes do pôr-do-sol, deve-se fazer a *tevilá* na próxima segunda-feira após o nascer das estrelas, que pelo judaísmo já é noite de terça-feira).

De tudo o que foi anteriormente descrito e de outras análises que podemos fazer entre os mandamentos da *Torá* e recentes descobertas científicas, fica provada a autenticidade dos mandamentos da *Torá* e que com o passar do tempo, cada vez mais compreendemos o sentido destes mandamentos antes incompreensíveis.

Estas descobertas científicas são recentes, porém nossas bisavós, mesmo desconhecendo-as, praticavam os ensinamentos da *Torá* por confiarem no Todo-Poderoso. Ritchman e Adler são recentes, porém nossos sábios do *Talmud* já recomendavam estas atitudes com a maior naturalidade há dois mil anos atrás, quando ninguém sequer imaginava um fundamento científico para estes mandamentos.

O terceiro aspecto da pureza do lar que abordaremos aqui é o fato de como pode ser um benefício para o bem da vida conjugal, o fato de permanecerem intimamente separados durante este período.

Rabi Meir disse: “Por que a *Torá* diz que após a menstruação são necessários mais sete dias, e somente depois da imersão da mulher no *micvê* ela fica permitida a seu marido? Para que a vida íntima do casal não se torne uma rotina e venham a enfadar-se. Para que a noite de núpcias seja recordada pelo menos uma vez por mês e o casal possa sentir a aventura da primeira noite do casamento, renovando a cada mês a afetividade mútua que possuem”.

O Dr. Schussheim traz uma pesquisa feita nos Estados Unidos. Entre 100 casais normais, 35% das mulheres e 16% dos homens manifestaram falta de interesse em manter uma vida íntima; e 28% das mulheres e 10% dos homens manifestaram repúdio total ao ato íntimo. Isso vem justificar as palavras de Rabi Meir, que diz que esta *ahavá* (amor) deve ser renovada a cada mês. Resultados de pesquisas realizadas com mulheres judias e não judias só vêm comprovar o benefício

físico que traz a observância dos conceitos ditados pela *Torá*.

O Dr. M. Winberg, chefe da divisão de mulheres do Hospital Monte Sinai de Nova Iorque, escreve que durante treze anos (1893 - 1906) foram consultadas 19.800 mulheres, 18.810 judias e 990 não judias. Dentre as não judias consultadas, nove delas possuíam câncer no útero. Para surpresa dos pesquisadores, entre todas as judias também foram encontradas apenas nove que possuíam esta doença. Percentualmente, a incidência de câncer no útero foi vinte vezes menor entre as judias.

O Dr. Rubin ressalta que esta pesquisa nos traz apenas o resultado referente a câncer do útero, porém com relação a outras doenças semelhantes o resultado é análogo. Além disso, escreve que estes resultados verificam-se apenas quando as mulheres judias consultadas observam os conceitos judaicos de pureza do lar.

Estas idéias são apenas uma gota d'água no mar de tanto que há para ser dito sobre este assunto, porém nos dão uma noção da seriedade que devemos ter em relação à pureza do lar.

Não há nada mais moderno do que nossa sagrada *Torá*. D'us nos criou e sabe nossas necessidades biológicas. Por isso, nos deu elementos para que pudéssemos preservar a afinidade conjugal.

METSORÁ II / II מצורע

SHABAT HAGADOL

A *haftará* que costumamos ler no *Shabat Hagadol* (*Shabat* que antecede *Pêssach*) encontra-se no último capítulo dos *Neviim* (profeta *Malachi*). Vejamos qual a ligação existente entre esta *haftará* e *Pêssach*.

O trecho do *Tanach* escolhido para ser esta *haftará* aborda três assuntos: o dízimo, o estudo da *Torá* e a aparição de *Eliyáhu Hanavi* anunciando a vinda do *Mêlech Hamashiach*.

O dízimo

Esta é uma das *mitsvot* que visa o bem estar da sociedade. Devemos separar de nossos rendimentos uma parte, doando-a aos menos afortunados e às instituições religiosas. Apesar de que devemos cumprir as *mitsvot* da *Torá* sem visar recompensa e sem a intenção de testar o Todo-Poderoso sobre o Sua retribuição, o Profeta *Malachi* diz – em nome de D’us – que com relação ao dízimo podemos testá-Lo.

Na *Hagadá* de *Pêssach* recitamos: “*Col dichfin yetê veyechol*” – Quem estiver necessitado, que venha e coma... e

celebre o *Pêssach*. É obrigação das comunidades providenciarem com antecedência, para os necessitados, o que for necessário para a festa de *Pêssach*. Vemos, portanto, que *Pêssach* tem uma ligação direta com a *mitsvá* de *tsedacá* e é uma época adequada para colocarmos em dia nossas dívidas de *tsedacá*.

O estudo da *Torá*

Nessa *haftará*, o profeta diz: “Procurem a diferença entre aquele que é justo e aquele que não é; a diferença entre aquele que serve o Todo-Poderoso e aquele que não O serve” (Mal’achi 3:18). O *Talmud Chaguigá* questiona o motivo dessa repetição, pois o justo é aquele que serve o Todo-Poderoso e o não justo é o que não O serve. Responde o *Talmud*, que o indivíduo que fez a revisão de seus estudos cem vezes, não é igual àquele que o fez 101 vezes. Este último é chamado de “Servidor do Todo-Poderoso”.

Toda a finalidade do Êxodo do Egito foi de futuramente receber a *Torá* no Monte Sinai e por intermédio dela servir o Todo-Poderoso. Como Ele próprio disse a Moshê: “*Behotsiachá et haam Mimitsráyim taavdun et Haelokim al hahar hazê*” (Shemot 3:12). Entre as muitas *mitsvot* da *Torá* está a *mitsvá* de *Talmud Torá* – o estudo da *Torá*.

A *mitsvá* do estudo da *Torá* tem uma importância tão grande, que nossos sábios disseram que “*Talmud Torá kenêgued culam*” – esta *mitsvá* equivale a todas as outras *mitsvot*.

A aparição do profeta Eliyáhu

Este fato tem uma ligação direta com a libertação de nosso povo do Egito, pois a Redenção Futura, que virá por inter-

médio do *Mêlech Hamashiach* e anunciada por Eliyáhu *Hanavi* tem suas origens na redenção do Povo de Israel do Egito. Disseram nossos sábios no *Talmud*: “*Benissan nig`alu uvnissan atidim lehigael*” – Em *Nissan* foi a primeira redenção e em *Nissan* será a última redenção do povo, por intermédio do *Mashiach* – que venha prontamente em nossos dias.

Sobre a redenção por intermédio do *Mêlech Hamashiach*, consta no *Talmud*, que após o falecimento, ao chegar aos Céus e ao prestar contas perante o Tribunal Celeste, primeiramente serão feitas as seguintes três perguntas ao indivíduo:

- Se os seus negócios foram feitos com honestidade,
- Se dedicou um tempo diário para o estudo da *Torá*,
- Se esperou a Redenção por intermédio do *Mêlech Hamashiach*.

Aqui vemos a importância de conviver com a esperança de que o *Mashiach* virá a qualquer momento. E este é um dos 13 *icirim* – princípios da nossa fé prescritos pelo *Rambam* (Maimônides) *zt”l*.

Portanto, os três assuntos abordados nesta *haftará* têm ligação direta com a festa de *Pêssach*. Este é o tempo ideal para repor eventuais falhas nestes três aspectos.

ACHARÊ MOT / אַחַרֵי מוֹת

PARA MANTER ACESA NOSSA CHAMA ESPIRITUAL

Quando nos acostumamos com uma coisa ou com uma situação, por mais importante e elevada que seja, há sempre o perigo de que venhamos a desconsiderá-la pela força do hábito.

Nesta *parashá*, o Todo-Poderoso diz a Moshê para recomendar a seu irmão Aharon que não entre no *Côdesh Hacodashim* (o local mais sagrado do *Bêth Hamicdash*) com frequência. Aharon só entrava lá uma vez por ano e, conforme relato de nossos sábios, ele isolava-se completamente por sete dias antes de entrar no *Côdesh Hacodashim*, a fim de adquirir todas as qualidades espirituais necessárias para entrar em um lugar tão sagrado.

No livro do profeta Yechezkel (46: 9) há uma recomendação aos que visitavam o *Bêth Hamicdash* durante as festas, para que saíssem pela porta oposta à que entraram. Conforme a explicação de *Rabi Yaacov ben Tsevi zt"l* (*Yaavets*) em seu

comentário sobre o *Pirkê Avot*, o motivo desta recomendação, é para que não venhamos a confundir e ter a impressão de que as portas e paredes do *Bêt Hamicdash* são iguais às portas e paredes de nossas casas. Com este comportamento recomendado por D’us, por intermédio do profeta, o sentimento de importância e de valorização do *Bêt Hamicdash* não seria anulado pela rotina.

A rotina e o costume são alguns dos inimigos mais iminentes da elevação espiritual, porque no momento em que a chama espiritual se reacende, o hábito acaba por abalá-la não dando margem à elevação espiritual do ser humano. Devemos, portanto, lutar contra isso, utilizando-nos de certos procedimentos.

No *Pirkê Avot* nossos sábios recomendam: “*Hevê shotê batsamá et divrehem*” – Atente às palavras dos sábios com a mesma sofreguidão, que um indivíduo sedento bebe água. Isso porque quem tem a água sempre a seu alcance e bebe-a sem muita sede, não dá o devido valor. Porém, alguém que esteve no deserto sem poder saciar sua sede, agarraria esta água com avidez e saberia valorizá-la devidamente.

O mesmo acontece no plano espiritual. Durante todo o tempo em que estamos próximos dos sábios da *Torá* e ouvimos seus ensinamentos, não damos o devido valor. Por isso, nossos sábios nos recomendam que “bebamos” as palavras dos *chachamim* com “sede”, como se há algum tempo não as tivéssemos ouvido. Tudo isso para que o hábito não impeça nossa elevação espiritual.

Portanto, embora estejamos constantemente na sinagoga rezando e estudando *Torá*, temos de encontrar uma forma de encarar este estudo sempre como um fato novo, para que continuemos dando o devido respeito à sinagoga e para que nossa chama espiritual permaneça sempre acesa.

KEDOSHIM / קְדוּשִׁים

NÃO PRATICAR EXCESSOS

Logo no segundo versículo desta *parashá*, encontramos a seguinte determinação da *Torá*: “*Kedoshim tihyu*” – Santos sereis.

Ramban explica: Embora a *Torá* tenha nos permitido muitas coisas, como o vinho e a carne *casher*, muitas vezes as pessoas exageram seu consumo, dizendo: – Não há problema em exagerar, pois isso foi-me permitido pela *Torá*!

Sabe-se, no entanto, que o exagero ao beber vinho, por exemplo, pode causar sérios danos ao indivíduo e a seus familiares. Por isso, quando a *Torá* nos diz “*Kedoshim tihyu*”, quer nos ensinar: Santifica-te mesmo com as coisas que a *Torá* te permitiu, pois o excesso destas coisas não é recomendável.

O versículo “*Ki taassê hatov vehayashar beenê Hashem Elokêcha*” (Devarim 12:28) – E farás o correto e o bem aos olhos do Todo-Poderoso tem estreita ligação com o que foi mencionado acima: Nossos sábios explicam, que o termo

“*hayashar*” (o correto) é uma referência que o ser humano deve possuir virtudes e deve afastar-se ao máximo dos vícios e do mau temperamento, enquanto “*hatov*” (o bem) é uma referência ao “*Kedoshim tihyu*” citado acima – não exagerar até mesmo naquilo que é permitido.

O primeiro livro da *Torá* (*Bereshit*) é também denominado de “*Sêfer Hayashar*” – Livro do Correto, pois neste livro são citadas passagens das vidas dos nossos três patriarcas (Avraham, Yitschac e Yaacov) que também são denominados de *Yesharim* (corretos) pelos seus atos e principalmente pela sua formação moral e espiritual. Em suas épocas, a *Torá* ainda não havia sido outorgada e, portanto, eles não possuíam um guia específico. Muitas das pessoas com que conviveram não possuíam boa formação, como é o caso do próprio pai de Avraham – Têrach – que era idólatra. Avraham lutou muito contra este e outros conceitos errados que persistiam em sua geração.

O mesmo ocorreu com Yitschac, que teve de conviver com Yishmael e cuidar-se para não ser influenciado por seu mau comportamento.

Yaacov teve de conviver com seu irmão Essav e posteriormente com seu tio e sogro Lavan, homem sem escrúpulos, que não tinha o mínimo de requisitos morais e éticos necessários ao ser humano.

Nossos *avot* (patriarcas) formaram com seus próprias esforços seus atributos morais, éticos e de fé, que ficaram marcados na história e gravados no Livro dos livros como exemplo para todos nós.

No *Pirkê Avot*, nossos mestres dizem: “*Hakin’á vehataavá vehacavod motsiim et haadam min haolam*” – A inveja, o desejo material e a busca pela honra tiram o indivíduo do mundo.

Em *Bereshit* encontramos exemplos destes vícios, como o de Cáyin que matou seu irmão ao ver que sua oferenda não fora aceita pelo Todo-Poderoso e que a de seu irmão sim foi aceita. Isso despertou tamanha inveja em Cáyin, que chegou ao ponto de assassinar seu próprio irmão (Bereshit 4:5-8).

A geração do *mabul* (dilúvio) chegou ao extremo em busca de desejos materiais e físicos, ao ponto de o Todo-Poderoso não ter outra alternativa a não ser destruir toda uma geração, preservando apenas Nôah, sua família e os animais necessários para a continuidade da humanidade.

A geração da Torre de Babel (*Dor Hapelagá*) pretendia construir uma torre cujo topo chegasse aos Céus. Conforme o relato na *Torá*, os homens daquela geração disseram uns aos outros: “Edifiquemos para nós cidade e torre, e que seu topo chegue aos Céus, e faremos para nós fama” (Bereshit 11:4). Portanto, o real motivo desta obra foi a corrida pelo *cavod*, pela honra, pelo prestígio, pela fama e pelas más qualidades, que atingiram várias pessoas da época.

Já que a boa qualidade moral, o afastamento dos vícios como a inveja, o orgulho e a raiva, e saber dosar nossas atitudes mesmo naquilo que nos é permitido é de tão grande importância, por que não estão incluídos no conjunto das 613 *mitsvot*? O Rabi Chayim Vital *zt”l*, discípulo do Haari *zt”l* nos

responde a esta pergunta (em seu livro *Shaarê Kedushá*) dizendo, que estes princípios são um pré-requisito para a *Torá*. Devemos observar estes princípios para formarmos nossos atributos morais e éticos e aí começar a cumprir as 613 *mitsvot* da *Torá*.

EMOR / אמור

YERÊ SHAMÁYIM EM POTENCIAL

Encontramos no início desta *parashá* um termo aparentemente repetido. O primeiro versículo diz: “*Emor el hachohanim veamartá alehem*” – **Dize** aos sacerdotes e lhes **dirás**. Se já está escrito “*emor*”, por que então dizer novamente “*veamartá*”? *Rashi* nos diz que esta repetição vem nos ensinar a responsabilidade dos adultos para com as crianças: “*Lehazhir hagedolim al haketanim*”. Ou seja: Dize aos *cohanim* (estas leis) e lhes dirás (para passarem-nas adiante, aos menores).

Também o Rei David escreve no *Tehilim*: “*Yevarech yir’ê Hashem haketanim im hagedolim*” (Tehilim 115:13) – Que sejam abençoados os que temem o Todo-Poderoso – os pequenos e os adultos. Cabe-nos perguntar como é possível denominar as crianças de “*yir’ê Hashem*” (tementes a D’us) se este termo é dado somente àqueles que passaram anos e anos de sua

vida dedicando-se ao estudo da *Torá* e do *mussar*, a fim de formarem conceitos e cosmovisão corretos da *Torá* e de seus preceitos, cumprindo-os à risca com convicção e dedicação.

Antes da resposta, analisemos o termo *yarê*, onde a própria *Torá* o utiliza. Na sétima praga enviada aos egípcios, a praga do granizo (Bereshit 17:21), o Todo-Poderoso advertiu ao Faraó para que avisasse a seu povo que recolhessem todo o seu gado dos campos – pois tudo o que se encontrasse no campo seria atingido pela praga. A *Torá* nos conta, que quem temeu a palavra do Eterno dentre os servos do Faraó, recolheu as pessoas e os animais: “*Hayarê et devar Hashem meavdê Par’ô henis et avadav veet micnêhu el habatim*”. Aquele que não pôs em seu coração, isto é, não deu atenção à palavra do Eterno, deixou seus servos e seu gado no campo: “*Vaasher lô sam libô el devar Hashem*”. Vemos que a *Torá* referiu-se aos que recolheram seu gado como “*Hayarê et devar Hashem*” – Aquele que teme a palavra do Eterno. Em vez de referir-se àqueles que não recolheram como “os que não temem a palavra do Eterno”, diz “os que não deram atenção”. Concluimos, que para chegar a *Yir’at Shamáyim* – temor a D’us – é necessário *Simat Lev* – atenção, pois sem esta aplicação cuidadosa da mente não se chega a *Yir’at Shamáyim*.

Vemos que *Yir’at Shamáyim* é algo ativo; é necessário estudo e concentração para chegar-se a este nível. A falta de *Yir’at Shamáyim*, por outro lado, é algo passivo, pois se o indivíduo tivesse se dedicado e se aprofundado nos conceitos de judaísmo e de seus preceitos, certamente chegaria a ser

Yerê Shamáyim. Chegamos, portanto, à questão de como o Rei David pôde ter denominado as crianças de *Yerê Shamáyim*.

Podemos esclarecer esta pergunta citando a penúltima *mitsvá* da *Torá*, citada na *Parashat Vayêlech*: “*Mikêts sheva shanim bemoed shenat hashemitá bechag hassucot, bevô col Yisrael... hak’hel et haam, haanashim vehanashim vehataf...*” (Devarim 31:10-12) – No ano posterior ao ano sabático, na festa de *Sucot*, reúna os homens, as mulheres e as crianças, a fim de que ouçam a leitura da *Torá*. O *Talmud* em *Chaguigá* diz que os homens vêm estudar, as mulheres vêm ouvir esta leitura, mas por que trazer as crianças?

Diz o *Talmud*: A fim de recompensar os pais que os trazem (pelo início de uma boa educação que estão dando). O *Talmud* continua dizendo que quando *Rabi Yehoshua* ouviu esta explicação, chamou-a de “pedra preciosa”. *Rabi Yehoshua* entendeu, que ao trazerem as crianças desde a mais tenra idade para o *Bêt Hamicdash*, elas ficavam atentas em relação ao comportamento dos adultos no *Bêt Hamicdash* e viam com que seriedade e *Yir’at Shamáyim* a *Torá* era lida. Ao verem o enorme aglomerado de pessoas, todas unidas com uma só finalidade – a leitura da *Torá* – isto influenciava positivamente as crianças e fazia com que desde pequenas valorizassem a *Torá* e suas *mitsvot*.

Uma criança que é educada desta forma, com seus pais procurando dar-lhe uma visão correta da *Torá* desde a infância e um modo de vida adequado, quando crescer poderá seguir o exemplo dos adultos no cumprimento da *Torá*.

Fica esclarecido então o que foi citado pelo Rei David: “*Yevarech Yir’ê Hashem haketanim im hagedolim*”. Esta criança é, portanto, um *Yar’ê Shamáyim* em potencial.

Baseado nos livros Hamussar Vehadáat e Guevilê Esh

BEHAR / בהר

O MOTIVO DO CUMPRIMENTO DAS MITSVOT

Esta *parashá* inicia com o *passuc*: “*Vaydaber Hashem el Moshê behar Sinay lemor*” (Vayicrá 25:1) – E falou o Eterno a Moisés no Monte Sinai dizendo. Em seguida relata sobre o ano de *shemitá* (ano sabático).

O exegeta clássico da *Torá*, Rashi, ao perceber que em princípio as palavras “no Monte Sinai” são supérfluas – uma vez que todas as *mitsvot* nos foram dadas no Monte Sinai – traz o *Midrash* “*Torat Cohanim*”. Este nos explica que da mesma forma, que todos os detalhes e minúcias da lei do ano de *shemitá* nos foram dados no Monte Sinai, assim também os detalhes de todas as outras leis nos foram transmitidos no Monte Sinai.

Ao abordar este *midrash* citado por Rashi, o rabino Moshê Feinstein *zt”l* nos diz em seu livro *Darash Moshê*, que as palavras “*behar Sinay*” – citadas no início da *parashá* – vêm nos ensinar, que a obrigação do cumprimento de todas as *mitsvot* da

Torá está no fato de elas terem sido ordenadas por D’us no Monte Sinai. Mesmo as *mitsvot* que já haviam sido reveladas antes de serem transmitidas no Monte Sinai – como a *mitsvá* do *berit milá*, a de não comer o nervo ciático e outras, citadas por Rashi em *Parashat Beshalach* sobre o versículo: “*Sham sam lo choc umishpat vesham nissahu*” (Shemot 15:25) – ganharam novo sentido e força ao serem lá transmitidas.

Também as sete *mitsvot* que foram dadas aos *Benê Nôach* (termo atribuído pela *Torá* aos outros povos), as quais lhes garante o “*Olam Habá*”, devem ser cumpridas por eles pelo fato de terem sido ordenadas na *Torá* por intermédio de Mo-shê. Caso eles as cumprirem somente por serem algo lógico e compreensível, não estarão incluídos entre os “*Chassidê Umot Haolam*” – os justos dos outros povos (Rambam, *Hilchot Melachim* 8:11).

Não seria o mesmo, se as *mitsvot* não houvessem sido transmitidas por D’us no Monte Sinai por intermédio de Mo-shê. É isso que nos garante a continuidade do seu cumprimento nas gerações que estão por vir. Prova disso, é que não houve continuidade nas famílias dos inúmeros discípulos da *yeshivá* de Shem e Êver (antes da Outorga da *Torá* no *Har Sinay*).

Não é correto cumprirmos as *mitsvot* por acharmos que elas sejam lógicas ou por serem saudáveis. Cumprimos as *mitsvot* pelo fato de terem sido transmitidas por D’us. A consequência deste procedimento errado é que quando nem todos entenderem o motivo e a razão das *mitsvot*, elas passarão a não ser mais cumpridas.

Quando cumprimos as *mitsvot* unicamente por terem sido transmitidas por D’us, para que se faça Sua Vontade, temos a garantia de sua continuação nas gerações futuras. Isso nossos olhos assistem há mais de 3000 anos; desde a Outorga da *Torá*. O judaísmo vivo e crescente vem sendo transmitido de pais para filhos em todas as gerações, até mesmo em comunidades que foram obrigadas a abandonar seus países de origem no decorrer das diásporas. Reorganizaram-se e reergueram-se em outros lugares, sempre dentro do espírito da *Torá* e graças a sua fé absoluta no Todo-Poderoso.

Esta idéia, que devemos cumprir as *mitsvot* pelo fato de terem sido transmitidas por D’us no Monte Sinai independentemente de seu sentido lógico, nos é transmitida pela *mitsvá* de *shemitá*. Em princípio, depois de seis anos de cultivo e plantação, não há lógica para deixar a terra descansar durante um ano inteiro e abandoná-la a quem queira usufruir de seus frutos. Conforme consta na *Torá*: “*Vetsiviti et birchati la-chem bashaná hashishit veassat et hatevuá lishlosh hashanim*” (Vayicrá 25:21) – E mandarei a vocês minha bênção no sexto ano, quando produzirá o suficiente para três anos (para o sexto, o sétimo e o oitavo). Fica evidente então, que isso só é possível, porque o Criador assim ordenou e nossa fé Nele nos faz acreditar que mandará sua bênção.

Portanto, da *mitsvá* de *shemitá*, aprendemos a lição para todas as outras *mitsvot*: que o principal motivo por cumprimos as *mitsvot* não é a lógica e a razão do ser humano, mas sim o fato de terem sido ordenadas pelo Todo-Poderoso.

BECHUCOTAY / בחקותי

FORTALECER-SE CONSTANTEMENTE

No início desta *parashá*, o *Midrash Rabá* traz o versículo do *Tehilim*: “*Chishavti derachay vaashiva raglay el edotêcha*” (Tehilim 119:59) – Ponderei meus caminhos e fiz retornarem meus pés a Teus testemunhos. O Rei David costumava refletir freqüentemente e chegava à conclusão de que o caminho correto é o da *Torá* e suas *mitsvot*. Ele dizia: “Todos os dias eu digo que irei a algum lugar e no entanto meus pés me levam para os *batê kenesset* e *batê midrash*.” O Rei David também meditava sobre a recompensa que a *Torá* promete pelo cumprimento das *mitsvot* e o prejuízo causado por contradizer o Todo-Poderoso e Seus preceitos.

Uma vez que David Hamêlech possuía um nível espiritual sublime e estava convicto de que servir o Todo-Poderoso, seguindo Sua *Torá* e Seus preceitos, é o ideal para a vida e que é por essa razão que as almas são enviadas para a Terra, qual o

motivo, então, da necessidade de repetir diversas vezes o despertar desta convicção, por meio das reflexões citadas?

Nós sabemos que a recompensa pelo cumprimento das *mitsvot* está reservada para o Mundo Vindouro. Neste mundo não há retribuição pelo cumprimento das *mitsvot*, conforme consta em *Kidushin* (39b): “*Sechar mitsvá behay alma léica*” – Não há recompensa para as *mitsvot* neste mundo.

Em *Hilchot Teshuvá* (cap. 9 par. 1), Rambam nos diz que se cumprirmos a *Torá* com alegria e meditarmos sobre sua sabedoria sempre, o Criador nos livrará dos acontecimentos que nos impedem de cumpri-la, como as doenças, a guerra e a fome. Ele também explica que *Hashem* nos dará em abundância todos os bens materiais como fartura, paz e opulência cumprindo-se, dessa forma as promessas da *Torá*, para que não tenhamos que nos ocupar todo o tempo com as necessidades materiais. Dessa maneira, teremos tempo livre para estudar a *Torá* com afinco e cumprir as *mitsvot*, para que possamos receber a verdadeira recompensa – o *Olam Habá* (Mundo Vindouro).

Nossos sábios disseram no *Pirkê Avot* (4:2): “*Sechar mitsvá, mitsvá*” – a recompensa por uma *mitsvá* é outra *mitsvá*. Quando cumprimos uma *mitsvá*, o Todo-Poderoso nos dá a oportunidade de cumprir outra. Com o acúmulo das *mitsvot*, o indivíduo cria seu “capital espiritual” e é por conta deste capital, que recebe o que lhe é de direito no *Olam Habá*.

A *mitsvá* é algo espiritual e o que é espiritual não pode ser pago com algo material, pois não há valor monetário, que pos-

sa remunerar uma *mitsvá*. Ela possui um valor ilimitado e eterno, o que não acontece com os valores materiais, que são limitados.

Os valores espirituais são eternos, mas são abstratos – não enxergamos e não podemos tocar. Já os valores materiais são concretos e palpáveis. Isso faz com que seja difícil assimilar. Estamos mais acostumados com o concreto. É por isso, que o rei David fazia constantemente os cálculos da recompensa pelas *mitsvot* e dos danos espirituais causados pelos pecados. Para não perder a verdadeira noção do que é mais valioso, do objetivo de nossas vidas.

Se alguém como o rei David, tão convicto dos ideais da *Torá* e suas *mitsvot*, necessitava fazer este balanço constantemente, muito mais nós, temos necessidade de fortalecer nossa visão espiritual. Precisamos passar a sentir que os valores espirituais são absolutos e que não podem e não devem ser trocados por valores limitados e passageiros.

Sobre isso, disseram nossos sábios (Berachot 32): “*Arbaá tserichim chizuk: Torá, maassim tovim, tefilá vederech êrets*” – são quatro os que necessitam de fortalecimento: o estudo da *Torá*, as boas ações, o nível de orações e a boa educação.

Sobre a palavra *chizuc* desta passagem, *Rashi* comenta, que este fortalecimento deve ser constante e com todas as nossas energias. Da mesma forma, que um profissional necessita aprimorar-se e atualizar-se em seu ofício para poder exercê-lo com a devida competência, assim também acontece

com o estudo da *Torá*, com o cumprimento das *mitsvot*, com a *tefilá* e como nossa educação. Estes devem ser fortalecidos constantemente, para que possamos nos manter sempre em um nível espiritual elevado.

Por isso, nossas orações devem ser feitas sempre com compenetração e concentração, já que estamos servindo ao *Mêlech Malchê Hamelachim* – Rei dos reis, e a cada vez que Seu Nome for citado na *tefilá*, deve ser feito com a devida atenção.

במדבר

BAMIDBAR

BAMIDBAR / במדבר

NÃO SE DEIXAR ENVOLVER PELO AMBIENTE

A *Torá* nos relata nesta *parashá* (Bamidbar 3:12) que após o pecado do bezerro de ouro, o Criador escolheu a tribo de *Levi* em substituição aos primogênitos, para servir ao Todo-Poderoso no *Mishcan* e no *Bêt Hamicdash*. A partir desse acontecimento, a tribo de *Levi*, que se subdivide em *cohanim* e *leviim*, passou a ter este privilégio para sempre. Os *cohanim* e *leviim* serviram no *Mishcan* (Tabernáculo), no Primeiro e no Segundo *Bêt Hamicdash*, e trabalharão no Terceiro, que, esperamos seja construído brevemente em nossos dias.

Os *cohanim* e *leviim* possuíam as responsabilidades do Templo, bem como atendiam todas as pessoas que traziam seus *corbanot* – oferendas.

Analisemos qual foi o mérito pelo qual a tribo de *Levi* se fez merecedora deste nobre encargo.

Após o Êxodo do Egito, o povo de Israel cometeu o terrí-

vel erro do bezerro de ouro. Conforme explica o Rashi, a tribo de Levi manteve-se alheia ao pecado, não praticando esta falta que contagiou o povo.

Consta que, quando Moshê desceu do Monte Sinai e viu o que estava acontecendo, perguntou ao povo: “*Mi Lashem elay*” (Shemot 32:26) – Aqueles que querem permanecer fiéis a D’us que se aproximem de mim, e a resposta positiva foi somente da tribo de Levi: “*Vayeesefu elav col benê Levi*” – E juntaram-se a ele todos os filhos de Levi.

Antes de comentarmos esta resposta de Rashi, vejamos outros dados sobre esta tribo.

Levi era o terceito filho de Yaacov e é dele que a tão honrada tribo de Levi descende. Nossos sábios chamam a atenção sobre um fato ligado a este filho de Yaacov. Quando do nascimento dos dois primeiros filhos de Yaacov, Reuven e Shim’on, como também mais tarde, dos demais filhos, foi a mãe quem deu o nome a eles, como narra a *Torá* a cada nascimento: “*Vaticrá shemô...*” – e ela o chamou com o nome de ... Porém quanto ao nome de Levi, a linguagem usada pela *Torá* foi: “*Al ken cará shemô Levi*” (Bereshit 29:4) – Assim, foi chamado de Levi. Portanto, sobre Levi não consta que sua mãe o chamou de Levi, mas que ele “foi chamado” de Levi. Mas quem o denominou assim?

Trazendo o comentário do *Midrash Rabá*, Rashi nos conta que Levi teve a exclusividade de ser denominado pelo anjo Gavriel, enviado especialmente pelo Todo-Poderoso para esse fim. Portanto, desde o início Levi recebeu uma

atenção toda especial.

Rambam, em seu livro *Mishnê Torá*, em *Hilchot Avodá Zará* (cap. 1 par. 3), escreve que Yaacov ensinou a *Torá* e seus preceitos a todos os seus filhos. Yaacov também escolheu especialmente Levi como responsável pela transmissão da *Torá* para as novas gerações. Ordenou a ele que o estudo da *Torá* nunca fosse interrompido por seus descendentes para que ela não fosse esquecida. Assim, o conhecimento da *Torá* foi aumentando e formou-se uma nação que reconhecia a existência Divina e Seus mandamentos.

Entretanto, os anos de escravidão dos Filhos de Israel no Egito prolongaram-se e eles começaram a assimilar costumes egípcios, ao ponto de praticar a idolatria daquele povo. A exceção ficou com a tribo de Levi, que permaneceu fiel aos ensinamentos dos patriarcas Avraham, Yitschac e Yaacov, jamais tendo praticado a idolatria.

Por pouco, os princípios de Avraham não desapareceram do resto do povo e os filhos de Yaacov não voltaram aos tempos da época anterior a Avraham.

Como o Todo-Poderoso zela pelo Povo de Israel, mandou Seu emissário especial, Moshê *Rabênu*, *alav hashalom*, e cumpriu a promessa feita a Avraham *Avínu*. *Hashem* escolheu o Povo de Israel, coroou-o com as *mitsvot* e instruiu-o no caminho de servi-Lo. Assim ficou descartada a hipótese de que os descendentes de Yaacov voltassem à época anterior a Avraham.

Sobre a escolha dos descendentes de Levi para substituírem os primogênitos no serviço sagrado dos Templos, cabe-

nos perguntar por que eles tiveram este mérito por uma atitude aparentemente normal. Poderíamos dizer que eles simplesmente não fizeram mais do que sua obrigação ao não adorarem o bezerro de ouro, pois o mínimo que se exige de alguém, seguidor dos princípios da *Torá*, é que não cometa o pecado da idolatria.

O que realmente caracterizou a atitude tomada por esta tribo, foi o fato de não terem se envolvido num erro que abrangeu toda a comunidade. Foi por isso que o Todo-Poderoso confiou à tribo de Levi o serviço dos Templos. Estava comprovado que era uma tribo imbuída de profunda responsabilidade e que não se deixava envolver. A ela, portanto, cabia confiar o que há de mais sagrado.

Assim também, todo indivíduo que souber manter o equilíbrio, o bom senso e a visão correta nos momentos em que os erros e os desajustes espirituais tomarem conta do meio ambiente em que vive, será merecedor da confiança e de uma proximidade especial do Criador.

SHAVUOT / שבועות

OS MANDAMENTOS DA TORÁ

O *Talmud Macot* (23b) nos relata em nome do *Rabi Simlay*, que 613 *mitsvot* foram ditas a Moshê no Monte Sinai, das quais 248 *mitsvot* são *assê* (ativas) e 365 *mitsvot* são *lô taassê* (passivas).

As 248 *mitsvot assê* são paralelas aos 248 órgãos do corpo do ser humano e *Rashi* acrescenta que, cada um desses órgãos ordena o indivíduo a cumprir as *mitsvot*. As 365 *mitsvot lô taassê* são comparadas aos 365 dias do ano solar e *Rashi* acrescenta que, a cada dia o indivíduo é advertido para não transgredir as *mitsvot*.

O *Talmud* conclui, em nome de *Rav Hamnuna*, que o versículo (Devarim 33:4): “*Torá tsivá lánu Moshê morashá kehilat Yaacov*” nos ensina quantas *mitsvot* a *Torá* possui.

A soma do valor numérico de cada letra da palavra *Torá* é 611. Ou seja, 611 (mandamentos) nos ordenou Moshê – 611 mandamentos nos foram ordenados por intermédio de Moshê. Dois mandamentos nos foram ordenados diretamente por D’us

no Monte Sinai: “Eu sou teu D’us, Que te tirou do Egito” e “Não terás outros deuses perante Mim”), somando assim 613.

Nossos sábios dizem que as *mitsvot* se dividem em dois grupos: *mitsvot ben adam Lamacom* (mandamentos entre o homem e o Criador) e *mitsvot ben adam lachaverô* (entre o homem e seu semelhante).

No caso dos Dez Mandamentos, na primeira tábua há cinco – que são mandamentos entre o indivíduo e seu Criador – e na segunda tábua estão os outros cinco – que são mandamentos entre o indivíduo e seu semelhante.

1. Eu sou teu D’us Que te tirou do Egito.
2. Não terás outros deuses perante Mim.
3. Não pronunciarás o nome de D’us em vão.
4. Recorda-te do *Shabat* para santificá-lo.
5. Honrarás teu pai e tua mãe.
6. Não matarás.
7. Não adulterarás.
8. Não seqüestrarás.
9. Não prestarás falso testemunho.
10. Não cobiçarás.

Embora o quinto pareça pertencer ao grupo de mandamentos entre o indivíduo e seu semelhante, o *Talmud Kidushin* (30b) nos explica, que cada criatura que vem ao mundo, precisa da colaboração de três sócios: seu pai, sua mãe e D’us.

Para o Criador, quando os filhos honram seus pais, é como se estivessem honrando o Próprio D’us e é como se Ele Próprio estivesse morando junto com esta família. Por isso, este

mandamento faz parte dos mandamentos entre o indivíduo e seu Criador.

Os Dez Mandamentos foram divididos por D'us em dois grupos, para nos mostrar que as *mitsvot* entre o indivíduo e Seu Criador e as *mitsvot* entre o indivíduo e seu semelhante tem o mesmo valor. Portanto, não fica a critério do ser humano a escolha do que deve ou não cumprir.

O indivíduo não pode achar que é suficiente ser íntegro com o Criador e não respeitar as *mitsvot* ligadas com o próximo. Também o contrário é válido: não basta o indivíduo ser íntegro com o próximo e não obedecer às *mitsvot* ligadas a seu Criador, como o cumprimento do *Shabat*, da alimentação *casher*, da pureza do lar, da colocação das *tefilin*, etc.

Alguns de nossos livros sagrados como o *Mechilta*, o Meiri em seu prefácio ao *Sêder Zeraim* e o *Keli Yacar* na *parashat* Yitrô abordam o fato de os Dez Mandamentos terem sido escritos em duas tábuas e não somente em uma. Trazemos aqui, um pequeno resumo das idéias que estes livros sagrados expõem.

A idéia básica é que existe uma ligação entre os mandamentos da primeira tábua com os da segunda e por isso estão um defronte ao outro.

O vínculo entre o primeiro mandamento – “Eu sou teu D'us Que te tirou do Egito” – e o sexto – “Não matarás” – é que o homem foi criado à imagem de D'us, conforme consta no versículo: “*Ki betselem Elokim assá et haadam*” (Bereshit 1:27) – À imagem de D'us foi criado o homem. Por isso,

se o homem ferir seu semelhante, estará ferindo a imagem de D’us.

Cabe aqui uma observação. Sabemos que um dos fundamentos do judaísmo é que D’us não tem forma, não tem corpo, nem algo semelhante a isso. Porém, muitas vezes a *Torá* descreve os atos de D’us utilizando-se de catacrese (uso de um termo figurado por falta de termo próprio), para que possamos entendê-los melhor, como por exemplo: “À imagem de D’us foi criado o homem” ou “Tua direita, Eterno, é poderosa em força”.

O segundo mandamento – “Não terás outros deuses perante Mim” – está ligado ao sétimo – “Não adulterarás” – pois o adultério acarreta a idolatria, como no episódio de *Shitim*, onde os jovens de Israel foram incitados pelas moças de Moav a cultuar seus ídolos.

Nossos sábios dizem que quem rouba ou seqüestra, não teme jurar em falso. Por isso, o terceiro mandamento – “Não pronunciarás o nome de D’us em vão” – está ligado ao oitavo – “Não roubarás”.

Sabemos que, por intermédio do quarto mandamento, pelo cuidado de não transgredir as leis ligadas ao *Shabat*, testemunhamos que D’us criou o mundo em seis dias e que no sétimo absteve-Se de criar. Da mesma forma que somos ordenados a não prestar falso testemunho sobre o próximo – o nono mandamento – com mais razão não devemos fazê-lo em relação ao nosso Criador.

O quinto mandamento – “Honrarás teu pai e tua mãe” está

relacionado com o décimo – “Não cobiçarás”. Da mesma forma que não cobiçamos ter outros pais, por ser fisicamente impossível – embora acreditemos que hajam pais melhores que os nossos em certos aspectos – assim deve ser nosso critério com relação aos pertences de nossos semelhantes.

Nossos sábios perguntam, sobre o mandamento de “Não cobiçarás”, como a *Torá* pode nos ordenar algo exclusivamente ligado aos nossos sentimentos e emoções? Como podemos ter controle sobre isso? O Ibn Ezra, em *Parashat Yitrô* nos diz, que um camponês sequer imagina poder casar-se com a filha do rei, porque as diferenças existentes entre ele e a família real são imensas, fazendo-o descartar totalmente esta possibilidade. Devemos encarar a esposa do próximo dessa mesma forma, como se fôssemos camponeses e ela pertencente a uma família real, totalmente inacessível.

Assim também com as posses do próximo. Se D’us concede algo a alguém, é sinal de que ele merece e cabe a nós abençoá-lo para que D’us lhe dê sempre do bom e do melhor, “*yossef Hashem alechem elef peamim*”.

Quando o Todo-Poderoso percebe que nosso comportamento com relação às posses de nossos semelhantes é de *Áyin Tová* (olho positivo, bem-querer), nos abençoa e nos beneficia também, pois tudo pertence a Ele – “*Li hakêssef veli hazahav neum Hashem*” (Hagay 2:8) – A Mim pertence a prata e o ouro.

MEGUILAT RUT / מגלת רות

A AUTÊNTICA FORÇA DE VONTADE

É costume do Povo de Israel ler a *Meguilat Rut* no *Chag Hashavuot*, e tudo aquilo que é costume de nossos sábios e antepassados, tem muito a nos ensinar. Os costumes nos ensinam a essência da verdade e a compenetrarmo-nos no temor a D'us.

A *Meguilat Rut* nos conta sobre uma família judia (de nome Efratim) muito respeitada pelo povo e possuidora de muitos bens materiais. Esta família sai da Terra de Israel por conta de uma fome que assolou a região. Perdem toda sua riqueza, descem de sua respeitada posição e sobrevivem a pobreza, doenças e mortes. Morrem o chefe da família e seus dois filhos. Após todas estas desgraças, remanesceram somente a matriarca viúva (Naomi) desprovida de tudo e suas duas noras, Rut e Orpá.

Sua situação era tão precária, que ao regressar a sua terra

natal, Bêt Lechem, causou grande assombro aos moradores da cidade, que exclamaram: “Será que esta é Naomi?! Ao que ela respondia com tristeza: “Chamem-me de Mará (amargura), pois o Eterno me amargurou ao extremo”.

Naomi disse a suas noras que a abandonassem e voltassem a suas respectivas famílias. Rut se recusou, acompanhando-a de volta à Terra de Israel. Por intermédio dos duros e penosos males que a atingiram, Rut acabou por se aproximar de Boaz, casando-se com ele e dando origem, assim, a David, Shelomô e o futuro redentor, *Mêlech Hamashiach*.

No fim do texto da *Meguilá*, encontramos que após a recuperação de Naomi e retomada de sua posição, suas vizinhas manifestaram-se da seguinte forma: “*Vaticrêna lo hashechenot shem lemor yulad ben Lenaomi, vaticrêna she-mô Oved, hu avi Ishay avi David*” (4:17) – E chamaram-no (ao filho de Rut) as vizinhas dizendo: ‘Nasceu um filho a Naomi’. E lhe deram o nome de Oved, que foi o pai de Ishay, pai de David.

Estes surpreendentes acontecimentos nos ensinam, que devemos sempre ter fé no Criador, o Bom, Que faz a bondade com todos, rebaixa e eleva suas criaturas.

A *Meguilá* nos ensina um princípio básico – o poder da autêntica força de vontade. Rut *hamoaviyá* vinha de um povo sobre o qual a *Torá* diz: “*Lô yavô amoni umoavi bikhal Hashem*” – Não virá um (homem) amonita e um moabita à congregação de Israel. Contudo, como a força de vontade de Rut era autêntica, ela aproximou-se da *Torá*, aceitou-a, chegando a

ser a fundadora da dinastia real da Casa de David – tornando-se a mãe do reino de Israel.

Aprendemos, então, que as portas dos níveis espirituais mais elevados estão abertas para quem queira, realmente e com autenticidade, chegar a elas.

Devemos saber também, entretanto, que nem todas as forças de vontade são iguais e têm o mesmo poder. A outra nora de Naomi, Orpá, no princípio demonstrou os mesmos sinais de Rut, querendo se aproximar de sua sogra e por conseguinte dos níveis espirituais da *Torá* e das *mitsvot*. Em determinado momento, não conseguiu manter-se constante e acabou por separar-se de Naomi. De sua descendência, nasceu Golyat, o filisteu.

A autêntica força de vontade é colocada em prova por meio de três elementos:

- O sacrifício que o indivíduo está disposto a fazer.
- A constância por meio da qual a força de vontade se concretiza.
- A pureza da intenção, sem interesses pessoais.

O sacrifício a que Rut estava disposta a se submeter, fica comprovado quando ela diz a Naomi: “*Baasher tamuti amut vesham ecaver*” (Rut 1:17) – Onde você morrer eu também morrerei e lá serei enterrada.

A sua constância é percebida pelo fato de Rut acompanhar Naomi em todo o seu caminho, mesmo que este era precário: “*Vaterê ki mit’ametsset hi lalechet imá*” – E viu (Naomi) que ela (Rut) esforçava-se em acompanhá-la.

A pureza de sua intenção, sem interesses pessoais, é a pedra fundamental no comportamento de Rut.

Força de vontade impetuosa, constante e pura, é a base natural de resultados elevadíssimos. Por isso, Rut teve o mérito de, por seu intermédio, fazer raiar a luz do *Mashiach*.

A *Meguilat Rut* é lida no dia de *Shavuot* – o dia da Outorga da *Torá*. Esta oportunidade é propícia para que os corações sejam despertados no propósito e na direção da força de vontade autêntica e constante, pois somente por meio destes elementos básicos, poderemos ser coroados com a *Torá*.

Um outro aspecto fundamental da *Meguilá* é o atributo de *chêssed* (bondade, caridade), relatado no desenrolar da história – a bondade que Rut fez com Naomi, ao não abandoná-la e a bondade que Boaz fez com Rut, ao se casar com ela.

Este atributo é nossa herança desde Avraham *Avínu*. O primeiro dos monoteístas e dos servidores do Eterno com amor e dedicação, era também uma perfeição na virtude de *chêssed*, pela bondade com que se conduzia.

Esta virtude é de grande valia, e quanto mais o indivíduo a pratica, mais se libera do egoísmo e se aproxima do Criador e de seus mandamentos de forma autêntica.

O grande Rabino Hachidá (*Rabi Chayim Yossef David Azulay zt"l*), em sua introdução à *Meguilat Rut* escreve, que um outro motivo pelo qual esta leitura deve ser feita em *Shavuot*, é porque a *Torá* é toda *Guemilut Chêssed* (caridade) e Rut mereceu todo o respeito por ter-se comportado com esta virtude para com sua sogra Naomi. Portanto, é correto que

neste dia, em que *Benê Yisrael* recorda e faz renascer a Outorga da *Torá*, seja lida esta *Meguilá*, para que seus corações sejam despertados para o estudo da *Torá* e para que se conduzam conforme esta virtude.

No *Talmud* consta que a *Torá* inicia com *Guemilut Chêssed* (Bereshit 3:21) – “E fez o Eterno D’us para o homem e para sua mulher túnicas de pele e os fez vestir” e termina também com *Guemilut Chêssed* (Devarim 34:6) – “E sepultou-o (Moshê) no vale”.

Bem-aventurados *Benê Yisrael*, que quando fazem prática da *Torá* e de *Guemilut Chêssed*, não são entregues aos seus instintos, mas sim seus instintos são entregues em suas mãos – dominam seus instintos e não são dominados por eles.

Resumo do enfoque abordado na *Meguilá*:

1. A fé na Providência Divina – D’us rebaixa os orgulhosos e eleva os humildes.
2. O potencial da força de vontade autêntica.
3. O poder do atributo de *Chêssed*.

Por meio destas três virtudes, podemos nos preparar para o recebimento da *Torá*.

*Extraído do livro Siach Chinuchi
de autoria do Rabino Binyamin Sharanski,
diretor geral do Seminário de Professoras
do Bêt Yaacov de Tel Aviv*

NASSÔ / נָשׂוּ

NÃO DECAIR DO NÍVEL ALCANÇADO

Esta *parashá* relaciona as leis referentes a quem decide ser um *nazir*.

Nazir é aquele que faz uma promessa, de que durante pelo menos trinta dias (o mínimo admitido para a promessa de *nezirut*) não beberá vinho, não cortará o cabelo e não se impurificará por mortos.

Além de ficar proibido de tomar vinho, o *nazir* fica proibido de consumir uvas frescas ou mesmo uvas passas. Nossos sábios explicam que o motivo desta proibição é fazer com que o *nazir* afaste-se de tudo o que estiver ligado ao vinho, para que não venha a consumir o próprio vinho. Ou seja, estas são precauções necessárias para que não venha a transgredir a promessa de *nezirut*.

Este cuidado, para que alguém não venha a infringir uma *mitsvá* da *Torá*, ocorre em muitos outros casos ditados pelos

nossos sábios. Ele é um cerco para manter o indivíduo distante da transgressão. Esta passagem nos ensina a importância desses cercos, ao ponto de nossos sábios dizerem, que aquele que viola estes cercos é como se estivesse infringindo a própria *mitsvá*. Porque a partir daí, já não resta mais nenhum obstáculo para transgredir a *mitsvá* da *Torá*.

O *Midrash* compara o *Nazir* ao *Cohen Gadol*. Qual é o motivo de tanta consideração para com o *nazir*? Ibn Ezra, *mefarash* da *Torá* contemporâneo de Rambam, nos explica sobre o segundo versículo do cap. 6 de *Bamidbar* (“*Ish ki yaflí lindor nêder...*”), que o *nazir*, ao fazer este *nêder* (promessa), age de uma forma diferente dos demais seres humanos, que costumeiramente são atraídos pelos desejos materiais. O *Nazir*, ao assumir este compromisso, demonstra que quer se afastar dos desejos materiais, com a finalidade de se aproximar mais do Todo-Poderoso, uma vez que o consumo de vinho tira a visão correta das coisas e afasta o ser humano dos serviços Divinos (“*Ki hayáyin mashchit hadáat veavodat Hashem*”).

A restrição do *nazir* cortar o cabelo consta em *Bamidbar* (6:5): “*Col yemê nêder nizro táar lô yaavor al roshô... Cadosh yihyê*” – Todos os dias de seu voto de *Nazir*, navalha não passará sobre sua cabeça... sagrado será. Sobre esta restrição, temos a explicação do *Seforno*. Ao deixar seu cabelo crescer, está ao mesmo tempo deixando de lado a preocupação de embelezar-se e a preocupação com o físico. “*Cadosh yihyê*” – E será santo, ou seja, estará afastado dos desejos materiais.

A *Torá* exigiu do *nazir*, no dia do término de sua *nezirut*, que trouxesse ao *Bêth Hamicdash* um *corban* (um sacrifício). Isso porque alguém que alcançou tamanho nível espiritual, ao ponto de ser comparado ao *cohen gadol* (sumo-sacerdote), deveria permanecer neste grau elevado e não deixar a *nezirut*. Como ao findar sua *nezirut* ele não permanecerá neste nível e voltará ao contato com os desejos materiais e coisas terrestres das quais havia se privado, necessita fazer um *corban* que sirva como *capará* (perdão) por sua decaída espiritual (vide Rambam, Bamidbar 6:11).

Aprendemos, então, a importância do “cerco” feito pelos “*chachamim*” e também o quanto é necessário nos assegurar-mos, de que não estamos decaindo do nível espiritual já alcançado. Se houver uma decaída, ela será considerada um erro grave, ao ponto de ser necessário um *corban* como *capará*.

BEHAALOTECHÁ / בהעלותך

A ANSIEDADE PELAS MITSVOT E SEU CUMPRIMENTO SEM ALTERAÇÕES

Esta *parashá* aborda dois casos diferentes, que nos ensinam uma mesma lição.

No início da *parashá*, encontramos o relato da *mitsvá* de acender a *menorá* (candelabro de sete braços) no *Mishcan* (tabernáculo). Esta era uma *mitsvá* exclusiva de Aharon *Haco-hen*.

Conforme *Rashi*, Aharon recebeu este mérito pelo fato de ter assistido à inauguração do *Mishcan* e às conseqüentes oferendas dos sacrifícios feitas pelos representantes das doze tribos do Povo de Israel, ressentindo-se de forma expressiva por não ter dado sua colaboração na inauguração do *Mishcan*. Ao perceber a angústia de Aharon, o Todo-Poderoso lhe prometeu a exclusividade de acender as luzes da *menorá* diariamente.

Já *Ramban* entende, que o prometido para Aharon (por

ficar ressentido em não ter contribuído na inauguração do *Mishcan*) foi que, futuramente, por seu mérito, *Hashem* faria o milagre de *Chanucá* por intermédio dos *Chashmonaim* e a partir de então se acenderiam as luzes de *Chanucá*.

O livro *Mibêl Avraham* nos diz, que tanto conforme a explicação de *Rashi* como a de *Ramban*, a aquisição espiritual de acender as velas da *Menorá* ou de *Chanucá*, deu-se pela ansiedade e insistência de *Aharon* em cumprir as *mitsvot*. Este mérito deu-lhe a possibilidade de adquirir uma *mitsvá* para o povo para todas as gerações, independente da existência do *Bêl Hamicdash* – a *mitsvá* de acender as velas de *Chanucá*, *mitsvá* praticada por nós em todas as gerações. Por causa dessa ansiedade pelas *mitsvot*, *Aharon* acrescentou a nossas autênticas e milenares *mitsvot*, mais uma fundação nos alicerces das *mitsvot* e da *emuná* (fé).

O segundo caso abordado nesta *parashá* (*Devarim* 9:6-8) que nos traz o mesmo aprendizado do anterior é sobre o *Corban Pêssach*. Quando o Povo de Israel preparou-se para fazer a Oferenda de *Pêssach* no deserto, havia, entre o povo, pessoas impossibilitadas (segundo as leis do *Corban Pêssach*) de fazê-lo, por estarem impuras. Estas pessoas, entretanto, não queriam ser privadas desta *mitsvá* e comunicaram a *Moshê* seu anseio de participarem deste mandamento. *Moshê* respondeu-lhes que consultaria o Todo-Poderoso. A resposta veio prontamente e foi marcada uma nova data (um mês depois de *Pêssach* – 14 de *iyar*) para os que estavam ocasionalmente impossibilitados de cumpri-la (motivo pelo qual costumamos

comer *matsá* e não falamos *tachanun* nas orações desse dia).

Este é, portanto, mais um exemplo de ansiedade pelas *mitsvot* e o não conformismo de ficar alheio à *mitsvá*, apesar de estarem isentos devido à situação em que se encontravam. Eles não se conformavam em ficar sem fazer a oferenda de *Pêssach* e são chamados, pelo *Midrash Yalcut*, de “*Benê adam kesherim vetsadikim vecharedim al hamitsvot*” – Pessoas corretas e justas e dedicadas ao cumprimento das *mitsvot*. Estas eram Mishael e Eltsafan, filhos de Uziel (tio de Aharon). Sua iniciativa deu ao Povo de Israel, para todas as gerações, oportunidade para que os impossibilitados de fazer a Oferenda de *Pêssach*, tenham outra chance e não fiquem sem cumprir esta *mitsvá*.

Concluimos este pensamento citando uma passagem do livro *Messilat Yesharim*: “*Vehanirtsá yoter baavodá hu chefets halev utshucat haneshamá*” – O principal em servir o Todo-Poderoso é a boa vontade do coração e a ansiedade da alma, pois com estes dois estímulos, a possibilidade de se elevar espiritualmente torna-se mais expressiva.

Outro fato interessante nesta *parashá* é que ao comentar que Aharon cumpriu a *mitsvá* de acender as luzes da *menorá*, a *Torá* usa a seguinte linguagem: “*Vayáas ken Aharon*” (*Bamidbar* 8:3) – E assim fez Aharon. Isto significa que Aharon fez justamente o que lhe foi ordenado, sem nada a mais ou a menos. Quando queremos louvar alguém de alto nível espiritual, usamos várias atribuições para enfatizar suas qualidades, dizendo ser ele um *tsadic* (justo), cumpridor das *mitsvot*, ou

um *yerê Elokim* (temente a D'us). O Rabino Guedalyá Seguel, em seu livro *Yalcut Maamarim*, nos diz que desta passagem da *Torá* fica comprovado, que ao louvar um homem da estatura de Aharon – que com certeza tinha virtudes muito além de nossa concepção – a *Torá* deu valor ao fato de ele não ter mudado o que lhe foi ordenado.

O louvor autêntico é para quem cumpre o que a *Torá* nos ordena literalmente, sem mudanças. Sobre as palavras “*vayáas ken Aharon*” *Rashi* também comenta: “*Lehaguid shivchô shel Aharon shelô shiná*” – A *Torá* quis nos mostrar que Aharon foi elogiado, por não ter alterado em nada o cumprimento da *mitsvá*.

O fato de não fazer mudanças, é o que sustentou os Filhos de Israel espiritualmente por muitos anos no Egito. Nossos sábios disseram que, durante todo este período de escravidão e opressão que sofreram, não mudaram suas vestimentas, seus nomes e seu idioma; seguiam tendo a aparência judaica, conservaram seus nomes judaicos e falavam o *Lashon Hacôdesh* – a língua sagrada. Estes fatos formaram o principal motivo da redenção do povo do Egito: “*Bizchut shelô shinu et malbushehem, shemotehem ulshonam, nig'alu misham*”.

Assim também, o louvor merecido pelos pais e pelos educadores das crianças de *Yisrael* está no fato de transmitirem a *Torá* e suas *mitsvot* sem nenhuma mudança, mas sim da forma que o Todo-Poderoso nos outorgou no *Har Sinay*.

SHELACH LECHÁ / שלח לך

NEM SEMPRE A MAIORIA TEM RAZÃO

Nesta *parashá* a *Torá* narra o episódio dos doze *meraglim* (espiões) enviados à Terra de Israel por Moshê *Rabênu*.

No relatório apresentado a Moshê pelos *meraglim*, dez dos doze espiões tinham uma opinião igual e radical, de que a Terra de Israel não tinha condições de acolher o povo, por vários motivos relatados por eles. Os dois outros *meraglim*, Yehoshua *bin* Nun, discípulo de Moshê, e Calev *ben* Yefunê, marido de Miryam (irmã de Moshê), tinham um ponto de vista diferente. Concluíram que a Terra de Israel tinha todas as condições para acolher o Povo de Israel, definindo-a como: “...*Tová haárets meod meod*” (Bamidbar 14:7) – ...É boa a Terra, muito, muito. Acrescentaram que: “...*Vahashem itánu al tiraum*” (Bamidbar 14:9) – ...O Todo-Poderoso está conosco; não os temam.

A reação do povo foi negativa, entretanto, chegando pró-

ximo de quererem apedrejar esses dois espiões. “*Vayomeru col haedá lirgom otam baavanim...*” (Bamidbar 14:10) – Pensou toda a congregação em apedrejá-los...

Que mal fizeram eles ao expor suas opiniões? Por que o povo acreditou cegamente nos outros dez e não nesses dois? O mais surpreendente, é que sequer uma minoria do povo teve dúvida, de que esses dois espiões estivessem com a razão e que os fatos relatados por eles fossem verdadeiros.

Deste episódio aprendemos uma grande lição. Nem sempre a maioria está com a razão. O povo em sua totalidade foi incitado pelos dez *meraglim*, e apesar de todo o perigo a que estavam espostos, Yehoshua e Calev permaneceram firmes em seu ponto de vista. Eles acreditavam piamente na verdade e tinham certeza de que “*emet meêrets titsmach*” (Tehilim 85:12) – a verdade tende a prevalecer. Yehoshua e Calev mantiveram sua opinião, embora, por um certo período de tempo, a impressão era a de que a razão estava com a maioria.

Esse acontecimento em nossa história, obriga-nos a levar em consideração a opinião daqueles que têm o intuito de preservar o Povo de Israel, sua *Torá* e suas *mitsvot*, mesmo que aparentemente não estejam com a razão e mesmo que sejam uma minoria. Porque, com o passar do tempo, a verdade, que talvez estivesse oculta por muito tempo, acaba prevalecendo.

Interessante notar que no *lashon hacôdesh* (idioma sagrado) a palavra *emet* (verdade) não possui plural, ensinando-nos que a verdade é apenas uma. Por outro lado, a palavra *sheker* (mentira) possui plural (*shecarim*), conforme consta

no *Tehilim* (101:7): “*Dover shecarim lô yicon lenêgued enay*” – Aquele que fala mentiras, que não se apresente perante o Criador.

Nossos sábios disseram: “*Chotamô shel Hacadosh Baruch Hu, emet*” – A verdade é o carimbo do Todo-Poderoso. Como na *Torá* consta a *mitsvá* de “*Vehalachtá Bidrachav*” (Devarim 28:9) – Seguir os modos de D’us (seguindo Seus exemplos, como sermos piedosos da maneira como D’us é piedoso), devemos também seguir os caminhos da verdade.

Por isso, David *Hamêlech* pede ao Todo-Poderoso no *Tehilim* 119, 29: “*Dêrech shêker hasser mimêni Vetoratechá chonêni*” – Livre-me do caminho da mentira e oriente-me segundo Tua *Torá*. Nesse versículo está claro que, a mentira e a *Torá* são caminhos opostos.

Uma vez que a verdade é o caminho de D’us e que Ele nos ordenou a *Torá*, esta deve ser seguida com autenticidade plena.

CÔRACH / קרח

A INVEJA UMA DOENÇA ESPIRITUAL

Côrach, um dos primos de Moshê *Rabênu* é quem dá o nome a esta *parashá*.

Depois da rebeldia do povo descrita pela *Torá* nas *parashiyot Behaalotechá* (quando o povo exigiu comer carne) e *Shelach Lechá* (o episódio dos espiões), esta *parashá* descreve a rebelião de Côrach.

Côrach e outras 250 pessoas decidiram rebelar-se contra Moshê *Rabênu*. A principal queixa de Côrach contra Moshê era o fato de Aharon ter sido designado como *Cohen Gadol* e seu primo Elitsafan *ben* Uziel como *Nassi* (presidente) da família de Kehat.

Levi, filho de Yaacov, teve três filhos que formaram as famílias de sua tribo: Guershon, Kehat e Merari. Kehat teve quatro filhos: Amram, Yitschar, Chevron e Uziel. Côrach ale-

gava que ele deveria ser o *nassi* da família de Kehat e não Elitsafan, pois o pai de Côrach, Yitschar, era o segundo filho mais velho (o primogênito era o pai de Moshê). No entanto, o escolhido para ser *nassi* foi seu primo Elitsafan, filho do quarto filho e que era o mais moço. Não concordando com esta posição de Moshê, decidiu discordar dele em tudo que se referia à direção do povo. Côrach se esqueceu, porém, de que as atitudes de Moshê – até mesmo a designação destes cargos – eram ordens diretas do Todo-Poderoso.

Quando estudamos *Parashat Côrach*, parece-nos que os atos de Côrach estão totalmente distantes de nossa realidade, que não nos atingem. Porém, depois de nos aprofundarmos, aprendemos de tudo isso que “*Rabot machashavot belev ish vaatsat Hashem hi tacum*” (Mishlê 19:21) – Muitos são os pensamentos no coração do homem, porém o que prevalece é a idéia de D’us. Este *passuc* estabelece um conceito básico na fé judaica. É um ponto primordial no que diz respeito ao *status* no qual nos encontramos – embora muitas vezes pensamos que o atingimos por nossas próprias forças.

Todos procuram aprimorar sua situação e concretizar seus desejos, porém esquecem-se de que seus anseios não o ajudarão, pois de qualquer forma a vontade de D’us é a que se concretiza. É fundamental acreditar no versículo: “*Lechá Hashem hamamlachá vehamitsnassê lechol lerosh*” (Divrê Hayamim I 29:11) – A D’us pertence o reinado e eleva-Se acima de todos.

Côrach tentou de várias formas atingir o alto cargo que cobiçava, porém de nada adiantou, uma vez que não era esta a vontade do Todo-Poderoso.

Côrach era um homem inteligente, possuidor de muitos bens materiais e de prestígio entre o povo. Os demais que o acompanhavam também eram pessoas importantes daquela geração. O mais intrigante é que acreditassem que suas idéias iam concretizar-se e que poderiam afastar Moshê e Aharon de sua funções. Eles realmente acreditavam nisso, pois chegaram ao ponto de se exporem a um teste, que lhes custaria a vida caso estivessem errados.

Acaso esqueceram-se da Outorga da *Torá* presenciada por todos, na qual o Todo-Poderoso aclamou Moshê e Aharon como líderes – que fariam a Sua vontade? Acaso faltava algo a Côrach? O que o conduziu a esta situação, que lhe custou a vida, morrendo de forma tão trágica? Não encontrou outra pessoa para provocar a não ser o profeta escolhido pelo Todo-Poderoso, o homem que trouxe a *Torá* dos Céus para o Povo de Israel?

Nossos sábios chegaram à conclusão que a inveja (*kin'á*) foi a causadora dessa tragédia.

A força dos vícios tem o poder de cegar as pessoas ao ponto de deixá-las sem enxergar até mesmo o que antes era claro e óbvio. No *Pirkê Avot* (cap. 4) nossos sábios dizem: “*Hakin'á vehataavá vehacavod motsiim et haadam min ha-olam*” – A inveja, o desejo material e a ambição pela honra abreviam a vida do ser humano no mundo. Ao comentar esta

passagem, o *Rambam* nos diz que com estes vícios (até mesmo com um deles) perde-se a fé na *Torá* forçosamente e não se consegue alcançar níveis espirituais mais elevados.

Rambam nos diz também (*Hilchot Teshuvá* cap. 7 par. 3), que não devemos pensar que a *teshuvá* só deve ser feita sobre os pecados ativos como o roubo, mas também devemos nos preocupar e fazer *teshuvá* por nossas más qualidades como o nervosismo, o ódio, a inveja, a falta de seriedade, a corrida atrás do dinheiro e do respeito, a gula, etc. *Rambam* completa dizendo que abandonar estes vícios é muito mais difícil.

Um de nossos grandes *chachamim*, o *Rabênu Bachyê* (em seu livro sobre a *Torá*, em *parashat Côrach*), escreve que a inveja é um vício que não tem cura. Da mesma forma que existem as doenças físicas, existem também as doenças espirituais que são os vícios e as más qualidades. Estes vícios devem ser tratados pelo ser humano e devem preocupá-lo da mesma forma que as doenças do corpo.

Vimos, portanto, que um homem que possuía tudo em sua vida e que deveria estar feliz, satisfeito e tranqüilo, foi levado pela inveja. Esta conseguiu fazer com que perdesse a cabeça, a ponto de chegar ao extremo de desafiar nada mais, nada menos que um homem do nível de *Moshê Rabênu*.

CHUCAT / חֻקַּת

A TAREFA DE CADA UM

Nesta *parashá* (Bamidbar 21:5-8) uma parte do Povo de Israel se queixou do Todo-Poderoso e de Moshê *Rabênu* por terem sido salvos do Egito. Reclamaram também por não terem pão e água, pois já estavam fartos do *man* – o alimento que caía do céu. Em decorrência disso, uma calamidade atingiu o povo: cobras venenosas feriram e mataram uma multidão do Povo de Israel.

Quando reconheceram o erro que cometeram, pediram a Moshê para que orasse a D’us, para que Ele, em Sua misericórdia, suprimisse essa desgraça.

Quando Moshê suplicou ao Todo-Poderoso pelo povo, D’us lhe ordenou que fizesse uma cobra de metal e a colocasse numa haste. Assim, todos os que fossem mordidos pelas cobras, ao olharem para a cobra hasteada, restabelecer-se-iam.

Esta cobra de cobre, feita por Moshê, foi conservada até a época do Rei Chizkiyáhu (Melachim II cap. 18) que a destruiu, pois o Povo de Israel estava lhe oferecendo sacrifícios de

incenso.

No *Talmud Chulin*, nossos sábios perguntam como esta cobra ainda não tinha sido destruída, se Assaf e Yehoshafat (reis anteriores a Chizkiyáhu) haviam destruído todas as idolatrias. O *Talmud* responde que: “*Macom hiníchu lo avotav lehidgader bô*” – Seus antepassados deixaram a ele a oportunidade (mesmo que inconscientemente) de fazer um reparo em benefício do judaísmo.

Devemos louvar a atitude corajosa do rei Chizkiyáhu. Ele sabia que seus antecedentes destruíram todos os ídolos com exceção desta cobra – talvez por sua característica milagrosa da época do deserto – e mesmo assim destruiu-a, para evitar que o povo pecasse.

Chizkiyáhu *Hamêlech*, provavelmente, teve um grande conflito interno antes de tomar esta decisão. Por um lado, via que o povo idolatrava a cobra, e por outro lembrava que seus antecedentes, pessoas tão justas e competentes, não a haviam destruído junto com os demais ídolos.

O *Maharshá*, um dos grandes comentaristas do *Talmud*, explica que, na realidade, Assaf e Yehoshafat não a destruíram simplesmente por falta de atenção, por descuido. Uma vez que isso lhes passou despercebido, estavam isentos da obrigação de destruí-la.

Chizkiyáhu, no entanto, que percebeu esta irregularidade, tinha o compromisso moral e a obrigação de afastar este mal do povo de Israel. Caso não o fizesse, seria cobrado, posteriormente, por essa abstenção.

Além disso, o fato de passar despercebido por seus antepassados, aconteceu justamente para que Chizkiyáhu tivesse o mérito de tomar esta importante decisão.

Da mesma forma, todas as pessoas têm suas missões. Devem ficar atentas, para que, quando estas se apresentarem, sejam executadas, sem hesitação.

Assim também, em cada geração, os grandes sábios tiveram a sensibilidade de perceber quais são as necessidades da época. Sabiam quais as medidas preventivas indispensáveis para fortalecer o judaísmo e quais as instituições essenciais para evitar que o povo viesse a transgredir as *mitsvot* da *Torá*.

Por isso, os sábios de Israel são chamados de “*Enê Haedá*” – os olhos da congregação. Cabe a eles a árdua tarefa de ficar atentos aos eventuais riscos que o judaísmo está exposto em cada geração. Eles são despertados a partir dos Céus para o benefício da coletividade judaica em seu todo. Por isso, não devemos estranhar medidas que são tomadas pelos *chachamim*.

O episódio de Chizkiyáhu nos ensina, que a cada indivíduo é dada a oportunidade de ter o mérito de tomar atitudes que venham a proteger o judaísmo, suas *mitsvot* e o Povo de Israel.

*Baseado no livro Hamussar Vehadáat
de autoria do Rabino Avraham Yafan*

BALAC / בלק

ZERIZUT – A AGILIDADE

Quando foi ordenado a levar seu filho ao sacrifício, Avraham *Avínu* madrugou – “*vayáshkem Avraham baboker*” (Bereshit 22:3) – para realizar esta tarefa.

Nossos sábios louvam a virtude da agilidade, considerando-a uma das qualidades fundamentais que auxiliam o indivíduo a cumprir suas tarefas materiais e espirituais. Consta no *Talmud* (Berachot 6): “*Leolam yaruts adam lidvar mitsvá vaafilu Beshabat*” – Sempre o homem deverá correr para fazer as *mitsvot*, inclusive no *Shabat* (mesmo que um dos confortos do *Shabat* é não correr).

A pedido de Balac – rei de Moav – o profeta Bil’am pretendia amaldiçoar o Povo de Israel somente para preencher suas ambições materiais. Contudo, não conseguiu realizar sua intenção e em vez de amaldiçoar o povo, passou a enumerar suas virtudes. Dentre elas, disse: “*Am kelavi yacum vecaari yitnassá*” (23:24). Louvou os *yehudim* dizendo, que assim que despertam pela manhã, rapidamente colocam o *talet*, as

tefilin e pronunciam o *Shemá*. Até mesmo um homem como Bil'am, que nutria ódio pelo povo de Israel, soube louvar os atributos do povo e entre eles, a agilidade.

Um dos grandes mestres de filosofia judaica, *Rabi Moshê Chayim Luzzato zt"l*, em seu livro *Messilat Yesharim* (cap. 6) escreve sobre *zerizut*. Embora seja contrária à natureza do ser humano, ele deve adquirir a qualquer custo esta boa qualidade.

O rei Shelomô (Mishlê 22:29) escreve: “*Chazita ish mahir bimlachtô, lifnê melachim yityatsav*” – Encontre um homem ágil em seu trabalho? Saiba que ele se apresentará perante os reis.

Um dos grandes exegetas do *Nach*, o *Ralbag*, comenta esse versículo, dizendo que a agilidade protege o indivíduo até da pobreza e da falta de recursos, conforme disseram nossos sábios no *Talmud*: “Passaram-se 60 anos de fome e a porta do artesão (*uman*), a fome não atingiu”.

O Rei Shelomô escreve em *Mishlê* (24:30-31): “*Al sedê ish atsel avarti veal kerem adam chassar lev. Vehinê alá chulô kimessonim cossu fanav charulim veguêder avanav neherássa*” – Passei pelo campo de um preguiçoso e pelo vinhedo de um homem irresponsável e eis que estava totalmente invadido por ervas daninhas, as raízes cobriam sua área e a cerca de pedras estava destruída.

Logo, esta virtude é de grande importância para que o indivíduo tenha êxito em todas as atividades, pois, por meio dela, pode-se alcançar muitas realizações, tanto espirituais como materiais.

PINECHÁS / פנחס

RESPONSABILIDADE COLETIVA

Encontramos nesta *parashá* dois exemplos, que refletem a responsabilidade que cada um de nós deve sentir em relação ao nosso povo.

Pinechás, um homem até então desconhecido – embora fosse neto de Aharon, irmão de Moshê – ao perceber o quão grave era o envolvimento dos Filhos de Israel com as moças de Moav e de Midyan, ao ponto de se envolverem até mesmo com a idolatria destes povos, sentiu-se na obrigação de sair do anonimato e tomar a drástica atitude de matar o chefe da tribo de Shim'on, Zimri ben Salu, e Kosbi *vat* Tsur, com a qual ele se envolvera.

Embora tivesse a seu redor homens como seu tio-avô Moshê, seu avô Aharon e seu pai El'azar, Pinechás achou correto tomar esta iniciativa, frente à situação na qual se encontravam. Não levou em consideração o fato de que talvez não

coubesse a ele esta tarefa, pois seu senso de responsabilidade pelo seu povo não lhe permitiu este tipo de alegação, já que todo o Povo de Israel corria perigo. E a desgraça que acometera o povo e deixado um grande número de mortes (24.000 pessoas) só cessou, após Pinechás ter tomado essa atitude, como consta no fim de *Parashat Balac*: “*Vateatsar hamaguefá*” (Bamidbar 25:8) – E cessou a mortandade dos Filhos de Israel.

O outro exemplo desta *parashá* cabe aos filhos de Côrach, sobre os quais se diz: “*Uvnê Côrach lô mêtú*” (Bamidbar 26:11) – E os filhos de Côrach não morreram.

Sabe-se, que em princípio, os filhos de Côrach tinham-se envolvido na rebelião que seu pai tinha deflagrado contra Moshê e Aharon. Rashi nos diz, sobre este versículo, que no meio da rebelião eles refletiram sobre a *teshuvá* e arrependeram-se sobre o seu envolvimento na revolta. Então o Todo-Poderoso preparou-lhes um lugar mais alto no *Guehinam* para eles ficarem. Cabe-nos perguntar: Se eles realmente se arrependeram e se redimiram de sua atitude, por que não salvá-los totalmente do *Guehinam*?

Em seu livro sobre a *Torá*, o Ketav Sofer traz a seguinte explicação: a *Mishná* (Avot 5:18) nos diz, que todo aquele que beneficia os outros (incentivando-os a cumprir as *mitsvot*) é preservado do pecado e todo aquele que influencia os outros ao mau caminho, induzindo-os a pecar, não se lhe dá a oportunidade de fazer *teshuvá*.

A explicação dessa *Mishná*, conforme *Rabênu Ovadyá*

Mibartenura, é que quando alguém fomenta o bem, todos aqueles que seguiram o caminho indicado por ele são merecedores e, portanto, não é justo que seus discípulos estejam no *Gan Êden* e ele no *Gehinam*. Da mesma forma, não é justo que o indivíduo que influenciou a outros para o mal, e que com o tempo se recuperou e passou a ser merecedor, esteja no *Gan Êden*, enquanto seus discípulos estejam no *Gehinam*.

Portanto, os filhos de Cômach, que em princípio estavam diretamente envolvidos na rebelião e depois se regeneraram, deveriam exercer influência naqueles que os seguiram, para que se arrependessem também. Assim seriam totalmente redimidos do *Gehinam*.

MATOT-MASS'Ê / מטות מסעי

O PERIGO DA INVERSÃO DE VALORES

A *Torá* nos relata (Bamidbar 32:1) que as tribos de Reuven e Gad possuíam gado em grande quantidade. Por isso, pediram a Moshê, que na divisão das terras de *Êrets Yisrael*, fossem-lhes concedidas as terras que se encontravam do outro lado do rio Jordão, antes de atravessá-lo. Moshê reagiu dizendo: “Seus irmãos irão à guerra e vocês ficarão aqui?”.

Após chamar a atenção dos filhos de Gad e de Reuven, eles se comprometeram a acompanhar o povo durante 14 anos: sete anos de conquista e sete anos de estabelecimento.

Um dos outros pontos de discussão entre eles e Moshê foi que eles disseram: “Currais edificaremos para nosso gado aqui e cidades para nossas crianças” (Bamidbar 32:16) Moshê retrucou, dizendo-lhes: “Edificai cidades para vós e vossas crianças e currais para vosso gado” (Bamidbar 32:24).

Rashi faz a seguinte observação: “Zelavam pelos seus bens

mais do que por seus filhos e filhas, pois antecederam o gado aos filhos. Disse-lhes Moshê: Não invertam os valores; façam do principal, o principal e do secundário, o secundário; saibam o que é prioritário. Primeiramente construam cidades para seus filhos e depois preocupem-se com o gado.” Eis que os filhos de Gad e filhos de Reuven concordam com Moshê e em seguida lhe dizem (Bamidbar 32:25-26): “Faremos como o senhor (Moshê) nos está dizendo: nossos filhos, nossas esposas, nosso gado, etc.”

Muitas vezes, em nossa preocupação de adquirir bens materiais ou de zelar por eles, acabamos caindo no erro de inversão de valores. Sacrificamos a educação de nossos filhos e nos desligamos em parte de nosso ambiente familiar, pois estamos obcecados em busca de mais bens materiais, quando deveríamos nos conscientizar da obrigação e necessidade primária de dar uma educação judaica a nossos filhos, mostrar-lhes o que é um *Shabat*, enraizar o conceito de *Cashrut* e ensinar a eles que, antes de comer e beber, devemos agradecer ao Todo-Poderoso.

Já dizia o Rei Shelomô: “*Chanoch lanaar al pi darcô, gam ki yazkin lô yassur mimena*” (Mishlê 22:6) – Eduque o jovem desde sua infância, pois ao crescer, continuará seguindo o caminho que lhe foi ensinado.

Nossos sábios nos ensinam, que quando a criança começa a falar, a primeira coisa que devemos ensiná-la é o versículo: “*Torá tsivá lánu Moshê morashá kehilat Yaacov*” (Devarim 33:4) – A Lei, que Moshê nos ordenou, é herança para a con-

gregação de Yaacov. A criança deve ser ensinada desde tenra idade, para que, quando ficar adulta, já estar familiarizada com a *Torá* e suas *mitsvot*. Esta obrigação cabe aos pais.

No *Shulchan Aruch* cap. 343 consta, que os pais devem preservar os filhos para que não cometam nenhuma proibição da *Torá*, desde o momento em que a criança começa a entender as coisas. Portanto, quando dizemos à criança o que não pode fazer, mesmo que ela não entenda o motivo da proibição, é necessário evitar que cometa alguma infração. Isso no que diz respeito às *mitsvot* passivas – *lô taassê*. Por isso devemos, por exemplo, evitar que a criança coma coisas não *casher* e evitar que transgrida o *Shabat* e os *yamim tovim*.

Com relação às *mitsvot assê*, ativas, quando a criança já souber usar o *talet* ou entender o que é *Shabat*, mesmo que de uma forma vaga, já se faz necessário comprar-lhe um *talet* ou fazê-la ouvir a *Havdalá* e o *Kidush* de *Shabat*, por exemplo.

É evidente que, quando alguém se acostuma com as *mitsvot* desde a infância, não terá nenhuma dificuldade, em sua adolescência, em cumpri-las. Assim, os pais estarão garantindo o futuro de seus descendentes, tendo a certeza e a tranqüilidade que as gerações futuras continuarão preservando nossas tradições milenares.

Desse modo, estaremos dando a nossa valiosa colaboração na continuidade do judaísmo.

*Baseado no livro Hamussar Vehadáat
de autoria do Rabino Avraham Yafan*

דברים

DEVARIM

DEVARIM / דברים

A REPREENSÃO DERRUBA BARREIRAS

No início desta *parashá*, Moshê dirige-se ao povo enumerando os locais onde *Benê Yisrael* rebelaram-se contra o Todo-Poderoso. Esta forma de repreensão (citando apenas as localidades e não os erros propriamente) é uma forma de repreender sem faltar com o respeito.

A *parashá* inicia com as seguintes palavras: “*Ele hadevarim asher diber Moshê el col Yisrael*” – Estas são as palavras que falou Moshê a todo Israel. O *Midrash Rabá* levanta a seguinte questão: quando Moshê foi chamado pelo Todo-Poderoso para ir falar com o Faraó para que libertasse o Povo de Israel, a resposta de Moshê foi: “*Lô ish devarim anôchi*” (Shemot 4:10) – Não sou uma pessoa que tem o dom da palavra. Entretanto, nesta *parashá*, vemos que antes de seu falecimento, Moshê reúne o povo e faz uso de uma linguagem das mais desenvoltas possíveis para *lehochiach* – admoestar o

povo. De onde Moshê obteve esta eloquência, uma vez que afirmara anteriormente “*Lô ish devarim anôchi*”?

O *Midrash* responde, que após Moshê ter tido o mérito de receber a *Torá* e transmiti-la ao Povo de Israel, sua língua curou-se. Portanto, a partir de então, começou a falar da melhor forma possível.

Cabe-nos analisar os vários aspectos existentes na *tochachá* – admoestação. O versículo em *Mishlê* (28:23) diz: “*Mochiach adam acharay chen yimtsá*” – Quem repreende alguém para seguir as ordens do Criador, será bem visto por Ele. O *Midrash* explica que este versículo refere-se a Moshê. Ele tinha o intuito, com esta repreensão, de reaproximar o povo do Todo-Poderoso e também de reaproximar o Todo-Poderoso do povo. Ao povo Moshê disse: “*Atem chatatem chataá guedolá*” (Shemot 32:30) – Vocês cometeram um grande pecado e ao Todo-Poderoso, Moshê disse “*Lama Hashem yecherê apechá beamêcha*” (Shemot 32:11) – Por que Te zangas contra Teu povo?

Quando a repreensão é feita com o propósito de aproximar o povo do Todo-Poderoso, ela atinge seu objetivo. Além de explicar a gravidade do pecado, anula a distância gerada pelo pecado entre *Yisrael* e o Criador. Tem, portanto, função dupla: rogar para o Todo-Poderoso Que tenha piedade pelos Seus filhos (e filhos são sempre filhos, independente da situação) e chamar a atenção dos filhos perante Quem pecaram.

Nessa admoestação é como se Moshê dissesse para o povo e para D’us: “É agradável que um Pai Se distancie de Seus

filhos? É correto que os filhos se afastem de seu Pai?

Esta é, portanto, a repreensão correta. Procura demonstrar ao pecador não somente o grave erro que cometeu e a necessidade de fazer *teshuvá*, mas principalmente, procura demonstrar, que o maior mal do pecado cometido, consiste no fato de que este erro faz o indivíduo se distanciar de seu Criador, criando uma barreira entre eles. A admoestação tem, como objetivo principal, derrubar esta cortina de ferro, que pode vir a nos separar do Todo-Poderoso.

VAETCHANAN / ואתחנן

AS TRÊS ORAÇÕES DIÁRIAS

Uma das passagens mais importantes desta *parashá* é o primeiro trecho do *Shemá*, que se inicia com o versículo “*Shemá Yisrael*”. Notamos, porém, que o versículo “*Baruch shem kevod malchutô leolam vaed*”, pronunciado por nós todas as vezes que recitamos o *Shemá*, não consta na *Torá*. O *Midrash Rabá* relata, que quando Moshê esteve nos Céus, ouviu os anjos – que louvavam o Eterno – pronunciando este versículo e transmitiu-o ao Povo de Israel.

O *Midrash Rabá* questiona então, por que não pronunciamos este versículo em voz alta (este versículo é pronunciado em voz baixa exceto no *Yom Kipur*). O *Midrash* traz a explicação de Rav Assi: Esse fato é comparado a uma pessoa que esteve no palácio do rei, trouxe de lá uma jóia de muito valor e deu de presente para sua esposa dizendo-lhe, que a usasse somente em casa e não em público. Porém face ao jejum e ao comportamento exigido de nós no dia de *Yom Kipur*, assemelhamo-nos aos anjos e por isso o pronunciamos em voz alta.

Logo em seguida a estes dois versículos, o primeiro trecho do *Shemá* segue com a seguinte frase: “*Veahavtá et Hashem Elokêcha bechol levavechá uvchol nafshechá uvchol meodêcha*” (Devarim 6:5) – E amarás ao Todo-Poderoso com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todos os teus bens, que vem a ser o amor a *Hashem* acima de qualquer coisa. Um de nossos grandes sábios, o *Maharal* de Praga *zt”l*, vê nos três termos citados no *Shemá* (*levavechá*, *nafshechá* e *meodecha*) uma ligação direta com as três orações diárias – *Shachrit*, *Minchá* e *Arvit*. Sabemos que os horários destas três orações nos foram instituídos pelos nossos três patriarcas: Avraham, Yitschac e Yaacov. Avraham instituiu a oração de *Shachrit*, conforme consta na *Torá*: “*Vayashkem Avraham babôker*” (Bereshit 22:3), Yitschac instituiu a oração de *Minchá*, conforme consta: “*Vayetsê Yitschac lassuach bassadê*” (Bereshit 24:63) e Yaacov instituiu a oração de *Arvit*: “*Vayálen sham ki bá hashêmesh*” (Bereshit 28:11).

O *Maharal zt”l* diz que a oração de *Shachrit* está ligada com o termo “*levavechá*”. Nossos sábios chamam nossa atenção sobre o fato de esta palavra estar escrita na *Torá* com duas letras “*bêt*” quando seria suficiente escrever “*bechol libechá*”, porém os dois *bêt* referem-se aos dois instintos do indivíduo: o *yêtser hará* (o mau instinto) e o *yêtser hatov* (o bom instinto). Isso nos ensina, que devemos servir o Todo-Poderoso por intermédio dos dois instintos, transformando o *yêtser hará* para o bem.

A relação entre a oração de *Shachrit* e “*levavechá*” é,

portanto, a seguinte: normalmente, sentimos dificuldade em acordar cedo e fazer a oração de *Shachrit*. Nosso instinto mau tenta nos convencer a permanecermos deitados, alegando que estamos muito cansados e se não dormirmos mais um pouco não poderemos cumprir nossos compromissos da manhã. Assim, o tempo vai passando e o indivíduo acaba acordando tarde e fazendo a oração matinal às pressas, sem o equilíbrio necessário. Por isso, a *Torá* nos diz: “*Veahavtá et Hashem Elokêcha bechol levavechá*”. Procure vencer seu instinto mau e desperte mais cedo, vá até a sinagoga rezar com *minyan* e assim estará servindo o Todo-Poderoso com todo o seu coração.

O termo “*bechol meodêcha*” – com todos os teus bens, refere-se à oração de *Minchá*. Esta oração só pode ser pronunciada depois do meio do dia (no verão há dias em que *Minchá* só pode ser feita a partir das 14h) até o pôr-do-sol e é justamente o horário em que o indivíduo está mais ocupado no trabalho em busca de seu sustento. Em meio a esta “avalancha” de preocupações materiais, parando para fazer a oração de *Minchá* estaremos servindo o Todo-Poderoso também “*bechol meodêcha*” – com todos os nosso bens.

Por fim, a oração noturna de *Arvit* está ligada ao termo “*bechol nafshechá*”, conforme a explicação do *Maharal zt”l*. Sabe-se que a alma (*neshamá*) necessita de descanso. Nossos sábios comentaram o versículo de *Meguilat Echá*, “*Chadashim labecarim rabá emunatêcha*” dizendo, que quando dormimos, entregamos nossa alma cansada e esgotada das atividades do cotidiano ao Criador e Ele a devolve comple-

tamente renovada e com novas energias. Disseram ainda, como parâmetro de comparação, que quando entregamos um objeto novo a um ser humano para que o guarde, este o devolve velho e gasto. Entretanto, entregamos ao Todo-Poderoso nossa alma velha e gasta e Ele a devolve renovada.

A alma, portanto, sente a necessidade de descanso pelo esgotamento diário. Porém se apesar disso, encontramos forças antes de nos dirigirmos ao nosso descanso para fazer a oração de *Arvit* diariamente, estaremos com isso servindo o Todo-Poderoso “*bechol nafshechá*”, com toda a nossa alma, mesmo quando ela está esgotada e pedindo seu merecido descanso.

Sobre a *mitsvá* de amar o Criador, vide também Rambam, *Hilchot Teshuvá* cap. 10 par. 3 e 6, e no *Tratado de Berachot* 62b o relato sobre *Rabi Akivá*.

ÊKEV / עֵקֵב

AS BÊNÇÃOS SOBRE OS ALIMENTOS

Aprendemos a obrigação de recitar o *Bircat Hamazon* após as refeições acompanhadas de pão a partir do versículo “*Veachaltá vessaváta uverachtá et Hashem Elokêcha*” (8:10) – E comerás e te fartarás e louvarás o Eterno teu D’us.

Avraham Avínu, nosso primeiro patriarca, costumava receber hóspedes em sua casa, conforme diz o versículo: “*Vayitá Avraham êshel Biv’er Sháva*” (Bereshit 21:33) – Fez Avraham uma hospedagem em *Beer Sheva*. A palavra “*êshel*” é constituída pelas letras *álef*, *shin* e *lámed*. *Álef* é a primeira letra da palavra “*achilá*” – alimentação, *shin* é a primeira letra da palavra “*shená*” (ou “*shetiyá*”) – dormir (ou bebida), e *lámed* é a primeira letra de “*levayá*” – acompanhamento. Ou seja, Avraham hospedava os transeuntes dando-lhes alimentação, moradia para pernoitarem e depois acompanhava-os mostrando-lhes o caminho certo pelo qual deveriam seguir.

O *midrash* nos relata que Avraham pedia que seus hóspedes, após comerem, agradecessem ao Todo-Poderoso, pois a Ele pertence a Terra e tudo o que ela contém. Assim, Avraham foi acostumando os idólatras de sua geração com a idéia da existência de um Ser Poderoso e Único.

Nossos sábios, por sua vez, instituíram-nos as bênçãos antes da alimentação, como: “*Borê peri haets*” sobre os frutos das árvores, “*Borê peri haadamá*” sobre os frutos da terra, “*Hamotsi lêchem min haárets*” sobre o pão, “*Borê minê mezonot*” sobre bolo, biscoitos e massas em geral, “*Borê peri haguêfen*” sobre o vinho e “*Shehacol nihyá bidvarô*” sobre água, sucos, carnes, peixes, ovos, queijo e leite.

O *Talmud* questiona o fato de que dois versículos do *Tehilim* (Salmos) aparentemente se contradizem. Um versículo diz: “*Lashem haárets umloáh*” – Ao Todo-Poderoso pertence a Terra e tudo o que ela contém, e o outro: “*Vehaárets natan livnê adam*” – E a Terra foi dada pelo Todo-Poderoso aos homens. Então a pergunta é a seguinte: A Terra pertence a D’us ou foi dada aos seres humanos?

O *Talmud* responde, que o primeiro versículo se refere aos momentos nos quais a *berachá* ainda não foi recitada. O segundo versículo refere-se a após a devida bênção ter sido pronunciada. Portanto, antes de recitarmos a *berachá*, tudo pertence ao Todo-Poderoso, e após pronunciarmos a *berachá*, passa a pertencer ao ser humano.

A *berachá* é uma espécie de licença que pedimos ao Criador, para podermos usufruir do Seu mundo. Nossos sábios

disseram que todo aquele que tem proveito deste mundo sem recitar uma *berachá* é como se estivesse lesando o Todo-Poderoso e a Congregação de Israel. Entendemos facilmente que lesamos o Todo-Poderoso, se não fizermos as *berachot*, pois usufruímos de algo que pertence a Ele sem termos pedido Sua permissão. Mas por que estamos lesando também a Congregação de Israel? Nossos sábios nos explicam que, quando fazemos uma *berachá*, atraímos *shêfa* (fatura) ao mundo. Portanto, se não recitamos a *berachá*, impedimos a entrada da fatura que viria ao mundo e beneficiaria a todos.

Por tudo o que foi exposto acima vemos a importância magna das *berachot* e o poder que elas têm de atrair *shêfa* para o mundo.

REÊ / רֵאָה

A SENSIBILIDADE DO CORAÇÃO – CASHRUT

Na *Parashat Shemini* (Vayicrá 11), a *Torá* estabelece as regras referentes aos animais, aves e peixes que podem ser consumidos por nós: os mamíferos que possuem o casco fendido e são ruminantes e os peixes que possuem escamas e barbatanas. Com relação às aves, consumimos apenas as que nos foram transmitidas por tradição, de geração em geração, como sendo *casher*.

Os mamíferos que possuem ou uma ou outra regra, ou nenhuma delas e os peixes de couro, frutos do mar – crustáceos e moluscos, como siris e ostras – são proibidos ao consumo.

Nesta *parashá*, a *Torá* repete estas leis e também menciona novamente a proibição de misturar, cozinhar ou ter proveito de alimentos onde carne e leite estão misturados (Devarim 14).

Um dos fundamentos principais do judaísmo é a alimentação *casher*. Porque por intermédio dos cuidados necessários

para não transgredir as leis ligadas a ela, preparamos nosso coração e nossa mente para a compreensão dos fundamentos espirituais de uma forma geral, como nos explica o livro *El Hamecorot*, vol. 3.

O ser humano está acostumado e atado à matéria, porque os valores materiais são concretos e palpáveis. Já os valores espirituais são abstratos – não enxergamos e não podemos tocar. Tudo o que é espiritual exige uma sensibilidade muito refinada, já que contém elementos abstratos, que exigem um esforço da mente e dos sentimentos. Por isso, necessitamos de elementos materiais para cumprir conceitos espirituais, como o couro e a lã que são utilizados na confecção das *tefilin* e das *tsitsiyot*.

A alimentação *casher* é a chave para que possamos assimilar os conceitos espirituais em sua essência pura, sem distorções; para que nossos horizontes espirituais possam ser amplos e para que possamos entender a *Torá* e suas leis.

Qual o sentido da *mitsvá* de *cashrut* e de que maneira esta *mitsvá* influi em todos estes conceitos tão amplos do judaísmo?

“*Lô titameú bahem venitmetem bam*” – Não vos façais impuros com eles e não sejais impuros por eles.

Nossos sábios, ao analisarem em *parashat Shemini* (Vayicrá 11:43), este versículo que trata sobre a alimentação *casher*, notaram, que na palavra *venitmetem* falta a letra *álef*. Nada ocorre em vão na *Torá*, portanto, existe um motivo para isso. Perceberam, que sem a letra *álef*, esta palavra pode ser

lida também como “*venitamtem*”, que significa falta de sabedoria, falta de conhecimento, aludindo ao aspecto espiritual.

Um indivíduo pode ter muito sucesso no âmbito cultural dentro da sociedade, ser um grande cientista, um intelectual ou uma celebridade em qualquer outro ramo do conhecimento moderno. Isso, com certeza, é consequência de seu alto Q.I.

Analisando este versículo, nossos sábios querem nos transmitir o conceito de um “Q.I.” espiritual, análogo ao Q.I. acima citado, porém independente deste. Esse indivíduo tão conceituado, pode não ter uma sensibilidade tão apurada, no que diz respeito às coisas espirituais. Isso porque o seu grau de “Q.I.” espiritual não teve chance de se desenvolver, por estar coberto por uma camada de impureza causada pela alimentação não *casher*. Este conceito de impureza não significa algo sujo, mas um conceito espiritual abstrato, conforme nos diz o Rambam em seu livro de filosofia *Guia dos Perplexos*.

Portanto, da mesma forma que possuímos um Q.I. relativo à mente e graças a ele adquirimos conhecimentos leigos, possuímos também algo como um “Q.I.” relativo ao coração e por intermédio dele, adquirimos a sensibilidade real a tudo o que é espiritual.

Este “Q.I.” espiritual é influenciado por nossa alimentação. É isso que os nossos sábios querem transmitir ao dizer: “*Maachalot assurot metamtemim libô shel haadam*” – Os alimentos proibidos embotam o coração do homem.

Logo, pois, o sentimento que se encontra no coração é necessário para adquirirmos o conhecimento da *Torá* e cum-

primos suas *mitsvot*. Para isso, precisamos de um bom “Q.I.” espiritual, que nos dê a sensibilidade para a assimilação dos conceitos puros e refinados da *Torá*.

SHOFETIM / שופטים

O REMÉDIO CONTRA O MEDO

Antes que o Povo de Israel saísse para a guerra, um *cohen*, especialmente designado, anunciava publicamente que aqueles que estivessem nos seguintes status, poderiam voltar para suas casas sem ir para a guerra:

1. Os que construíram suas casas, porém ainda não a inauguraram. “*Vedaberu hashoterim el haam lemor: mi haish asher baná váyit chadash velô chanachô yelech veyashov levetô...* (Devarim 20:5) – E falarão os policiais ao povo, dizendo: Que o homem que edificou uma casa nova, e não a estreou, ande e volte para sua casa...

2. Aqueles que tinham plantado uma vinha, mas ainda não haviam desfrutado dela (ainda não passaram os três anos necessários pela *Torá* para que pudessem desfrutar dela). “*Umi haish asher natá’ kêrem velô chilelô yelech veyashov levetô...* (Devarim 20:6) – Que o homem que plantou uma vinha e não a desfrutou, ande e volte para sua casa...

3. Quem tinha noivado e ainda não casou. “*Umi haish*

asher erás ishá velô lecacháh yelech veyashov levetô... (Devarim 20:7) – Que o homem que tenha desposado uma mulher e não a tenha tomado, ande e volte para sua casa...

4. Aqueles que estivessem com medo. “*Veyassefu hashofetim ledaber el haam veameru mi haish hayarê verach halevav yelech veyashov levetô velô yimás et levav echav kilvavô*” (Devarim 20:8) – E continuarão os policiais a falar ao povo e dirão: o homem medroso e de coração mole, que volte para sua casa e não derreta o coração de seus irmãos como o seu coração.

Nossos sábios nos dizem, que os três primeiros foram incluídos nesta proclamação por conta do quarto (os que estivessem com medo). Seria vergonhoso, após o anúncio do *cohen*, que do meio de um grupo de soldados, retirassem-se apenas aqueles que estivessem com medo. Dessa forma, incluindo-se outras categorias e deixando que todos se retirassem somente ao final do anúncio, os que se retiravam por medo não seriam notados.

Nota-se, que era imprescindível a retirada dos que temiam a guerra, para que o medo não se infiltrasse nas fileiras dos soldados e para que não se contagiasse todo o exército.

Um dos grandes pensadores de nossa geração, o Rabino Chayim Shmulevits *zt”l*, *Rosh Yeshivá* de Mir – que durante a Segunda Guerra Mundial teve sua sede em Xangai e hoje possui uma sede em Jerusalém e outra em Nova Iorque) – disse, que o medo somente existe naqueles que não possuem fé e não depositam sua confiança em D’us. Ele acrescenta que o indiví-

duo que tem medo, põe em perigo o meio que o rodeia. Sobre esse assunto, ele traz um comentário do Ralbag (exegeta do *Tanach*) sobre a seguinte passagem em *Melachim II*, cap. 6:

Quando o exército de Aram cercou a cidade de Dotan – uma das cidades do centro de Israel – o jovem que era servente do profeta Elishá assustou-se e perguntou ao profeta – o que faremos para nos salvar? O profeta respondeu-lhe – “*Al tirá ki rabim asher itánu measher otam*” – Não tema, pois somos mais numerosos do que eles.

Consta que, em seguida, o profeta pediu a D’us que abrisse os olhos do jovem, para que ele visse que eles realmente eram maioria. Assim foi. Então o jovem viu a montanha repleta de cavalos e carroças, e fogo em volta do profeta. Logo em seguida, o profeta Elishá pediu ao Todo-Poderoso que cegasse o povo de Aram. E assim foi.

O Rabino Chayim Shmulevits *zt”l* faz o seguinte comentário: em princípio, o primeiro milagre – que o jovem enxergou a montanha repleta de cavalos e carroças – foi inútil, pois logo em seguida houve o segundo milagre – que cegou o exército. De qualquer forma, o exército de Aram não venceria o exército de Elishá.

O comentarista Ralbag nos explica, que o primeiro milagre foi necessário, para acalmar o medo e fortalecer o coração do jovem que acompanhava o profeta. O maior perigo era justamente o medo – que provém da falta de fé e confiança no Todo-Poderoso. Esse medo estava pondo a todos em perigo.

O segundo milagre só foi possível de se concretizar de-

pois que o jovem se acalmou. Todo o tempo que houvesse alguém com medo ao redor do profeta, ele também corria perigo e o milagre não sobreviria em seu mérito.

Qual é, então, o remédio contra o medo? O Rabino Shelomô Wolbe, em seu livro *Alê Shur*, vol. I, diz: “*Bitachon Bashem messalec pachadim*” – A fé em D’us afasta todos os temores.

Embora encontremos em *Mishlê* (24:14) o versículo: “*Ashrê adam mefached tamid*” – Bem-aventurado aquele que sempre teme – o *Talmud Berachot* (60) diz, que esse versículo se refere a temer que a *Torá* que estudamos seja esquecida. Rashi explica no local, que esse temor é positivo, pois fará com que sempre revisemos os trechos estudados para não esquecê-los.

Outra prova de que o medo das circunstâncias comuns da vida e do cotidiano tem sua origem na falta de fé e confiança no Todo-Poderoso é um episódio relatado pelo *Talmud*.

Certa vez, quando Hilel *Hazaken* regressava a sua cidade, ouviu muitos gritos. Ele não se assustou e declarou: Tenho certeza de que esses gritos não provêm de minha casa. O *Tehilim* 112, versículo 7 diz: “*Mishemuá raá lô yirá, nachon libô batuach Bashem*” – Uma má notícia não temerá, pois seu coração deposita confiança em D’us.

KI TETSÊ / כִּי תֵצֵא

NÃO FAZER DIFERENÇA ENTRE AS MITSVOT

Consta no *Pirkê Avot* (cap. 2 *Mishná* 1) que *Rabi Yehudá Hanassi* dizia: “*Hevê zahir bemitsvá calá kevachamurá, sheen até yodêa matan secharan shel mitsvot*” – Seja cuidadoso nas *mitsvot* menos rígidas da mesma forma que é nas mais rígidas, pois não conheces qual a recompensa de cada *mitsvá*.

O *Midrash Rabá* ressalta a importância das *mitsvot* chamadas pela *Torá* de “*calot*” (menos rígidas) e traz o exemplo de um rei que contratou vários empregados para que plantassem e cultivassem suas fazendas. Ele não comunicou o que pagaria por cada plantação para que não se dedicassem somente às aquelas mais rendosas e deixassem as menos lucrativas sem serem cultivadas.

No final do expediente, o rei chamou seus empregados para remunerá-los por seus serviços, e conforme o que foi

plantado por cada empregado, pagava diferentes honorários. Os empregados perguntaram então ao rei por que não tinham sido comunicados de antemão o valor que receberiam por seus serviços, e assim sendo poderiam escolher o serviço que lhes fosse mais lucrativo. O rei respondeu-lhes dizendo que caso tivesse comunicado previamente os honorários, os empregados escolheriam apenas as plantações que fossem mais rendosas e o que seria então das demais plantações?

Assim também, o Todo-Poderoso não desvendou a recompensa das *mitsvot* de uma forma geral. Entre as *mitsvot* cuja recompensa nos foi revelada, há duas que têm a mesma retribuição: a *mitsvá* de honrar os pais e a *mitsvá* de “*Shiluach Haken*” (enxotamento do ninho) – não pegar os filhotes ou ovos das aves, enquanto a mãe estiver em cima deles, mas sim enxotar primeiramente a mãe e depois pegar os filhotes.

Embora a *mitsvá* de “*Kibud Av Vaem*” (honrar os pais) seja denominada de “*chamurá shemachamurot*” (entre as mais difíceis) e a *mitsvá* de “*Shiluach Haken*” de “*calá shebacalot*” (entre as mais fáceis), elas têm a mesma recompensa: vida longa.

Com isso, a *Torá* quer demonstrar o quanto está ocultada de nós a recompensa das *mitsvot*, para nos ensinar a necessidade de cumprirmos todas as *mitsvot* sem distinções.

O *Midrash Tanchumá* dessa *parashá*, diz em nome de *Rav Ada*, que a *Torá* contém 248 *mitsvot assê* (ativas), referentes aos 248 órgãos do corpo humano. Todos os dias, essas *mitsvot* advertem o ser humano como que lhes dizendo: “Cum-

pra-nos para que você possa viver e por nosso mérito ter uma vida mais longa.”

O *Midrash* menciona também, que as *mitsvot lô taasê* (passivas) são em mesmo número que os dias do ano solar (365). Todos os dias, desde o momento em que o Sol nasce, até o momento em que se põe, o Sol adverte o ser humano para se cuidar em não transgredir as *mitsvot* da *Torá*, para que o indivíduo e o mundo não tendam para o lado negativo.

Completando este pensamento, que nos mostra a importância de cada *mitsvá*, trazemos mais uma passagem do *Midrash Rabá* sobre o versículo em *Mishlê* (1:9): “*Ki livyat chen hem leroshechá*” – As *mitsvot* acompanham o ser humano a toda a parte. Não podemos pensar, que devemos cumprir as *mitsvot* somente de vez em quando, em momentos especiais, apenas quando vamos ao *bêt hakenêset* ou só no *Shabat*. As *mitsvot* da *Torá* devem ser cumpridas em todos os momentos e durante todos nossos atos e pensamentos.

Assim, ao construirmos uma casa nova, devemos fazer um parapeito no telhado. Quando colocarmos a porta deveremos fixar a *mezuzá*. Ao vestirmos uma roupa nova devemos verificar que não exista mistura de linho e lã (*shaatnez*). Quando fazemos a barba, não podemos usar lâminas (gilete) ou navalha. Devemos também deixar a costeleta (“*Lô takífu peat roshechem velô tashchit et peat zecanecha*” (Vayicrá 19:27), e assim por diante.

“*Ki hem chayênu veôrech yamênu*” – Porque eles (os mandamentos) são nossa vida e prolongam nossa existência.

KI TAVÔ / כִּי תָבֹא

A ALEGRIA NO ENFOQUE DA TORÁ

O capítulo 67 do *Tehilim* (*Lamnatsêach Binguinot*) é lido todos os dias na oração de *Shachrit* antes de *Baruch Sheamar* e em *Minchá* depois da *Amidá*. Este capítulo pode ser escrito de maneira que, dispondo-se convenientemente suas palavras, elas formam um desenho de uma *menorá* (candelabro de sete braços).

Nossos *chachamim* escrevem, que ler este capítulo do *Tehilim* no formato de uma *menorá* (como é costume tê-lo enquadrado nas sinagogas *sefaradim*), é uma *segulá* (receita) para que a *hatslachá* (sucesso) acompanhe o indivíduo nesse dia.

Convém então entender, o que há de especial nesse capítulo.

Sabemos que a *menorá* no *Bêth Hamicdash* possuía sete braços – três à direita, três à esquerda e um no centro. Este

último foi denominado pelos nossos sábios de “*Ner Maaravi*” e era o mais importante. Todos os pavios, tanto do lado esquerdo, quanto do direito, eram colocados de maneira que convergissem para o braço central.

No desenho da *menorá*, formado pelas palavras do capítulo 67 do *Tehilim*, o braço central começa com a palavra *Yismechu* (alegria). Este é o segredo da *hatslachá* (sucesso) do ser humano – a alegria. E se esta o acompanha durante todo o dia, ele será pleno de êxito.

Nesta *parashá* são descritas as *kelalot* (maldições) que podem ocorrer (*chás vechalila*) se o Povo de Israel não cumprir as *mitsvot* com satisfação, já que estão na fartura, conforme diz o *passuc* no final das *kelalot*: “*Tachat asher lô avadta et Hashem Elokêcha bessimchá uvtuv levav merov col*” (Devarim 28:47) – Em troca de não teres servido ao Eterno teu D’us com alegria e com bondade de coração, pela abundância de tudo. Quando a *mitsvá* é feita com alegria, esta não constitui somente uma parte da *mitsvá* que está sendo cumprida, mas é também uma *mitsvá* independente. Como escreve o *Rabênu Bachyê*, que a recompensa pelas *mitsvot* é acrescida da recompensa pela satisfação com a qual o indivíduo cumpriu a *mitsvá*.

Existe um outro aspecto no cumprimento das *mitsvot* com ânimo, satisfação e alegria. Se agirmos assim, estaremos motivados a cumpri-las novamente.

O *Sêfer Charedim*, obra do Rabino El’azar Azcari *zt”l*, contemporâneo do Rabino Yossef Caro *zt”l* (autor do *Shul-*

chan Aruch) e do *Haari zt"l*, contém um prefácio com 17 características importantes no cumprimento das *mitsvot*. A quarta característica é a alegria e a satisfação, que devemos ter ao cumprir as *mitsvot*. O *Sêfer Charedim* acrescenta que devemos encarar cada *mitsvá* como se fosse um presente que está sendo enviado pelo Todo-Poderoso. Relata-nos também que o *Haari zt"l*, em confiança a seu discípulo *Rabi Chayim Vital zt"l*, disse que todas as suas aquisições espirituais foram motivadas pela satisfação e alegria sem limites que tinha em seu cumprimento.

Complementando esta idéia do enfoque da *simchá* no judaísmo, traremos o pensamento do *Maharal* sobre o assunto. O versículo em *Cohêlet* (8:15), “*Veshibachti ani et hassimchá*” – Louvo a alegria, é interpretado pelo *Talmud Shabat* 30, que quando a alegria é ligada à *mitsvá*, ela é louvada, caso contrário não o é. Ao comentar este *passuc*, o *Maharal* nos diz que a *simchá* é “*shelemut hanêfesh*” – o complemento da alma, e quando ela (a alegria) provém da *mitsvá* é o complemento espiritual que todo o ser humano precisa. Um complemento assim é digno de todo o louvor.

“*Ivdu et Hashem bessimchá*” – Sirvam o Todo-Poderoso com alegria!

NITSAVIM / נצבים

A TESHUVÁ

“*Ki hamitsvá hazot asher anochi metsavechá hayom lô niflet hi mimechá velô rechocá hi. Lô Bashamáyim hi lemor mi yaalê lánu hashamáyma veyicachêha lánu vetashmienu otá venaassêna. Velô meêver layam ... ki carov elêcha hadavar meod beficha uvilvavechá laassotô*” (Devarim 30:11-14) – Porque este mandamento que Eu te ordeno hoje não está fora de seu alcance, nem está longe de você. Não está nos Céus para dizeres: Quem subirá por nós ao céu para nos trazê-lo e fazer-nos ouvir para que o observemos. Nem está além do mar para dizeres: Quem passará por nós além do mar para nos trazê-lo e fazer-nos ouvir para que o observemos. Pois isto está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração para que o observes.

Em seu comentário sobre a *Torá*, o Ramban nos diz que na passagem acima mencionada, *ki hamitsvá hazot* – que este mandamento, a *Torá* se refere ao mandamento da

teshuvá – arrependimento.

Faremos aqui algumas observações sobre a *teshuvá*, uma vez que esta *Parashá* é geralmente lida no *Shabat* antes de *Rosh Hashaná*, quando têm início “*Asseret Yemê Teshuvá*” – os dez dias de arrependimento.

Já que a *Torá* nos diz que a *teshuvá* está muito próxima de nós e que ela é de fácil alcance, por que então não nos recuperamos imediatamente? Por que os “*baalê teshuvá*” (adeptos da *teshuvá*) não são maioria? Uma das respostas, é que o ser humano acostuma-se à situação na qual se encontra. Se sentisse o quanto se distanciou da *Torá* e de suas *mitsvot*, imediatamente tomaria o caminho da *teshuvá*.

O que é *teshuvá*?

O que devemos fazer para cumprir as exigências da *teshuvá*?

Para responder a primeira pergunta, traremos o versículo de *Cohêlet* (7:29): “*Haelokim assá et haadam yashar vehema bikshu cheshbonot rabim*” – O Todo-Poderoso criou o homem com a natureza de ser correto (o instinto espiritual sadio nos faz seguir em direção a nossa origem Divina e nos aponta a direção e a tendência de nos aproximarmos do Todo-Poderoso). Porém as ponderações que o homem fez e as muitas influências de vários setores da vida, como a mídia e a ciência, fazem com que o ser humano perca sua fé e afaste-se do Criador, de Sua *Torá* e de Suas *mitsvot*.

Da mesma forma que o corpo precisa renovar-se e recu-

perar as forças que se esgotaram durante o dia – e isso acontece por intermédio do sono durante a noite – assim nosso lado espiritual necessita recuperar suas energias – e isso acontece por meio da *teshuvá*.

Portanto, a *teshuvá* nada mais é do que a volta a nossas origens, ao caminho da *Torá* e à verdade, que está oculta em nossos corações.

O Rambam em *Hilchot Teshuvá* (cap. II par. 2) responde à sua pergunta. Quem pecou, que abandone o pecado, tire-o de seu pensamento e tome em seu coração a decisão de não mais voltar a cometê-lo, conforme está escrito: “*Yaazov rashá darcô veish aven machshevotav*” (Yesha’yahu 55:7) – Abandone o perverso seu caminho e seus maus pensamentos. Que se arrependa sobre o passado, conforme escrito: “*Ki acharê shuvi nichamti*” – Após meu retorno me arrependo (sobre o passado). E que o Todo-Poderoso testemunhe, sobre aquele que fez *teshuvá*, que ele não mais voltará a esse mesmo caminho, conforme está escrito: “*Velô nomar od Elokênu lemaassê yadênu*” (Hoshea 14:4).

Além disso, é necessário confessar com seus próprios lábios sobre as irregularidades que cometeu. Este último detalhe refere-se sobre o *Viduy* pronunciado diariamente nas orações de *Shachrit* e *Minchá* após a *Amidá*, por meio do qual o indivíduo confessa perante D’us eventuais irregularidades que cometeu.

Segundo esse relato do Rambam, portanto, são três as condições da *teshuvá*:

- Abandonar o pecado na prática e não mais pensar sobre ele.
- Arrepende-se sobre o passado.
- Pronunciar o *Viduy*, desculpando-se perante o Todo-Poderoso.

No *Talmud Yerushalmi Macot* (cap. II par. 6) consta a seguinte passagem: Perguntaram à sabedoria qual é a pena do pecador e a resposta foi “*chataim tirdof raá*” – Que o mal persiga os pecadores. Perguntaram à profecia e a resposta foi “*hanêfesh hachotet hi tamut*” – a alma que pecou, que seja punida com a morte. Perguntaram à *Torá* e veio a resposta “*yavi corban veyitchaper lo*” – Que traga a oferenda e será perdoado. Perguntaram finalmente ao Todo-Poderoso e veio a resposta – Que faça a *teshuvá* e será perdoado.

Portanto, o mistério da *teshuvá* foi somente desvendado pelo próprio Criador, pois somente Ele pode apagar as manchas negativas do passado, abrindo, à nossa frente, uma nova perspectiva de recuperação e aproximação a Ele e a Seus mandamentos, como nos diz o próprio Rambam (*Hilchot Teshuvá* cap. 7): É grandiosa a *teshuvá*, pois aproxima o ser humano de D’us.

Os que estavam ontem distantes de D’us, podem ficar hoje queridos e próximos a Ele por intermédio da *teshuvá*. Quem estava ontem *muvdal* (separado) do Criador, como diz o versículo: “*Avonotechem hayu mavdilim benechem leven Elokechem*” (*Yesha’yáhu* 59:2) – Vossos pecados vos separavam de vosso D’us, pode estar hoje *mudbac* (próximo) a D’us,

como está escrito: “*Veatem hadevekim Bashem Elokechem, chayim culechem hayom*” (Devarim 4:3) – E vocês, que se uniram a Seu D’us, estão hoje todos vivos.

*Baseado no livro Shearim el Hayahadut
de autoria do Rabino Binyamin Efrati*

ASSERET YEMÊ TESHUVÁ

עשרת ימי תשובה

RECUPERAR OS DIAS PERDIDOS

Em *Hilchot Teshuvá* (cap. 2 par. 6), Rambam escreve, que embora todos os dias devamos fazer *teshuvá* (retorno) e praticar a *tsedacá* (caridade), nos *Asseret Yemê Teshuvá* – os Dez Dias de Penitência de *Rosh Hashaná* a *Yom Kipur* – elas são mais aceitas pelo Criador, conforme o versículo: “*Dirshu Hashem behimatseô, kerauhu bihyotô carov*” (*Yeshayá* 55:6) – Buscai o Criador onde Ele Se encontra, invocai-O quando estiver próximo.

Vejam os por que estes dias são mais propícios para a *teshuvá*. No capítulo quinze do livro *Bêt Elokim* – de autoria do Rav Yossef Mitrani *zt”l* (contemporâneo do Rav Yossef Caro *zt”l* e do Ari *Hacadosh zt”l*) – consta que estes dias estão vinculados à Criação do Universo: a Criação teve início no dia 25 de *Elul* e o homem foi criado em *Rosh Hashaná*.

O Criador do Universo sabe que o homem é passível de erros e que peca. Portanto, com sua *rachmanut* (misericórdia) criou a possibilidade do arrependimento. No *Talmud Pesachim* 54 está registrado, que a *teshuvá* é um dos sete elementos que foram criados antes da Criação do mundo.

Se D'us não houvesse instituído a *teshuvá*, toda a Criação estaria comprometida, uma vez que o ser humano possui o mau instinto que o incita a pecar. Com o decorrer do tempo, o mal cresceria a tal ponto que D'us teria de destruir o mundo.

Por isso, o Criador instituiu a *teshuvá*, que é a possibilidade que o ser humano tem para se recuperar e abrir, a cada ano, uma nova página em sua vida, visando o bem.

Já que *Rosh Hashaná* é o *Yom Hadin* – o Dia do Julgamento – não seria coerente que este fosse escolhido como o dia em que os pecados do ser humano fossem totalmente anulados. Por isso, o Todo-Poderoso prolongou os dias de *teshuvá* até *Yom Kipur*, dando assim um prazo de dez dias, para que o indivíduo se recupere de eventuais irregularidades e pecados que tenha cometido durante o ano. Então, no dia de *Yom Kipur*, o Todo-Poderoso age com misericórdia, procurando as *mitsvot* que o indivíduo fez para poder recompensá-lo.

Consta nos livros sagrados, que os sete dias entre *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* correspondem a cada um dos sete dias de cada semana do ano que passou. Durante esses sete dias temos, então, a possibilidade de nos recuperarmos de todas as irregularidades que cometemos em todos os dias do ano.

No *Talmud Macot* 22 consta que as 365 *mitsvot lô taassê*

(passivas) correspondem aos 365 dias do ano. Rashi acrescenta, que cada dia do ano adverte o indivíduo a não transgredir as *mitsvot*.

O livro *Mishnat Rabi Aharon* (vol. 2 pág. 221) cita uma passagem do *Zôhar Hacadosh* que nos diz, que todos os dias de um ser humano, a partir de seu nascimento, formam um grupo unido e cada dia adverte o indivíduo de uma forma exclusiva. Quando num determinado dia o indivíduo peca perante o Criador, este dia, envergonhado, isola-se do grupo e ele próprio testemunha sobre os pecados da pessoa. Este dia fica afastado do grupo até que o indivíduo faça *teshuvá* e o recupere. Quando o indivíduo se recupera do mal que cometeu, esse dia volta a unir-se ao grupo dos dias da vida dele.

Deste relato do *Zôhar*, percebemos a importância de cada dia. Um dia sequer pode ser desprezado, deixando de cumprir as *mitsvot*, pois os atos irregulares nele cometidos comprometem-no espiritualmente e o isolam do grupo.

É por isso que o Criador nos deu os dias de *teshuvá* – para nos recuperarmos, reagrupando os dias do ano com eventuais falhas. É de suma importância que saibamos aproveitá-los não os desperdiçando, preenchendo-os com *Torá* e *mitsvot*, pois além de recuperarmos o passado, angariamos energias para o ano que está por vir.

VAYÊLECH / וַיֵּלֶךְ

A RIQUEZA ESPIRITUAL

Nesta *parashá*, encontramos relatada a última das 613 *mitsvot* da *Torá*: “*Veata kitvu lachem et hashirá hazot velamedá et Benê Yisrael, simá befihem lemaan tihyê leêd Bivnê Yisrael*” (*Devarim* 31:19) – Agora, escrevam para vocês este cântico e ensine-o aos Filhos de Israel; ponha-o em suas bocas, para que ele (este cântico) seja por testemunha para os Filhos de Israel.

Esta *mitsvá* é para que cada um de nós escrevamos um *Sêfer Torá*, ou que encarreguemos alguém habilitado para nos escrever e que seja de nossa posse. A finalidade desta *mitsvá* é que possamos estudar nos *Sifrê Torá*. Porém, como atualmente, difundiu-se no mundo o sistema de impressão, muitos legisladores opinam, que se pode cumprir esta *mitsvá* com a aquisição de livros sagrados para o estudo da *Torá*.

O Rabino Aharon Halevi *zt”l* em seu livro *Sêfer Hachinuch*, *mitsvá* 613 (livro que relata sobre as 613 *mitsvot*, inicialmente apenas como testamento para seu filho) ao mencionar a

origem desta *mitsvá*, ensina que a finalidade desta *mitsvá* é o estudo da *Torá*. Se cada um de nós tiver um *Sêfer Torá*, poderá estudar nele constantemente. Mediante este estudo, compenetrar-se-á do temor ao Todo-Poderoso e conhecerá suas preciosas *mitsvot* mais do que qualquer outra riqueza.

No final de *Massêchet Bicurim*, no *Talmud Yerushalmi*, consta a seguinte passagem: “*Hamocheh Sêfer Torá shel aviv enô roê diman berachá leolam vecol hamcayem Sêfer Torá betoch betô alav hacatuv omer hon vaôsher bevetô vetsidcatô omedet laad*” – Aquele que vende o *Sêfer Torá* (que herdou) de seu pai não verá bênção do valor que recebeu por ele, e todo aquele que conserva um *Sêfer Torá* em seu lar (em sua posse), sobre ele se refere o versículo: Para quem possui riquezas em seu lar, sua conduta justa persistirá eternamente.

Em outra passagem nossos sábios dizem: “*Af al pi shehiníchu lo avotav Sêfer Torá mitsvá lichtov mishelô*” – Mesmo que seus antepassados lhe deixaram um *Sêfer Torá*, é *mitsvá* que o indivíduo escreva (ou encarregue alguém para escrever) o seu.

Certa vez, o Rabino Shemuel Wozner, um dos grandes legisladores de nossa época, ao tratar das duas passagens talmúdicas citadas anteriormente, disse que a transmissão da *Torá* de pais para filhos foi uma condição essencial para seu recebimento (*cabalat Hatorá*). Consta na *Torá*: “*Vehodatam levanêcha velivnê vanêcha*” (*Devarim* 4:9) – E as comunicareis a seus filhos e a seus netos. O *Talmud* se refere

a isso, quando diz que aquele que vende o *Sêfer Torá* de seus pais não verá bênção; pois não devemos desprezar os ensinamentos de nossos antepassados. A *Torá*, as *mitsvot* e as tradições que nos foram transmitidas pelos nossos antepassados devem ser conservadas. O caminho da *Torá* só é completo e ideal, quando pais e filhos caminham de mãos dadas e integrados no cumprimento da *Torá*.

Por isso, o *Talmud Yerushalmi* diz que o versículo “*Hon vaôsher bevetô*” refere-se àquele que conserva um *Sêfer Torá*. Alguém que age dessa forma preza sua herança espiritual, porque, em princípio, as palavras *hon* e *ôsher* têm o mesmo sentido – riqueza. Em outro versículo, no entanto, o Rei Salomão nos diz: “*Báyit vahon nachalat avot*” (*Mishlê* 19:14) – Morada e “*hon*” são herança dos pais – donde concluímos, que o termo “*hon*” refere-se à riqueza que vem de herança e *ôsher* é a riqueza que alguém acumula.

Portanto, do trecho “*Hamocher Sêfer Torá*” – não podemos vender um *Sêfer* de nossa herança – aprendemos que devemos conservar a *Torá*, as *mitsvot* e as tradições que nossos antepassados nos transmitiram. Por outro lado, a passagem “*mitsvá lichtov mishelô*” – devemos escrever o nosso próprio *Sêfer Torá* – nos ensina que temos a obrigação também de reforçá-la através de nosso empenho e dedicação.

Quando conservar e reforçar, forem observados, se realizará o versículo: “*Hon* (riqueza espiritual hereditária) *vaôsher* (riqueza espiritual pessoal) *bevetô, vetsidcatô omedet laád* (então sua conduta justa persistirá para sempre)”. A *Torá*, as

mitsvot e as tradições que nossos antepassados nos transmitiram desde os tempos de Moshê *Rabênu* unidas aos esforços e dedicação para reforçar nossa boa conduta, garantem-nos a seqüência e o cumprimento da *Torá* nas próximas gerações, para a eternidade.

HAZÍNU / הַאֲזִינוּ

A ASSIMILAÇÃO

“*Simu levavchem lechol hadevarim asher anochi meid bachem hayom asher tetsavum et benechem laassot et col divrê Hatorá hazot. Ki lô davar rec hu mikem ki hu chayechem uvadavar hazê taaríchu yamim al haadamá asher atem overim et Hayarden shama lerishtá*” (Devarim 32:46-47) – E disse-lhes Moshê: Fiquem atentos sobre tudo o que lhe testifico hoje, para que possam ordenar a seus filhos, para que cuidem de cumprir todas as palavras desta *Torá*. Porque vosso esforço não será sem recompensa, pois é sua vida e por intermédio destas coisas prolongar-se-ão teus dias na terra que estão atravessando o Jordão a fim de herdá-la.

Com estas palavras, Moshê faz o Povo de Israel entender que toda a sua existência depende do cumprimento das *mitsvot* e de sua transmissão de geração em geração. Em *Bereshit* (18:19) vemos que justamente por este motivo o Todo-Poderoso louva Avraham *Avínu*, dizendo gostar dele porque sabia que ordenaria a seus filhos e à sua casa que continuassem,

depois dele, guardando o caminho do Eterno, fazendo caridade e justiça.

A existência do Povo Judeu é um dos fatos mais surpreendentes da história da humanidade. Um povo perseguido e disperso entre as nações. Sua existência torna-se um milagre evidente perante os olhos de qualquer um que repasse em sua mente a história de nosso povo.

Enquanto gigantescos impérios desapareceram da face da Terra, este povo sem nenhuma defesa física continua existindo e guardando suas características especiais durante muitos anos. Tivemos o mérito de vermos se concretizar o versículo: “*Hinê lô yanum velo yishan Shomer Yisrael*” (*Tehilim* 121: 4) – O Todo-Poderoso não cochila e nem adormece, guarda o Povo de Israel. A cada dia que passa vemos concretizar-se também a promessa do Todo-Poderoso: “*Veaf gam zot bihyotam beêrets oyvehem lô meatim velô guealtim lechalotam lehafer beriti itam ki ani Hashem Elokehem*” (*Vayicrá* 26:44) – Mesmo estando eles em terras estranhas não os rejeitarei e não me enfadarei deles para consumi-los e violar minha aliança com eles, porque Eu sou o Eterno seu D’us.

Nossa existência como povo é uma realidade graças à promessa do Todo-Poderoso. Porém, infelizmente, muitas camadas de nosso povo na diáspora estão abandonando nossas fileiras. O perigo da assimilação cresce justamente nas cidades grandes, em épocas que praticamente nosso povo não corre nenhum perigo físico. É então que devemos estar mais atentos para combatê-la, e conforme já nos disse o rabino Saadyá

Gaon zt"l: “*En umatênu umá ela Betoratecha*” – Nossa nação somente é considerada nação por conta de Sua *Torá* (Escrita e Oral). Somente quando nosso povo está próximo à *Torá* concretiza-se o versículo (*Devarim* 4:4): “*Veatem hadevekim Bashem Elokechem chayim culechem hayom* – E vocês que se uniram ao Eterno, seu D’us, estão todos vivos hoje”.

A história de nosso povo atesta que nossa existência física deve-se graças a nossa força espiritual no cumprimento da *Torá* e suas *mitsvot*. A herança da *Torá*, que nos é transmitida de geração em geração, é o que nos une em um só povo, apesar de os conceitos universais definirem uma nação por um aglomerado de pessoas, que falam o mesmo idioma e moram na mesma terra. Estas duas condições foram-nos privadas durante 2000 anos, e durante este período desapareceram do mapa muitas potências, muitas culturas e ideologias, surgiram outras novas nações, e nosso povo, apesar de pequeno em número, presenciou tudo isso.

Por mais hesitante que alguém esteja, fica forçado a reconhecer a definição do rabino Saadyá *Gaon zt"l*: “*En umatênu umá ela Betoratecha*”. O Povo de Israel somente se solidifica como nação por meio da *Torá*.

A *mitsvá* do *Shabat*, da *sucá* e tantas outras que foram cumpridas no decorrer das gerações com dedicação e sacrifício árduo, foram os fatores da união dos judeus. Judeus dos lugares mais distantes possíveis, quando se encontram, comprovam ter o mesmo sistema de vida, baseado no cumprimento das 613 *mitsvot* com seus detalhes e minúcias.

A dedução lógica que se faz, é que o enfraquecimento e a falta de observância de nossa *Torá* eterna tem como resultado o desligamento da Fonte da Vida do povo judeu. Centros judaicos na diáspora perdem o elo de ligação com nossas fontes e dessa forma, aparece o perigo iminente da assimilação com outros povos. Todos os que pregam a necessidade de fortalecimento do povo de Israel e não têm como intenção que este fortalecimento seja por intermédio do cumprimento das *mitsvot* e de uma educação direcionada ao sistema de vida da *Torá* – conservado com sacrifício em todas as gerações – estão pregando apenas demagogia sem fundamento. Todos os que alertam sobre o perigo da assimilação e desprezam a educação de nossos jovens baseada em nossas fontes eternas, não estão encarando a realidade de como este povo sobreviveu até então, ou ignoram sua história.

Pesquisas comprovam que nos centros judaicos onde a educação nas escolas e no lar é baseada na *Torá*, a assimilação não existe. Nestes ambientes, a criança aprende o que é viver como judeu desde sua tenra infância, freqüentando a sinagoga, vivenciando o autêntico *Shabat*, o *Kidush*, vendo seu pai colocar as *tefilin* diariamente, observando as leis de *Pêssach* e aprendendo a estudar *Torá*, que é a Fonte mais preciosa e mais importante do judaísmo.

Não podemos nos iludir que podemos combater de alguma forma a assimilação, vivendo como os outros povos, praticando seus hábitos e costumes e abandonando os nossos, porque pensamos estar em uma era avançada. A assimilação tem

apenas uma solução e um único remédio já comprovado com o decorrer das gerações – o modo de vida estabelecido pela *Torá*, sem concessões e sem médias, com o cumprimento das *mitsvot* na sua íntegra e com o estudo da *Torá* sendo praticado em todos os *Batê Midrash*.

Assim como no passado, no presente a verdade é uma: “*En umatênu umá ela Betoratecha*”.

*Baseado no livro Siach Chinuchi
do Rabino Binyamin Sharanski*

SUCOT I / I סוכות I**A SUCÁ
RESPIRAÇÃO DE FÉ
E CONFIANÇA**

No *Zôhar Hacadosh*, a *sucá* é denominada de “*Tselá Demehemnutá*” – a sombra da fé. Todo o espírito de *Chag Hassucot* é transmitir *emuná* e *bitachon* (fé e confiança) no Todo-Poderoso. Abandonamos o conforto dos nossos lares e construímos uma cabana coberta com folhagens. Esta moradia provisória – e por isso não colocamos *mezuzá* na *sucá* – nos ensina que não há morada fixa neste mundo. Todos os prazeres materiais são transitórios e efêmeros e todos os sucessos e insucessos do ser humano na Terra dependem unicamente da Vontade do Todo-Poderoso. Se os esforços do indivíduo não forem abençoados pelo Criador, não terão nenhuma validade. *Chag Hassucot* irradia este espírito de fé e confiança no Criador.

Uma criança não tem preocupações sobre o que vai comer, o que vai vestir e quem vai lhe pagar a escola, porque sabe

que seu pai sempre lhe deu o que necessita. Quando o pai comunica a seu filho pequeno, que a família fará uma viagem, o filho não questionará onde dormirá, quem pagará as passagens, ou de que se alimentará. A criança sabe que esta é uma preocupação do pai.

Da mesma forma deve ser nossa *emuná* e *bitachon* no Todo-Poderoso. Temos de atingir o grau de acreditar, que depois de fazermos a devida *hishtadlut* – o esforço que nos compete (discutiremos este tema adiante) – se o Criador achar que merecemos receber o que estamos pedindo – ou que isso nos é imprescindível – Ele nos dará.

Muitas vezes, o indivíduo não recebe dos Céus aquilo que quer, porque o Todo-Poderoso o está poupando de um teste maior. Nem sempre o que o indivíduo almeja, lhe é benéfico. Em muitas circunstâncias isso o engrandeceria e faria com que se sentisse superior aos que o cercam. Como disse o Rei Shelomô em *Cohêlet* (5:12): “*Ôsher shamur liba’lav leraatô*” – a riqueza está guardada ao seu dono para o seu mal. Rashi traz o exemplo de Côrach, que se prejudicou por conta de sua riqueza e orgulho.

A respeito da *hishtadlut* – o esforço que devemos despender para conseguirmos sucesso em nossas atividades – sua necessidade varia conforme o nível espiritual de cada indivíduo. Quando está em um nível espiritual elevado, o indivíduo tem menos necessidade de se dedicar a tarefas materiais para conseguir seus objetivos materiais. Mais do que isso; tem como obrigação preocupar-se menos com esta *hishtadlut*,

pois sua *emuná* e *bitachon* no Todo-Poderoso devem ser sua garantia de sucesso.

Nesse contexto, sabemos que Yossef, pelo nível espiritual no qual se encontrava, excedeu-se nesta *hishtadlut* quando estava preso. Por isso foi castigado, conforme consta no último versículo de *Parashat Vayêshev*: “*Velô zachar sar hamashkim et Yosef vayishcachêhu*” – O ministro do Faraó não se lembrou de Yossef e esqueceu-o. Rashi nos diz que o motivo deste esquecimento foi porque Yossef se colocou na dependência do ministro do Faraó. Por isso, acabou ficando na prisão por mais dois anos. Sobre isso, consta no *Tehilim* (40:5): “*Ash-rê haguêver asher sam Hashem mivtachô...*” – Bem-aventurado o homem que deposita sua confiança no Todo-Poderoso.

No livro *Tiferet Hayahadut*, a *sucá* é comparada ao pulmão do ser humano. Da mesma forma que o ser humano respira o oxigênio do ar e, por meio da hematose, seu pulmão se incumbem de distribuir este oxigênio às demais partes do corpo, assim também o *yehudi*, no *Chag Hassucot*, respira *emuná* e *bitachon*, por intermédio dos ensinamentos da *sucá*. Esta dose de *emuná* e *bitachon*, absorvida em *Sucot*, tem influência sobre os demais dias do ano.

O livro *Bêt Avraham* (Slonim) explica, que a essência da *sucá* está no fato de que o *yehudi* abandona sua residência e vai para um reduto *cadosh* (sagrado) para estar a sós com o Todo-Poderoso.

Por intermédio destas idéias, conforme esclarecido no livro *Netivot Shalom*, podemos entender por que os sete ilus-

tres *ushpizin* (Avraham, Yitschac, Yaacov, Moshê, Aharon, Yos-sef e David) vêm nos visitar na *sucá* e não o fazem em outras ocasiões do ano. Estes sete visitantes especiais não vêm nos visitar em *Pêssach*, em *Shavuot* ou nos *shabatot*. Escolheram vir justamente em *Sucot*, pois uma vez que estão em um plano elevado de santidade nos mundos superiores, não poderiam descer a este mundo. Somente em *Sucot*, porque encontram um ambiente transcendente na *sucá*. A *sucá* é um espaço exclusivo, à parte do resto do mundo e sobrenatural.

Em *Sucot*, o *yehudi* se desliga das coisas terrestres e eleva-se espiritualmente. Por isso, tem o mérito de receber os *Shiv'á Roim* (os sete visitantes).

SUCOT II / II סוכות

AS QUATRO ESPÉCIES QUATRO ÓRGÃOS

No *Tehilim* (35:10) o Rei David escreve: “*Cal atsmotay tomarna Hashem mi Chamôcha*” – Todos os meus órgãos dirão: Hashem, quem é como Tu!

No *Midrash Rabá* (*Vayicrá* 30:10) *Rav Mani* diz que este versículo se refere ao *lulav*. A coluna do *lulav* assemelha-se à coluna do ser humano; o *hadás* assemelha-se ao olho; a *aravá* à boca e o *etrog* ao coração. *Rav Mani* explica-nos que o Rei David, por entender que não há órgãos no corpo do ser humano tão importantes como estes, disse a respeito deles: “*Cal atsmotay tomarna Hashem mi Chamôcha*”.

O *Midrash* (30:14) continua, que estas quatro espécies, que cada *yehudi* toma para louvar o Todo-Poderoso, parecem de pouca importância aos nossos olhos. Contudo, são de grande importância perante o Criador.

Comecemos pelo *lulav*. A bênção das quatro espécies é

feita citando o seu nome (*asher kideshánu bemitsvotav vevtsivánu al netilat lulav*) pois é a maior entre as quatro. O *lulav* assemelha-se à coluna vertebral do ser humano. Sendo que a coluna vai desde a cabeça até a bacia, nos ensinar que o indivíduo deve ter uma postura reta para servir o Criador, por intermédio do estudo da *Torá* e do cumprimento das *mitsvot*. Quando alguém tem um problema na coluna e não toma providências oportunamente, ela vai pouco a pouco se desviando. Com o tempo, o problema aumenta e o indivíduo terá de aturar dores por um longo período, devido a seu desleixo em postergar o tratamento.

No que se refere à parte espiritual do *yehudi*, deve haver uma atitude reta, um caminho traçado a ser seguido. Se com o passar do tempo, ele não solidificar e adquirir uma postura voltada à *Torá* e às *mitsvot*, os reflexos deste relaxamento serão, sem dúvida, sentidos por ele e por seus descendentes. O *lulav* vem nos ensinar, que a partir do cérebro do ser humano, que deve adquirir idéias corretas dentro dos conceitos da *Torá*, todos os órgãos do corpo devem alcançar uma postura espiritual baseada na *Torá* e em suas *mitsvot*.

O *etrog* assemelha-se ao coração. Por intermédio do coração, o indivíduo pode cobiçar, como disseram nossos sábios: “*Áyin roá velev chomed*” – Os olhos vêem e o coração cobiça. Isso vem nos lembrar da proibição do décimo mandamento (não cobiçar). Nem tudo o que o indivíduo vê deve pertencer a ele, e principalmente, quando o que vê, pertence a outra pessoa (veja neste livro comentário sobre *Shavuot*).

A *aravá* assemelha-se à boca do ser humano que também é um órgão de suma importância para servir o Criador. Ela nos lembra de todas as proibições ligadas com a alimentação e de todos os detalhes das proibições ligadas à fala, como *lashon hará* (maledicência) e *nivlut hapê* (palavras obscenas).

O *hadás* é comparado aos olhos. Isso é surpreendente, pois temos um *lulav* (uma coluna), um *etrog* (um coração), duas *aravot* (dois lábios) e três *hadassim* (três olhos!). Em princípio deveria haver somente dois *hadassim*.

Realmente, dois dos três *hadassim* são correspondentes aos nossos dois olhos naturais, que devem ser controlados. Devemos nos controlar e olhar somente o que nos é permitido conforme a *Torá* (*Bamidbar* 15:39): “*Velô taturu acharê levavchem veacharê enechem*” – E não errareis indo atrás de (pensamentos de) vossos corações e atrás de vossos olhos. Conforme o *Sêfer Hachinuch* (*mitsvá* 387), esta *mitsvá* é um “*yessod gadol badáat*” – um fundamento importante no judaísmo, “porque os maus pensamentos geram o mal e os atos são uma consequência. Privar-se dos maus pensamentos e desviar o olhar são as raízes das atitudes positivas.

O terceiro *hadás* refere-se ao “olho do coração”. Como consta em *Cohêlet* (1:16): “*Velibi raá harbê chochmá vadáat*” – Meu coração viu muita sabedoria e conhecimento. Esse “terceiro olho” é a sensibilidade que o indivíduo possui para entender os assuntos estudados. Essa sensibilidade espiritual é o desenvolvimento do intelecto ativo em relação às coisas espirituais. O terceiro *hadás*, portanto, refere-se a essa

sensibilidade que devemos desenvolver por intermédio do estudo da *Torá*, adquirindo, com isso, a visão correta de um modo de viver baseado na *Torá* e suas *mitsvot*.

VEZOT HABERACHÁ / וְזֹאת הַבְּרָכָה

A ACEITAÇÃO DA TORÁ E A SUA TRANSMISSÃO POR MOSHÊ

“*Vayhi Vishurun Mêlech behit’assef rashê am yachad shivtê Yisrael*” (Devarim 33:5) – E foi o Eterno Rei em Jerusalém, sempre que os líderes do povo se congregaram em paz, junto com as tribos de Israel.

Comentando este versículo, o *Gaon* de Vilna *zt”l* nos diz que o Povo de Israel recebeu sobre si o jugo do Todo-Poderoso em quatro ocasiões:

Vayhi Vishurun Mêlech: *Vishurun* tem origem na palavra *shirá* (cântico). A primeira vez foi durante a travessia do mar, quando disseram na *Shirá*: “*Hashem yimloch leolam vaed*” (*Shemot* 15:18) – O Eterno reinará para todo o sempre.

Behit’assef rashê am – quando se congregaram. A segunda vez foi durante a Outorga da *Torá*, no Monte Sinai, conforme consta em *Shemot* (19:8): “*Vayaanu chol haam yachdav*

vayomeru col asher diber Hashem, naassê” – E disseram todo o povo simultaneamente (como um só): Tudo o que falou o Eterno, faremos.

Yachad – juntos. O terceiro momento da aceitação do jugo Divino consta em *Shemot* (24:3): “*Vayáan col haam col echad vayomeru: col hadevarim asher diber Hashem naassê*” – E respondeu todo o povo a uma só voz e disse: Todas as palavras que falou o Eterno, faremos.

Shivtê Yisrael: A quarta e última vez foi depois da Outorga da *Torá*, descrita em *Parashat Mishpatim*: “*Ushtem esré matsevá lishnem assar Shivtê Yisrael... Vayomeru col asher diber Hashem, naassê venishmá*” (*Shemot* 24:4 e 7) – Doze colunas, pelas doze tribos de Israel... e disseram: Tudo o que falou o Eterno, faremos e ouviremos.

Na primeira oportunidade receberam o jugo do Reino do Todo-Poderoso. Na segunda, receberam o jugo da *Torá*. Na terceira vez, aceitaram cumprir os *chukim* (decretos determinados pelo Criador que a mente humana não consegue compreender) e os *mishpatim* (*mitsvot* cujos motivos são revelados); por isso nessa ocasião disseram “*naassê*” – faremos. Na quarta, aceitaram a *Torá Shebeal Pê* (a *Torá* Oral – *Mishná*, *Talmud*, etc.). Por isso, disseram “*Naassê Venishmá*” – “faremos” as *mitsvot* e “ouviremos” o que Moshê ainda nos trará dos Céus.

Sobre a transmissão da *Torá* Oral, consta no *Talmud* (*Eruvin* 54): “*Ketsad seder Mishná*” – Como estudou o Povo de Israel a *Torá* Oral? Moshê estudava diretamente com o Todo-

Poderoso. Em seguida, seu irmão Aharon sentava-se defronte a Moshê e este lhe transmitia a *Torá* Oral. Depois disso, Aharon sentava-se à esquerda de Moshê, entravam os filhos de Aharon e Moshê lhes transmitia os ensinamentos. Em seguida, El'azar (filho de Aharon) sentava-se à direita de Moshê e Itamar (outro filho de Aharon) à esquerda de Aharon (*Rabi Yehudá* sustenta que Aharon sentava-se sempre à direita de Moshê), entravam os Setenta *Zekenim* (sábios do Povo) e Moshê lhes transmitia a *Torá* Oral. Finalmente, então, o povo se acercava e Moshê lhes transmitia os ensinamentos

Desse modo, Aharon ouvia os ensinamentos quatro vezes, seus filhos ouviam três vezes, os anciãos ouviam duas vezes e o povo uma vez. Depois disso, Moshê retirava-se e Aharon transmitia os mesmos ensinamentos a seus filhos, aos anciãos e ao povo. Aharon retirava-se e seus filhos transmitiam aos sábios e ao povo. Então os filhos de Aharon retiravam-se e os sábios transmitiam ao povo. Assim, cada pessoa do povo ouvia quatro vezes cada ensinamento.

Comentando esta passagem, *Rabi Eliêzer* dizia, que cada mestre deve transmitir a seu aluno ao menos quatro vezes cada ensinamento, porque se Aharon aprendia de Moshê, que aprendia do Todo-Poderoso – nesse sistema – mais motivo temos nós, para recapitularmos os ensinamentos da *Torá*.

Essa é a última *parashá* da *Torá* e sua última letra é a letra *lámed*. Juntamente com a primeira letra da *Torá* (letra *bê*), forma a palavra “*Lev*” – coração. Pedimos ao Todo-Poderoso, que abra nossos corações e nossas mentes para sempre acei-

tarmos Sua *Torá* e cumprirmos Suas *mitsvot* como nossos antepassados o fizeram em quatro diferentes ocasiões.

Que essa influência positiva alastre-se até nós, pois nossas almas estiveram no Monte Sinai na Outorga da *Torá*. Que a chama judaica permaneça sempre acesa em nós e em nossos descendentes. Que por meio dela possamos cumprir nossa nobre tarefa – o cumprimento das *mitsvot* e o estudo da *Torá*, causa principal do envio de nossas almas dos mundos celestiais à Terra.

Que nossos corações se despertem também para o cumprimento de *guemilut chassadim* (caridade e boas ações), como consta no *Talmud* (*Sotá* 14), a *Torá* inicia com *guemilut chéssed* (D’us fez vestes para Adam e Chavá se cobrirem “*Vayáas Hashem Elokim leadam ul’ishtô cotnot or vayalbishem*” – *Bereshit* 3:21) e termina com *guemilut chéssed* (D’us se ocupou pessoalmente do sepultamento de Moshê – “*Vayikbor otô bagay*” – *Devarim* 34:6). Também disseram nossos sábios no *Talmud* (*Avodá Zará* 5): “Bem-aventurado o Povo de Israel que, quando estuda *Torá* e faz *guemilut chassadim*, domina seu instinto e não é dominado por ele.”

